



A viagem de uma vida académica

1977-2022

2ª Edição

Coleção Documentos



UMinho Editora



UMinho Editora
Documentos

AUTOR

Associação Académica da
Universidade do Minho

CO-AUTOR(ES)

Jaime Reis

António Ressurreição

Cacilda Moura

Luís Coelho

Carlos das Neves Martins

João Manuel Correia Vilar

Francisco Cota

Jorge Soares da Silva Queirós

Luís Novais

Carlos Silva

Jerónimo Silva

Vasco Leão

Jorge Cristino

Roque Teixeira

Pedro Soares

Luís Rodrigues

Hélder Castro

Carlos Videira

Bruno Alcaide

Nuno Reis

Rui Oliveira

Duarte Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Manuela Martins

CAPA

UMinho Editora

DESIGN e PAGINAÇÃO de:

"A viagem de uma vida académica 1977-2022"

João Brito

EDIÇÃO UMinho Editora

LOCAL DE EDIÇÃO Braga 2024

ISBN DIGITAL 978-989-9074-54-5

DOI <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.184>

A VIAGEM DE UMA VIDA ACADÉMICA

1977 – 2022



2ª EDIÇÃO

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| Jaime Reis | 10 |
| Como tudo começou | |
| António Ressurreição | 14 |
| A voz dos estudantes: O nascer da Associação Académica | |
| Cacilda Moura | 18 |
| Por uma AAUM de todos e para todos os estudantes | |
| Luís Coelho | 22 |
| Os alicerces da construção da AAUM | |
| Carlos das Neves Martins | 28 |
| O segundo ciclo da AAUM | |
| João Manuel Correia Vilar | 34 |
| Por uma Associação maior – Por uma Academia melhor | |
| Francisco Costa | 38 |
| Coisas de Braga – recordações de um dirigente associativo | |
| Jorge Soares da Silva Queirós | 42 |
| Uma Direção de transição! | |
| Luís Novais | 48 |
| Memórias de Dona Gata e Senhor Tricórnio | |
| Carlos Silva | 56 |
| Os anos 93 e 94 | |
| Jerónimo Silva | 62 |
| Mudança e afirmação | |
| Vasco Leão | 68 |
| Autonomia e responsabilidade para melhor servir a missão da AAUM | |

| | |
|---|-----|
| Jorge Cristino | 72 |
| Uma intensa viagem | |
| Roque Teixeira | 76 |
| Por UM caminho de futuro | |
| Pedro Soares | 80 |
| Três mandatos de maior participação estudantil | |
| Luís Rodrigues | 86 |
| As minhas memórias de uma casa | |
| Hélder Castro | 92 |
| Afirmção da importância dos estudantes da Universidade do Minho | |
| Carlos Videira | 94 |
| Estes anos são passagem... | |
| Bruno Alcaide | 100 |
| Desassossego académico | |
| Nuno Reis | 106 |
| Um beijinho com bigode... para a melhor Academia do país! | |
| Rui Oliveira | 110 |
| O plano B da pandemia | |
| Duarte Lopes | 116 |
| A retoma plena - Caos controlado, um ano de Académica | |

PREFÁCIO

A ideia por detrás da publicação do presente livro surgiu da vontade de criar um registo histórico da evolução da Associação Académica da Universidade do Minho, convidando os 30 rostos, até à data do seu 45.º Aniversário, a partilhar as suas memórias, num registo informal e aberto e desta forma assinalando esta data especial.

Todos os textos, aqui compilados, foram redigidos por cada presidente de direção do respetivo ano a que corresponde, não tendo havido lugar a quaisquer alterações por parte da Direção que elaborou a obra.

As Direções de 2021 e 2022, a que deu início ao projeto e apresentou a sua 1.ª edição na semana de celebração do 44.º Aniversário da AAUMinho, e aquela que traz agora a 2.ª edição deste livro mais completo, respetivamente, convidam toda a comunidade a folhear esta obra e a viajar pela história da academia, contada pelos estudantes.



PRESIDENTE

Jaime Reis

MANDATO(S)

1976/1977

BIOGRAFIA

Iniciei o meu percurso na Universidade do Minho no curso de Engenharia Têxtil. À época, estava a cumprir tropa no Regimento de Infantaria N.º8 e soube, por mero acaso, que a Universidade iria abrir portas, em Braga. Inscrevi-me naquele que penso que foi o primeiro Curso desta Universidade, quando as aulas eram no Salão Medieval do Largo do Paço e as salas eram divididas por biombos. Mudamos de instalações quando eu frequentava o terceiro ano do curso, passando para a Rua D. Pedro V e por último, já no quarto e quinto ano, na cidade de Guimarães. Os campus de Gualtar e Azurém ainda não existiam na altura. Quando completei o curso, já trabalhava a tempo inteiro na área em que me formei, na fábrica Confetil, no distrito do Porto. Continuei o meu percurso na área, fui trabalhando em mais algumas empresas e terminei numa fábrica com mais de 1500 colaboradores, onde desempenhei funções de Diretor Industrial e Administração.

COMO TUDO COMEÇOU

Sobre a Associação

Uma grande vantagem dos alunos que frequentaram a Universidade do Minho no mesmo período que eu foi, sem dúvida, a relação com os docentes. Eles estavam a começar e nós também, o percurso era desconhecido para ambas as partes e desta forma, aprendíamos uns com os outros. Todos precisávamos muito uns dos outros. Numa fase em que vivíamos o 25 de abril, onde as liberdades eram diferentes, todos estávamos a lidar com uma nova realidade e por isso, uma simples reunião, onde podíamos falar de tudo, até às horas que entendêssemos, era muito valorizada, algo a que hoje não damos o mesmo valor.

Principais desafios enquanto estudante e enquanto dirigente associativo

Tudo era novo para todos, o desafio para formar a Associação Académica partiu de cima.”

“A relação entre os 3 começou a partir da eleição e, apesar de termos opiniões completamente diferentes, entendíamo-nos, mas havia muitas discussões. Acabamos por nos reunir e formar a Associação.” Fazíamos peditório na Avenida para podermos criar a Associação “Não tínhamos uma sede, não tínhamos uma cadeira.”

Prioridades do Grupo

“Conhecermo-nos de forma a formarmos uma equipa, um espírito de grupo dentro da Universidade.”

Queríamos intervir no meio ambiente, nas equipas desportivas, criamos um teatro e uma semana académica. Pretendíamos que a universidade se desenvolvesse no universo estudantil.

Para nós era importante estarmos a par do que acontecia no país, estávamos a formar o futuro do nosso país, nem que fosse preciso reunir às três da manhã. Vínhamos de um caminho sem liberdade e era fundamental encontrarmos uma voz e um espaço para nós dentro do quadro político (não havia partidos, estavam a formar-se).

1.ª Greve estudantil

Os dois cursos de engenharia conseguiram retirar um professor que decidiu dar os apontamentos todos em inglês. Para entrar na universidade não era necessário saber falar inglês, nas escolas de engenharia não havia ofertas de línguas e a maioria na altura não sabia falar nem francês, nem inglês, a não ser que tivessem feito cursos por fora. Na altura não havia praticamente livros em português.

Reuniu o grupo e fizeram greve às aulas até a reivindicação ter sido ouvida, passado “2 ou 3 meses”.

Reivindicação pautada pela Associação.

Tradições que se mantêm

Semana cultural.

“Era muito importante para nós para conseguirmos perceber aquilo que se passava na universidade e à nossa volta por todo o país”.

Área do Desporto.

Participaram num torneio de futebol em Lisboa (única coisa a nível nacional)

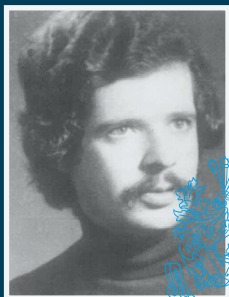
Não havia equipamentos.

“Lançamos as primeiras daquilo que aconteceu depois de uma forma muito positiva. Hoje tenho muito orgulho em ter sido estudante da UMinho.”

Mensagem

“Eu acho que neste momento começa a haver algo muito perigoso para os estudantes e para todos nós: a falta de espírito de grupo, espírito de associação.”

“Não se esqueçam que não estamos sós no mundo, precisamos muito de estar unidos. O espírito de associação é fundamental para que a sociedade sobreviva, no bom sentido da palavra.”



PRÉSIDENTE

António Ressurreição

MANDATO(S)

1977/1978 • 1979/1980

BIOGRAFIA

Enquanto estudante, no último ano de engenharia, comecei a dar aulas na Carlos Amarante e, posteriormente, em Barcelos. Anos mais tarde, dediquei-me inteiramente à Engenharia, numa primeira fase como estagiário numa empresa têxtil na qual, 10 anos depois, tive oportunidade de exercer funções de administrador. A partir desse momento, assumi um papel de empresário empreendedor e, em 1993, criei um pequeno grupo têxtil constituído por três empresas. Vinte e cinco anos depois, em 2018, vendi o grupo e hoje, depois de adquirir o espaço Solar das Bouças, dedico-me à atividade agrícola.

A VOZ DOS ESTUDANTES: O NASCER DA ASSOCIAÇÃO ACADÊMICA

Ao longo do meu percurso, sempre estive ligado ao movimento associativo, tanto em associações ligadas ao ramo empresarial, como profissional e ainda hoje tenho ligação à Associação Empresarial do Minho, na qual integro a Assembleia Geral.

Em 1976, ingressei na Universidade do Minho, que se encontrava numa fase de instalação e lançava as suas primeiras pedras. Encontrávamos uma Universidade do Minho inicial e como tal, os estudantes, professores, colaboradores e funcionários não tinham todas as condições que gostariam para desenvolver a sua atividade, o que era normal na altura, fruto da recente instalação da instituição. Por este motivo, as pessoas tinham a necessidade de se organizar para encontrar soluções para alguns problemas que existiam, uma vez que as carências eram enormes, como por exemplo, a não existência de cantinas, uma residência universitária, que surgiu apenas depois, a falta de materiais de apoio ao estudo, material escolar e muitas outras coisas. Ou seja, as necessidades mais básicas dos estudantes estavam ainda por cumprir.

Iniciava-se, assim, um processo de instalação e aprendizagem que envolvia todos.

Havia uma grande cumplicidade entre professores, alunos e funcionários, que partilhavam os mesmos espaços e, muitas vezes, as mesmas preocupações. Estávamos todos no mesmo barco, com problemas semelhantes e por isso, era do interesse de todos trabalhar na resolução dos mesmos.

Foi nessa altura que me envolvi no movimento estudantil. A perspectiva de organizações estudantis na época era de uma lógica muito “sindicalista”, no sentido da resolução dos problemas imediatos. Apenas mais tarde se começou a dar resposta a outras necessidades, no âmbito cultural e desportivo. Ainda no seu processo de criação, a Associação sofreu influência do movimento estudantil antes de Abril, à semelhança de Coimbra e por isso, há uma matriz que foi seguida, uma vez que a forma de os estudantes se organizarem vinha das escolas mais antigas. Não havia propriamente uma estrutura, quando tudo se iniciou, éramos apenas um grupo de estudantes, que se formou de forma orgânica.

As pessoas encontravam-se, reuniam-se, numa época em que a percentagem de trabalhadores estudantes era muito elevada, o tecido estudantil era muito diferente daquilo que existe hoje, não só pela escala, por serem muito menos, pouco mais de 100 inicialmente, como pelo perfil. Estes eram estudantes que já tinham outra experiência e, da mesma forma, por serem poucos estu-

dantes, todos se encontravam nos intervalos e a mobilização, troca de ideias e participação era mais simples e muito alta. Naturalmente, eram também estudantes mais velhos, muitos destes vinham do serviço militar, depois de terem interrompido o seu percurso académico.

A vontade da constituição de uma Associação surge da necessidade de os estudantes terem uma voz e, conseqüentemente, funcionar como um órgão representativo dos estudantes, tanto nos assuntos internos da Academia, como a nível externo, com o Ministério da Educação, por exemplo.

Através de uma Assembleia Geral foram eleitos três estudantes que deram origem a uma pró-Associação, com o intuito de iniciar o processo de constituição daquela que viria a ser a Associação Académica da Universidade do Minho.

Depois da constituição da Associação, tornou-se possível a concretização de um Plano de Atividades, apesar do pequeno orçamento. A Associação passou, assim, a atuar em duas grandes frentes, por um lado, numa vertente de representação, na reivindicação por melhores condições para os estudantes que frequentavam a Academia, como por exemplo o acesso a materiais de apoio ao estudo que eram escassos, uma grande limitação que tentamos combater e, por outro, à medida que estas necessidades mais básicas iam sendo supridas, surgem as atividades complementares extra curriculares culturais e desportivas.

Recordo-me, ainda hoje, de várias atividades culturais que marcaram não só a Academia Minhota, como a própria cidade de Braga e que tiveram o seu início neste anos, como a criação dos primeiros Núcleos de Desporto e, ainda nessa época, apesar de muito novos e inexperientes neste campo, a Associação começou a participar nos campeonatos universitários com equipas pequenas e, logo no primeiro ano, fomos campeões nacionais de Voleibol Feminino. Tudo se foi aperfeiçoando e melhorando desde então, até aos dias de hoje, em que a Academia do Minho é uma referência no Desporto Universitário em termos nacionais e europeus.

Já a nível Cultural, o Teatro Universitário iniciou também connosco, através duma pequena companhia de Teatro, com instalações na Rua D. Afonso Henriques, no piso de baixo da primeira sede da Associação Académica da Universidade do Minho. Nasceram aí os primeiros atores, fizeram-se os primeiros ensaios e sentiu-se uma abertura à atividade de tal forma que não participavam apenas estudantes neste Núcleo de Teatro, mas também docentes e funcionários da própria Universidade, sendo muitos deles referência a nível profissional nestas artes.

A Semana Cultural é outro dos grandes marcos destes mandatos, onde durante vários dias se realizavam atividades para a comunidade académica e para a cidade. Eram vários os artistas convidados a participar, desde a área plástica, musical, teatro, entre outros. Houve várias participações muito interessantes de pessoas que passaram por este evento, como o Zeca Afonso, Sérgio Godinho, os Turbante...muita gente, com grande qualidade!

Sem dúvida, todos estes momentos marcaram o meu percurso de formação. A todos aqueles que são hoje estudantes, deixo a mensagem de que um curso não é licenciarse. Não posso dizer que me licencié na Universidade do Minho, mas sim que me formei na Universidade do Minho, ou seja, a formação é muito mais do que uma licenciatura ou um doutoramento e a participação dos estudantes em atividades para além daquilo que é o currículo académico restrito é fundamental. Para mim, no desenvolvimento pessoal e profissional foi tão importante a licenciatura como o tempo que dediquei e trabalhei na Associação Académica, porque me deu uma bagagem, capacidade de liderança, relacionamento, gestão de conflitos e muitas outras competências que não se aprende nos livros, muito menos num curso de Engenharia. Desta forma, considero de grande importância a participação dos estudantes no meio académico, através de associações, núcleos e grupo que trabalham para a comunidade. Envolvam-se na discussão e resolução de problemas, nas áreas culturais, desportivas... Não se limitem a estudar! Um currículo tem de ir muito mais além, se ambicionam, de facto, ser homens e mulheres mais completos.

Hoje, acho fundamental os valores e a eleição de boas causas, capazes de mobilizar as pessoas em torno delas. Há tanto a acontecer à nossa volta, seja em Portugal ou lá fora por isso, penso que há uma responsabilidade da Academia e dos dirigentes associativos que desempenham funções de elegerem boas causas e defenderem bons valores, que sejam partilhados e fundamentais para a sociedade em que vivemos e para a sociedade do futuro.

**PRÉSIDENTE**

Cacilda Moura

MANDATO(S)

1981/1982

BIOGRAFIA

Cacilda Moura, natural do concelho de Montalegre (Vila Real), é Licenciada em Ensino de Física e Química e doutorada em Física pela Universidade do Minho/Universidade de Paul Sabatier (Toulouse – França). Foi Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho (1981/82), Vice-Presidente da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade do Minho (1989/91) e Presidente da Associação dos Antigos Estudantes da Universidade do Minho (1991/93). É docente/investigadora do Departamento/Centro de Física da Escola de Ciências da Universidade do Minho e faz parte da equipa do Centro IDEA-UMinho.

POR UMA AAUM DE TODOS E PARA TODOS OS ESTUDANTES

Entrei na Universidade do Minho, como aluna da Licenciatura em Ensino de Física e Química, no ano de 1979. O meu percurso como estudante da UMinho seria certamente diferente se não tivesse sido eleita Presidente da Associação Académica em 1981. Para contextualizar o que foi a minha passagem pela AAUM, permitam-me fazer um pequeníssimo enquadramento da Universidade do Minho, no início dos anos 80.

A UM tinha cerca de 1500 estudantes oriundos, na sua maioria, de distritos não circunvizinhos e que se distribuíam por cerca de 15 cursos. As aulas eram lecionadas no edifício da Rua D. Pedro V, onde atualmente é a sede da Associação Académica, nos pavilhões verdes da Rodovia (os mesmos pavilhões que ainda hoje se encontram no campus de Azurém) e na Rua Abade da Loureira. Os alunos que frequentavam os cursos de engenharia tinham o seu percurso académico dividido entre Braga, nos dois primeiros anos, sendo os três últimos anos lecionados em Guimarães, no Palácio de Vila-Flor.

A Associação Académica da UMinho, e as associações estudantis de todas as outras instituições universitárias, estava politizada, mas de um modo muito empenhado, fruto da efervescência política e social que o país viveu no pós-abril de 1974. De acordo com os estatutos da AAUM daquela altura, era exigido aos estudantes o pagamento de quotas para que fossem membros de pleno direito, e somente estes poderiam participar na eleição dos seus Órgãos Diretivos.

Neste contexto um grupo de estudantes, que não se revia nos projetos políticos da direção da AAUM em exercício e sentia que os interesses relativos às vertentes pedagógica, cultural, desportiva e de apoio social não estavam a ser acautelados, desencadeou uma série de iniciativas ainda durante o ano de 1980. No seguimento destas movimentações apareceu o processo de candidatura à direção da AAUM, que culminou com a eleição de novos corpos dirigentes, em junho de 1981, comigo na liderança da lista. Não tinha qualquer experiência associativa, nem tinha ambições políticas para me apresentar como candidata a presidente. A minha candidatura foi fruto de uma série de acasos, que culminou com a eleição da primeira e única mulher presidente da AAUM. Tenho de dizer que me continuo a orgulhar deste facto.

Durante o mandato da direção a que pertenci, a defesa dos interesses dos estudantes e a resposta aos seus desafios e necessidades estiveram sempre na primeira linha de atuação. Neste ponto devo referir que, em tempos também eles conturbados para Universidade, as excelentes relações

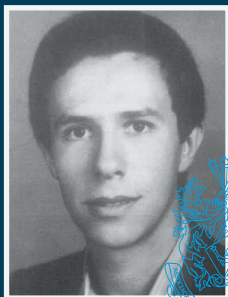
mantidas com a equipa Reitoral que seria eleita pouco depois, constituída pelos Professores Lúcio Craveiro da Silva, Sérgio Machado dos Santos e João de Deus Pinheiro, e com o Diretor dos Serviços de Ação Social, Dr. Armando Osório, em muito contribuíram para que as iniciativas e intervenções feitas, tivessem sucesso. A este propósito gostaria de referir que a AAUM, através do seu presidente, foi membro da Mesa Eleitoral nas eleições para Reitor, em novembro de 81, tendo sido eleito o Professor Lúcio Craveiro da Silva – o Primeiro Reitor Eleito em Portugal.

Não querendo ser exaustiva, até porque a memória pode atraíçoar, recordo que uma das primeiras ações, foi tornar a sede da AAUM, na altura situada na Rua D. Afonso Henriques, mais acolhedora e transformá-la num local de convívio, de estudo e de discussões acaloradas para todos os estudantes da UMinho. A sede tornou-se “a casa” para a maioria dos estudantes deslocados.

A AAUM organizou, pela primeira vez, a “Semana da Receção ao Caloiro”, que decorreu em novembro de 1982 e a primeira “Semana Académica da Universidade do Minho”, que decorreu em maio de 1982, em parceria com a Faculdade de Filosofia da Universidade Católica.

A presidência da AAUM permitiu-me conhecer a UMinho de uma forma diferente e deu-me a possibilidade, e o privilégio, de conviver e de trabalhar com pessoas que muito contribuíram para a minha formação. De toda essa gente, não posso deixar de destacar a equipa reitoral: o saudoso Professor Lúcio Craveiro da Silva, Reitor, um homem de uma cultura e de um humanismo extraordinários, com quem aprendi a importância do diálogo e da confiança nos outros; o Professor Sérgio Machado dos Santos e o Professor João de Deus Pinheiro, vice-Reitores, com quem aprendi a importância do empenho, do rigor, da organização e do pragmatismo no trabalho que desenvolvemos e, com quem também aprendi, que as decisões difíceis são sempre solitárias.

Hoje continuo na UMinho fazendo parte do seu corpo docente. O período em que fui presidente da AAUM foi de tal modo rico que essa experiência continua a ajudar-me hoje, nas diversas situações que um docente universitário tem de enfrentar.



PRESIDENTE

Luís Coelho

MANDATO(S)

1982/1983

BIOGRAFIA

Luís Jorge Vaz Santos Antunes Coelho, 61 anos, está por concluir o Curso de Relações Internacionais, depois de várias mudanças de Curso, na Universidade do Minho, casado com Júlia Coelho, licenciada em Gestão de Empresas pela Universidade do Minho, 1 filha, Mariana Coelho, licenciada em Ciências da Comunicação, pela Universidade do Minho.

Chefe de Departamento Comercial, Gestão de Resíduos Industriais Privados, na Mota Engil Ambiente, em Angola, Luanda, desde 2011.

OS ALICERCES DA CONSTRUÇÃO DA AAUM

Recordar o que se passou há 39 anos na Direção da AAUM, a que tive o orgulho de presidir, é deveras aliciante, mas ao mesmo tempo complicado, pois a memória pode-nos falhar.

Mas comecemos a recordar:

O meu primeiro ato associativo na UM foi a participação, aquando do meu ingresso, em 1980, na equipa organizativa da 1ª Receção ao Caloiro, com um Baile Académico, no Hotel do Bom Jesus.

Em 19 de Maio de 1981, depois de uma violenta Reunião Geral de Alunos (RGA) – com feridos, um dos quais o nosso colega e amigo António Cunha que viria a ser Reitor desta instituição, bem como notícia de abertura do Telejornal da RTP, das 20 horas, reportando os confrontos entre estudantes da Universidade do Minho e a intervenção da PSP, no interior do Complexo Pedagógico D. Pedro V – sou nomeado para fazer parte da Comissão Encarregada da Elaboração do Projeto de Regulamento do Futuro Processo Eleitoral. Neste Regulamento, aprovado por maioria, em RGA, no dia de 30 de Maio de 1981, nas primeiras instalações da AAUM, situadas na Rua D. Afonso Henriques, fica definido como uma das prioridades que todos os estudantes da Universidade do Minho possuam direito a voto para as Eleições da AAUM, o que não acontecia até essa altura, pois só podiam votar os associados da AAUM com as quotas em dia.

Em 1981/1982 tinha feito parte da Direção anterior, como Vice-Presidente Externo, no mandato da Presidência de Cacilda Moura, o qual foi um ano de aprendizagem e mesmo de liderança, a partir de um certo tempo.

Sem desprimor do trabalho válido e magnífico de todos os colegas que me antecederam e sucederam na Direção da AAUM, o meu mandato foi determinante na construção dos alicerces bastante sólidos e da visão da construção da AAUM, do que ela é hoje, a maior Associação Académica de Portugal, ultrapassando sem dúvida AAC, a mais antiga Associação Académica.

Não posso deixar de referir a total colaboração da Reitoria da Universidade do Minho, nos anos de 1981 a 1983, dirigida pelo primeiro Reitor eleito democraticamente, depois do 25 de Abril, nas Universidades Portuguesas, o meu querido e saudoso amigo Prof. Dr. Lúcio Craveiro da Silva, o melhor Reitor de sempre da Universidade do Minho.

Não posso esquecer de que todas as quartas-feiras, da parte de tarde, o Presidente da Direção da AAUM era recebido para longas reuniões com o Senhor Reitor, Prof. Dr. Lúcio Craveiro da Silva, onde se discutia o futuro da Universidade do Minho e a sua projeção em Portugal e na Europa, bem como o projeto que apresentamos das futuras instalações da AAUM, incluído a componente Desportiva, no futuro Campus de Gualtar. Recordo a proposta que lancei ao Sr. Reitor dos novos Cursos de Direito, Medicina – foi um projeto desde o arranque da Universidade de Braga, que depois do 25 de Abril passou para Universidade do Minho – e Arquitetura, entre outros. Do nosso empenho, e com total apoio da Reitoria e dos Serviços Sociais, conseguimos uma verba substancial da Fundação Calouste Gulbenkian para a construção de uma ala da Residência Universitária de Santa Tecla, da construção do Anfiteatro da AAUM, na D. Afonso Henriques, na aquisição do 1.º Autocarro da Associação Académica da Universidade do Minho, a cedência de um amplo espaço no Complexo Pedagógico D. Pedro V para os Serviços de Reprografia da AAUM.

Recordo as discussões que tivemos com o Sr. Reitor sobre a questão do Polo de Guimarães e este, sempre com uma inteligência e visão sábia, chamou-me à razão e consegui que a Direção da AAUM tivesse reunido, pela primeira vez, com o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e várias associações vimaranenses... A AAUM tinha o apoio do Presidente da Câmara Municipal de Braga, Eng.º Mesquita Machado, que disponibilizaria instalações para os últimos anos dos Cursos de Engenharia, ministrados oficialmente em Guimarães – mas, na realidade, a grande maioria das aulas era lecionada em BRAGA - se a Reitoria terminasse com o Polo de Guimarães.

Refiro como estava em termos de organograma a gestão da Direção da AAUM, bem como alguns dos assuntos que ajudamos a concretizar no mandato 1982/1983:

Gabinete Diretivo – Presidente: Luís Jorge Coelho

Vice-Presidente: João Lúcio Albuquerque

- Concretização do arranque das Instalações Definitivas do Pólo de Gualtar
- Estatutos da Universidade do Minho
- Solução para o Polo de Guimarães
- Criação da União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP)
- Pela Autonomia Universitária

Gabinete de Contabilidade e Gestão Financeira – Tesoureiro: Carlos Martins

- Campanha dos 1.000 Associados
- Informatização do Gabinete

Gabinete de Trabalho – Departamentos:**Administração Interna – Diretor: João Albuquerque**

- Melhoria das instalações da AAUM
- Criação Livraria/Papelaria da AAUM
- Criação de Bar Universitário
- Criação de uma editora para produção de sebatas e outros trabalhos

Atividades Comemorativas, Festivas e Recreativas – Diretor: Jorge Castanho

- Receção ao Caloiro
- Convívios Mensais na AAUM
- Semana Académica
- Convívios Especiais: São João, Natal e Carnaval

Cultural – Diretora: Maria Ester

- Criação do Teatro Universitário
- Criação do Orfeão da UM
- Criação de Grupo Musical
- Criação de Grupo Folclórico das AAUM
- Exibição de Filmes
- Realização de Exposições de Pintura e Cerâmica

Desportivo – Diretor: Luís Costa

- Criação de Seção de Futebol
- Criação do Andebol
- Criação de Voleibol Feminino
- Criação de Atletismo
- Criação de Canoagem
- Ténis de Mesa – Única Modalidade Federada

Informação/Redação – Diretor: José António

- Criação de uma revista Cultural Científica
- Jornal Informativo da AAUM
- Contactos com os órgãos da Comunicação Social

Pedagógico – Diretor: Amâncio Torres

- Diversificação de Cursos: novos cursos de Medicina, Direito, Comunicação, Arquitectura...
- Qualidade de Ensino
- Estatuto Estudante/Trabalhador
- Aumento do “Numerus Clausus”
- Garantias de estágios e colocação de 1.º emprego

Social – Diretor: José Costa

- Alargamento Residência Universitária
- Gabinete Médico
- Seguro do Estudante Universitário (obrigatório)

E a

Mesa da Reunião Geral de Alunos – Presidente: Fernando Ferrinha**Conselho Fiscal e Jurisdicional - Presidente: Manuel Moreira**

Esta minha equipa foi espectacular. Um obrigado a todos, pois formamos uma verdadeira equipa, muito coesa, e cativamos os estudantes da Universidade do Minho, docentes, funcionários e a população bracarense.

Mas, como recordar é viver, saliento partes do preâmbulo do meu Programa Eleitoral, Lista C, elaborado em Junho de 1982:

“Ao apresentamo-nos aos estudantes, fazemo-lo na certeza de interpretar o sentir e o querer dos que frequentam a Universidade do Minho, e numa perspetiva de afirmação de confiança num projecto de Trabalho Associativo.

Foi possível no último ano começarmos a assistir à “viragem associativa” bem como criar valores e conceitos correspondentes ao encontro dos estudantes com a cidade de Braga e a região do Minho.

Hoje, mais do que nunca, teremos de dar continuidade, num plano de participação na vida associativa, aos objectivos decorrentes da defesa do todo estudantil e, bem assim, à Democraticidade de processos.

Não queremos que nunca mais aconteça na AAUM um ambiente de agressividade política, de confronto físico entre estudantes, a instrumentalização político-partidária e a consequente desvirtuação do Movimento Associativo, inerentes ao projecto totalitário.

É que, para nós que lutamos por uma proposta séria para uma Associação Académica mais Forte e mais Eficaz, estamos empenhados pela competência, integridade, verdade, honestidade, coerência, responsabilidade, liberdade, democracia, entre todos os estudantes da Universidade do Minho.

Há que pensar a Associação e a Universidade na Comunidade de interesses, que não seja no plano da "luta de classes" ou de condicionamentos impostos por um pensamento obscuro, dogmático e espírito arruinado.

Rejeitamos hoje e sempre, o confronto sistemático e a instabilidade. Estamos empenhados em pugnar processualmente pelo diálogo e concretização entre os estudantes.

Terá de haver um prosseguimento na AAUM de um Reformismo ultrapassando gradualmente os problemas e servindo os estudantes, no acesso à cultura e ao desporto, bem como no plano pedagógico e dos serviços fundamentais.

Estamos e estaremos empenhados a dar à AAUM um processo reformista do Trabalho Associativo, assumindo a vontade Associativa, preservando a estabilidade...

Saibamos dignificar a Instituição associativa, atuando gradativamente e com criatividade, numa linha de defesa da própria Identidade Estudantil.

Quanto ao Presente e ao Futuro, uma promessa fica: a de que faremos o que nos for possível para tornar a Associação Académica da Universidade do Minho – A.A.U.M. uma casa melhor, onde se entre com prazer e saia com mais tristeza..."

Obrigado, Associação Académica da Universidade do Minho.



PRÉSIDENTE

Carlos das Neves Martins

MANDATO(S)

1984/1985

BIOGRAFIA

Nasci em Portimão a 16 de junho de 1961 e, por opção, matriculei-me em 1980 na Universidade do Minho (UM) em Relações Internacionais - Assuntos Económicos e Políticos, tendo iniciado a minha vida profissional em 1985 no então Instituto Politécnico de Faro. Ao longo destas quase quatro décadas, exerci vários cargos políticos, designadamente Autarca no Município de Portimão, Deputado na Assembleia da República, Secretário de Estado da Saúde e Secretário de Estado Adjunto do Ministro do Turismo, e funções públicas, destacando as de Presidente do Instituto da Juventude, Presidente da Administração Regional de Saúde do Algarve e Presidente do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte. A nível académico, para além de ser quadro da Universidade do Algarve, fui Professor Convidado na Pós-Graduação em Gestão da Saúde da Universidade Europeia, Professor Associado Convidado nas Ciências Biomédicas e Medicina da Universidade do Algarve, Professor Auxiliar Convidado no Mestrado Integrado da Universidade Lusófona, Presidente do Centro Académico de Medicina de Lisboa e atualmente sou Presidente do Conselho Consultivo do Centro Académico de Investigação e Formação Biomédica do Algarve.

O SEGUNDO CICLO DA AAUM

Como tenho sempre afirmado, devo o meu percurso de vida pública e privada à formação teórica que recebi nos bancos da UM e à formação prática que tive nas funções desempenhadas na Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM), em que a primeira deu-me um sólido conhecimento técnico muito diversificado, próprio do curso de Relações Internacionais, e a segunda deu-me um forte sentido de serviço público, bem como da importância da participação cívica e crítica.

As minhas memórias da UM remontam pois ao ano de 1980, quando ingressei no curso de Relações Internacionais, sendo o 1.º aluno do Algarve na instituição, num ano letivo em que a população estudantil duplicou e em que aumentou a diversidade geográfica dos discentes da Academia. No ano seguinte, integrei um movimento de estudantes, a maioria recém-chegados à UM, que concorreu à AAUM e que ganhou as eleições, iniciando-se aí o que considero ser o segundo ciclo da sua história e o meu percurso de dirigente, primeiro como Presidente do Conselho Fiscal (1981), seguindo-se os cargos de Tesoureiro (1982), Vice-Presidente (1983) e Presidente da Direcção (1984).

Foram anos de crescimento do número de alunos oriundos de todos os pontos do país e também de vários países africanos de língua portuguesa que só iam a casa nas principais férias letivas. Os primeiros e os segundos, em regra, ficavam longos períodos sem irem aos seus países de origem, o que causou, por um lado um conjunto de dificuldades e, por outro lado, várias oportunidades para as Direcções da AAUM a que pertenci de 1981 a 1985. Dificuldades desde logo pela pressão contínua dos colegas para uma maior participação da AAUM na discussão e resolução dos problemas pedagógicos e nas respostas da ação social, mas também pressão para termos novas atividades desportivas e culturais e para ombrearmos com outras Associações e Academias mais antigas. Oportunidades pela disponibilidade de participação nas listas e equipas de trabalho que eram criadas na AAUM, assim como pela ambição dos alunos no crescimento da sua Associação e no desenvolvimento das atividades. Nesta conjuntura de disponibilidade e ambição, a Semana Cultural passou a Semana Académica, num formato mais homogéneo com Lisboa, Coimbra e Porto, e foi criado o Cortejo Académico, momento em que os estudantes inundavam as ruas de Braga com a sua alegria e desfilavam com os carros dos seus cursos.

Foi neste contexto que iniciamos também uma profícua relação de parceria com os nossos colegas da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, criando-se uma cultura académica transversal às duas instituições, embora no respeito pela autonomia e tradições de cada uma das partes,

e estratégias comuns extremamente úteis para a capacidade organizativa e sustentabilidade de várias atividades.

De recordar que estes crescimentos, da UM e da AAUM, não tiveram, no período em referência (1980 a 1985), impacto nos meus/nossos percursos quotidianos e que foram sempre iguais: Largo do Paço (Reitoria, Serviços Académicos e Serviços Sociais), Rua D. Pedro V e mais tarde também Rua do Castelo (Aulas), Rua do Conservatório (Cantina) e Rua Dom Afonso Henriques (AAUM). Importa referir que os meus colegas dos Cursos de Engenharia faziam os primeiros anos em instalações junto ao Conservatório Calouste Gulbenkian e depois passavam para o Pólo de Guimarães, mas praticamente todos mantinham a sua residência em Braga e a sua participação nas equipas dirigentes e atividades da AAUM.

Das memórias do meu mandato de Presidente (1984 a 1985) decidi, com natural dificuldade de escolha, partilhar algumas realizações que ainda hoje me fazem sorrir de felicidade e orgulho na equipa que as consegui, mas também partilhar um momento de maior tensão que poderia alterar o rumo da história de sucesso da AAUM, escrita por várias gerações de dirigentes, desde o longínquo dia 19 de dezembro de 1977.

Na área pedagógica e social, escolhi recordar a criação de uma Assembleia de Representantes, que reforçou, de forma organizada, a pluralidade de participação na vida da AAUM e sobretudo nas suas responsabilidades de defesa dos interesses e direitos dos estudantes. A sua existência permitiu que a Direção tivesse, de forma célere, o sentir dos representados e que estes recebessem informação em tempo, numa altura em que a comunicação era feita só através de comunicados, reuniões e contactos pessoais. Em 1984, na luta contra o aumento das propinas e do preço das refeições nas cantinas, esta forma de contacto e comunicação permitiu-nos ter legitimidade representativa para estar na vanguarda do movimento estudantil e fomos uma das Associações Académicas recebidas pelo então Primeiro-Ministro, Dr. Mário Soares, acompanhado do então Ministro da Educação e de Reitores em representação do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) e do Conselho de Ação Social do Ensino Superior (CASES). Esta presença na primeira linha conferiu à AAUM a responsabilidade da presidência do Encontro Nacional das Direções Associativas (ENDA) nesse período crítico de duras, e longas, negociações e de apresentação de contra propostas, fundamentadas e quantificadas, ao Governo, o qual não avançou com o que tinha anunciado e deu razão aos estudantes universitários.

Na área cultural estimulamos a criação de um Grupo de Fados de Coimbra, que durou pouco tempo, e apoiámos a criação do Grupo de Música Popular da Universidade do Minho, hoje uma referência regional e nacional. Não posso deixar de recordar, ao falar de música, que neste período surgiram uns estudantes que amiúde faziam serenatas, as quais como manda a tradição eram feitas durante a noite e debaixo de algumas janelas em vários pontos da cidade, com alegria de quem as recebia

e desespero dos vizinhos pouco habituados aquela nobre forma de galanteio estudantil, que reclamavam e que por vezes chamavam a PSP, diga-se, em abono da verdade, sem resultados práticos.

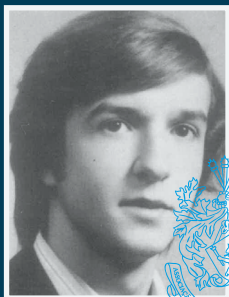
No auge da luta contra o aumento das propinas em 1984 e das muitas reuniões, por vezes na própria cantina e em que comunicávamos informações de pé numa cadeira, um pequeno grupo de estudantes sugeriu que criássemos uma rádio pirata, as quais existiam em vários pontos do país nessa altura, para podermos ter um meio de comunicação mais rápido e também termos programação musical e cultural. Com o apoio financeiro da Reitoria e os conhecimentos de dois colegas com experiência de rádios pirata, montamos um estúdio por baixo das bancadas do pequeno auditório da sede, com entrada pela Rua do Farto, e a antena no telhado do edifício da AAUM. E, em data que não consigo recordar, fizemos a primeira emissão à hora de jantar, avisando a comunidade estudantil e colocando alguns colegas nos seus carros em vários pontos da cidade e arredores. Só que ninguém conseguiu ouvir essa épica primeira emissão em casa ou nos carros, exceto os vizinhos e os clientes dos cafés das redondezas, dado que entramos no sinal da RTP e emitimos som, com muito ruído, via televisões! E nessa noite, recebemos a visita da PJ que tinha tido interferências nas suas comunicações... Mas depois de vários testes, lá conseguimos ter emissões a partir do nosso micro estúdio, onde não era possível estar de pé. Desses tempos de inovação caseira e muita ambição, ficaram, penso eu, as raízes para em 1989 ser fundada a RUM, que é hoje incontornável em termos informativos e culturais.

Já na parte final do mandato recebemos a notícia de que a AAUM tinha ganho o Prémio de Gestão de 1985, criado pelo Ministério da Educação, que nesse ano era um autocarro, o primeiro da Associação, tendo sido recebido no mandato seguinte.

O momento de maior tensão que referi anteriormente foi vivido quando houve uma tentativa de criação de uma AAUM em Guimarães, em rutura com a existente, situação que foi gerida em diálogo com os colegas que lideravam o movimento, com alguns compromissos da Direção, parte deles envolvendo a Reitoria, e que permitiram acabar com essa intenção. Seguramente, mas é uma opinião pessoal, a cisão teria tido várias repercussões internas e externas, com impacto no desenvolvimento e crescimento da AAUM, mas o caminho de sucesso continuou de forma imparável até aos dias de hoje.

Não posso terminar esta reflexão, desta parte da linha do tempo da minha vida, sem recordar, com imensa gratidão, quatro pessoas que foram determinantes para o crescimento da AAUM no período em que fui seu dirigente e particularmente no meu mandato de Presidente: o falecido Professor Lúcio Craveiro da Silva, o primeiro Reitor com quem trabalhei e o primeiro Reitor eleito em Portugal, o Professor João de Deus Pinheiro, segundo Reitor neste período de dirigente, o Professor Sérgio Machado dos Santos, Vice-Reitor primeiro e Reitor em parte do meu mandato, e o Dr. Armando Osório, Administrador dos Serviços Sociais. De todos os Reitores atrás menciona-

dos, tivemos sempre uma total disponibilidade para apoiarem a AAUM e os seus projetos, muitos deles completamente inovadores e de risco, recordando o projeto da rádio, mas também para nos integrarem em diversos patamares de representação interna e apoiarem a nossa presença em órgãos externos à UM, como foi o caso do CASES. Sobre o Dr. Armando Osório precisaria de mais algumas páginas para recordar momentos importantes, em que foi um genuíno parceiro da AAUM e dos seus dirigentes, contribuindo, no âmbito das suas responsabilidades, para o sucesso das nossas atividades e para a resolução de vários problemas dos estudantes, envolvendo-nos sempre e sobretudo responsabilizando-nos, enquanto dirigentes, nas decisões tomadas. Mas tivemos do Dr. Armando Osório, acima de tudo, uma ímpar disponibilidade para uma palavra amiga em momentos difíceis e para um pertinente conselho em situações mais complexas, forma de estar pessoal e profissional que criou um respeito e uma amizade que perdura até hoje.



PRESIDENTE

João Manuel Correia Vilar

MANDATO(S)

1985/1986

BIOGRAFIA

João Manuel Correia Vilar, nascido a 31 de agosto de 1961 em Lara, Monção, concluiu a Licenciatura em Ensino de Matemática e Desenho, em 28 de junho de 1985, na Universidade do Minho. Foi Presidente do Conselho Diretivo da Escola C+S Calouste Gulbenkian de Braga, e Presidente da Comissão Instaladora do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, Secretário do Conselho Diretivo da Escola EB2,3 de Pias, Vice Presidente da Comissão Executiva Instaladora, Vice Presidente do Conselho Executivo e Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas do Vale do Gadanha. Atualmente, é professor de matemática e exerce o cargo de Presidente do Conselho Geral do Agrupamento de Escolas de Monção.

POR UMA ASSOCIAÇÃO MAIOR – POR UMA ACADEMIA MELHOR

Iniciei funções como Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, em 20/06/1985, integrando uma equipa de mais de 23 elementos, que compunham a única lista a escrutínio. Era reitor o Professor João de Deus Pinheiro que exercia o cargo de Ministro da Educação e era substituído pelo Vice-Reitor Professor Sérgio Machado dos Santos. Não éramos “virgens” nestas lides, uma vez que integramos já as três anteriores equipas que estiveram à frente da Associação Académica. A primeira como responsável do Departamento Cultural em 1982/1983, a segunda como Presidente da Mesa da RGA (Reunião Geral de Alunos) em 1983/1984 e a terceira como Presidente-Adjunto em 1984/1985.

Neste contexto, os problemas existentes na Academia e Universidade eram-nos sobejamente conhecidos. Apesar do trabalho árduo e meritório das anteriores equipas, que conseguiram o equilíbrio financeiro e a criação de infraestruturas necessárias ao funcionamento da Associação Académica, subsistiam ainda problemas graves com influência negativa na vida académica e estudantil. Desde logo:

- A insuficiência e dispersão das instalações escolares localizadas em Braga e Guimarães totalizando nessa altura 17 edifícios. Estes, não sendo definitivos, não eram também adequados à sua finalidade, sendo de realçar a inexistência de instalações desportivas.

- A mobilização dos alunos de engenharia, a meio do curso, para o Polo de Guimarães, sem transporte que possibilitasse a deslocação dos mesmos, acarretando mais despesas, incómodo e isolamento da vida académica.

Em face deste cenário, empenhamo-nos, em conjunto com a Reitoria, Serviços da Universidade do Minho e Ministério da Educação, na agilização da construção definitiva das instalações da Universidade do Minho, em Braga (com recintos desportivos) e Guimarães, e no desbloqueio da verba para aquisição, pela Associação Académica, de um autocarro a colocar ao serviço dos estudantes, em especial para o transporte dos alunos ao Polo de Guimarães.

Congratulamo-nos com o arranque simbolizado no Lançamento da Primeira Pedra em Guimarães a 24/11/1988 e, em especial, com a Inauguração do Autocarro de 53 lugares, no dia da Universidade em 17/02/1986, concretizando uma ambição antiga da Associação Académica. Posteriormente, ocorreu também o Lançamento da Primeira Pedra em Braga.

Outras conquistas foram acontecendo ao nível do apoio social e desenvolvimento cultural, dando corpo à nossa “bandeira” eleitoral de aumentar a ligação entre a Associação Académica e os estudantes, privilegiando as iniciativas culturais.

Mantivemos os serviços já prestados pela Associação Académica, de livraria, papelaria e reprografia, conseguindo alguns preços mais baixos e melhor qualidade com aquisição de novas máquinas. O bar da Associação Académica passou a fornecer refeições aos fins de semana e feriados, colmatando a falta de cantina nestes períodos. A medida visou especialmente os alunos deslocados em Braga e resultou de um acordo celebrado entre a Associação Académica e os Serviços Sociais da Universidade.

A nível Cultural, foi mantida a tradição da Receção ao Caloiro e Queima das Fitas, verificando-se, no entanto, algumas inovações tais como as “Jornadas Culturais”, antes da Queima, a edição da brochura “O.N.U. 40 anos – algumas opiniões”, o Curso de Sensibilização ao teatro, com a colaboração do grupo CENA. Continuaram a ser apoiados todos os grupos já existentes (música, folclore, etc.). Foram, também, retomadas as emissões da Rádio Universitária após aquisição de um novo emissor e adaptação de um espaço na sede da Associação Académica para estúdio.

O nosso alerta para a necessidade da criação de uma Lei de Bases da Educação não teve sucesso neste mandato, mas não terá caído “em saco roto”; a lei viria a ser aprovada em outubro de 1986.

Neste percurso, nem tudo foram rosas. Em dezembro de 1985, a Associação Académica ameaçou mesmo suspender as suas atividades por falta de dinheiro em virtude dos subsídios atribuídos não terem sido ainda pagos. Felizmente, a situação foi resolvida.

Como ponto alto deste mandato, testemunhamos a criação do Primeiro Senado Universitário no País, cuja posse teve lugar a 17 de fevereiro de 1986 na comemoração do 12.º Aniversário da Universidade do Minho.

Este foi, também, o nosso último ato oficial, uma vez que terminamos precocemente o mandato, cessando funções a 5 de março de 1986, na sequência de incorporação no Serviço Militar Obrigatório. Substituiu-nos até novas eleições o Presidente Adjunto Nuno Calado.

Durante todo o período em funções, realçamos o empenho e união da equipa e a colaboração direta e estreita entre a Associação Académica e a Universidade.

Como curiosidade, referimos que fomos o único Presidente da Associação, Licenciado. Esta situação inédita deveu-se ao facto de termos terminado a licenciatura 8 dias após a tomada de posse como Presidente. Pensamos que não voltou a acontecer!



PRESIDENTE

Francisco Costa

MANDATO(S)

1986/1987

BIOGRAFIA

Licenciado em Engenharia Informática pela Universidade do Minho (UM) com MBA pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Atualmente, é CEO da Santa Casa Global, empresa do universo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, tendo desempenhado, nesta última, funções de Diretor de Estudos e Planeamento Estratégico e de Diretor do Gabinete de Controlo e Gestão de Risco do Departamento de Jogos. Anteriormente, desempenhou funções de CIO numa multinacional alemã tendo, mais recentemente, sido consultor de diversas empresas e entidades nos domínios da gestão de projetos e estratégia.

COISAS DE BRAGA – RECORDAÇÕES DE UM DIRIGENTE ASSOCIATIVO

Escrever relembrando um passado com quase 40 anos, constitui um enorme desafio, sobretudo para alguém que, como eu, tem uma enorme dificuldade em se lembrar de datas, associando-as aos factos ocorridos.

Começo, assim, por pedir desculpas antecipadas aos meus colegas presidentes que me antecederam – Carlos Martins, João Vilar e Nuno (este interino) – e que me sucederam – Jorge Orlando e Luís Novais – porque poderei, em determinada altura, invocar eventos que, sendo-me próximos em tempo e empenho, não ocorreram no meu mandato.

A dificuldade de organizar no tempo a minha vida de dirigente associativo resulta também da intensidade com que vivi aqueles tempos e a relação que mantive com a Associação Académica da Universidade do Minho durante o período em que estive em Braga, que se iniciou em 1982 e terminou em 1988. Chegado à cidade, sem noção nenhuma de para onde tinha ido, a AAUM e as pessoas que naquela altura a frequentavam, constituíram uma segunda e importante família que me acolheu e me ajudou a ultrapassar os tempos iniciais de adaptação.

Foi com eles que, mais tarde, iniciei todo um percurso de atividade na Associação Académica, exercendo funções de Direção, primeiro, de Vice Presidente depois, e finalmente de Presidente, em simultâneo com cargos no Conselho Científico e Pedagógico e no Senado Universitário, para os quais fui eleito pelos meus pares.

Naquela altura, a Associação Académica assumia como sua atividade a função de acompanhamento da vida estudantil, mas também uma progressiva intervenção na vida da própria cidade de Braga. Para além de órgão representativo dos Estudantes, encaramos a participação no desenvolvimento da cidade como algo em que nos queríamos empenhar, ajudando a cidade a compreender uma nova realidade que advinha da nossa presença quotidiana, com tudo o que essa presença significava de novo para os seus habitantes.

A Universidade do Minho, ao contrário do que sucede hoje, dispersava as suas aulas por uma quantidade significativa de edifícios da cidade de Braga, tendo ainda o Polo de Guimarães, onde eram ministradas as aulas dos cursos de Engenharia a partir do 3.º ano da licenciatura (então com 5 anos letivos). Esta mudança, no final do 2.º ano, implicava a alteração do modo de vida dos estudantes de engenharia, optando muitos por manter a sua residência em Braga, onde já tinham criado algumas raízes, viajando diariamente em autocarros alugados pela própria universidade que,

a dado momento, deixou de ter capacidade para manter tal solução. A aquisição de um autocarro por parte da AAUM, com necessidade de vendas de senhas de transporte aos alunos que o utilizavam, constituiu uma das iniciativas que concretizamos, sendo necessário garantir os montantes necessários para a compra e posterior manutenção da viatura e obrigando também à contratação de um motorista profissional (se não estou enganado, o Sr. Adriano). A odisseia da compra deste autocarro é algo a figurar nas minhas memórias, quando as escrever...

O que hoje parece trivial era na altura uma aventura de alguma dimensão. A AAUM possuía, à data, 3 ou 4 funcionários (de entre os quais gostaria de mencionar o Bernardo que, durante muitos anos assegurou o atendimento na reprografia da AAUM), sendo toda a restante estrutura constituída pelos estudantes eleitos para a Associação, que acumulavam todo o trabalho realizado com a necessidade de estudo, com manifesto prejuízo deste último (pelo menos no meu caso).

Uma das linhas de atuação que sempre definimos como prioritária foi a integração com a atividade das cidades que nos tinham acolhido.

Foi sobre a nossa direção que iniciámos a Semana Cultural, como complemento às tradicionais festas de integração estudantil – a Semana do Caloiro e a Queima das Fitas, que o Luís Novais transformou mais tarde em Enterro da Gata – procurando um relacionamento com algumas das entidades culturalmente significativas da cidade. Remontam à Semana Cultural, os primeiros espetáculos realizados com a Escola de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, as exposições no Museu Nogueira da Silva e a colaboração com a Câmara Municipal de Braga, os espetáculos de teatro com a CENA - Companhia de Teatro de Braga, os concertos no Concertina e no Migaitas e a festa do Vinho Verde, onde o grupo Raízes assumiu o papel de cabeça de cartaz. Nestes anos, foram a Braga nomes da música nacional que esgotaram o Teatro Circo vezes e vezes, bonito de se ver. Tentámos, desta forma, dar a conhecer os estudantes à cidade e trazer a cidade para os estudantes, nuns tempos onde uma parte significativa dos pouco mais de 3.000 alunos da Universidade do Minho se encontravam deslocados das suas famílias, permanecendo longos períodos afastados das mesmas (os transportes eram caros, demorados e não existia sequer uma autoestrada Lisboa – Porto – Braga, quanto mais as outras).

Foi este foco na abertura à cidade que impulsionou uma segunda vertente de atuação: consolidamos as emissões da Rádio Universitária do Minho, com o Fernando Araújo, e demos o último empurrão na afirmação do Grupo de Música da AAUM, com o Veloso, o Brás e o José Lino, entre outros.

Em paralelo com a atividade cultural, candidatámo-nos à organização do Campeonato Nacional Universitário, num tempo em que a associação não tinha instalações desportivas próprias, equacionando o recurso a alugueres e cedências dos estabelecimentos de ensino secundário e da Câmara Municipal de Braga. Ganhámos e, já no mandato do Jorge Orlando, os CNUs tiveram lugar na UM.

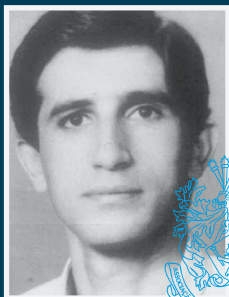
O tempo de dirigente associativo é um período que recorro positivamente pelas ações que desenvolvemos nestas áreas da cultura, do desporto e da integração com as cidades que nos acolheram.

Na componente política, a recordação é bastante menos favorável. Na altura, como se calhar agora, ganhava quem gritava mais alto, quem escolhia os parceiros mais fortes, quem, mesmo sem ter razão, se movimentava melhor nos designados corredores do poder.

Tendo sido nomeados para o Conselho Consultivo da Juventude, como representantes das Associações Académicas num Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA) realizado em Braga, logo fomos afastados quando as associações mais fortes se aperceberam da importância do cargo, de nada servindo a razão que nos assistia. Quando defendemos a conciliação de posições em questões importantes como na área da Ação Social, fomos ultrapassados por posições de oposição mais radical, mesmo que, depois e na prática, tais posições se traduzissem em benefícios inexistentes. Talvez por isso, ou seguramente por isso, a minha atividade em áreas de influência da política tenha terminado junto com o meu mandato, não tendo exercido qualquer cargo nesta área até aos dias de hoje.

Tantos anos depois, recordar os tempos de dirigente associativo não deixa, no entanto, de provocar uma enorme satisfação e alegria, sobretudo pelos momentos de camaradagem e amizade que caracterizaram esses tempos longínquos. Foram anos muito bons da minha vida, da nossa vida. Passados quase 40 anos, longe no tempo e longe de Braga, muita vida passou. Fica a saudade, sobretudo de algumas pessoas: de entre alguns, recorro em homenagem o Leonel Santos, que para além de ter sido meu vice-presidente, conjuntamente com o Jorge Orlando que me sucedeu no cargo, era o “faz tudo” da comissão de finalistas do meu curso. Sempre incansável, sempre disponível, sempre pronto para um e mais outro desafio.

Quando ganhámos, contra todas as previsões da altura, “obrigou-me” a cumprir a promessa que tínhamos feito e, dois dias depois da eleição, estávamos a descolar os cartazes de campanha da nossa lista das paredes do chamado Polo da D. Pedro V. Éramos, à nossa maneira, pessoas de palavra.



PRÉSIDENTE

Jorge Soares da Silva Queirós

MANDATO(S)

1986/1987

BIOGRAFIA

Nasci em 1962, em Marco de Canaveses. Efetuei a primeira matrícula na Universidade do Minho, na licenciatura em Relações Internacionais - Ramo Culturais e Políticas, no ano letivo 1983-1984, período que coincidiu com a prestação do Serviço Militar Obrigatório (SMO). Sou, na atualidade, diretor do Departamento de Informação, Comunicação e Relações Internacionais do Instituto Português do Desporto e Juventude, após ingressar em 1991 no ex-Instituto da Juventude.

UMA DIREÇÃO DE TRANSIÇÃO!

Deixo apenas algumas notas no mínimo curiosas quando vistas aos olhos de hoje e considerando que de cada vez que recordamos coisas, algo desaparece, algo é acrescentado ou modificado, ampliando a probabilidade do erro e do disparate. Conto por isso com a benevolência e compreensão de quem lê ou escuta, sobretudo de quem conosco esteve nos sítios e nos momentos.

Certo de que entre todos o relato sairá mais preciso, vejo neste projeto da AAUM, que saúdo na pessoa do Rui Oliveira, uma oportunidade para consolidar num documento único o testemunho de muitos dos quantos contribuíram à sua medida, no seu contexto e conjuntura para fazer N/ Academia o que ela é na atualidade: uma Escola de que nos orgulhamos, reconhecida dentro e fora de fronteiras, por estudantes e professores, passados e atuais, funcionários, pares e parceiros.

Como fundo à narrativa e contextualização do período 1984-1988, realço ter tido o privilégio de conhecer, acompanhar e trabalhar com uma referência pessoal e institucional, o professor Sérgio Machado dos Santos, a quem presto aqui homenagem; teve início a construção das instalações definitivas do Polo da Universidade em Guimarães; é entregue o primeiro autocarro da AAUM para fazer a ligação Braga/Guimarães/Braga; avança o projeto para o Campus de Gualtar, que começa a operar ainda em 1988; é criado e entra em funcionamento o Senado Universitário, que integrei com enorme orgulho, e a vida académica fazia-se entre o Castelo, a D. Pedro V e a Gulbenkian (cantina, salas de aula e biblioteca nos pré-fabricados). Socialmente, a minha geração viveu e conviveu em torno de sítios como o Mordillo, o Privé, o Migaitas e o Clube 84; assistiu aos espetáculos do Grupo de Teatro Cena, no Teatro Circo, onde conheci figuras de referência como o Rui Madeira, a Ana Bustorff e o Durães; vieram a Braga, trazidos pela AAUM, os Trovante, o Carlos Paredes, o Rui Veloso (para cujo espetáculo tivemos de vir para a rua literalmente oferecer bilhetes porque o Teatro Circo não estava com a lotação desejada), o Sérgio Godinho e o Rão Kyao; assistimos, deliciados, à tertúlia musical do maestro Vitorino de Almeida, e tantos, tantos outros. O grupo de Música Popular cantou, encantou e divertiu; pessoas como o Luís Veloso, o Zé Lino e o Brás afirmaram-se como algumas das pessoas-chave na dinâmica cultural da Universidade. O Correio do Minho e o Diário do Minho eram os jornais a ler e a ter em conta.

No ano letivo 1984-1985, optei por repetir a matrícula no primeiro ano, de forma a concluir as disciplinas em falta, juntando-me a uma turma que me elegeu como delegado e assim me levou à Assembleia de Representantes da AAUM, nesse ano liderada pelo Carlos Martins. De seguida, fiz parte das Direções 1985-1986, como responsável pelos assuntos pedagógicos, e 1986-1987, como

um dos dois vice-presidentes do Francisco Pessoa e Costa "Kiko", em conjunto com o Leonel, o outro companheiro de percurso que viria a deixar-nos muito cedo na vida, dando razão ao poeta quando diz que «morrem cedo os que os Deuses amam».

Decidi, nesta sequência, formar e encabeçar a lista que iria concorrer ao mandato 1987-1988. Para este efeito, com o Amadeu como vice-presidente, terminado o período previsto para apresentar listas, e não havendo concorrência (o que recorro é que fomos lista única), a numeração da lista seria (fácil) a «A». Decidimos mesmo assim fazer campanha, para o que precisávamos de um cartaz. Avaliadas todas as opções, numa reunião a dois na mesa do Café do Sr. Adriano, ali à Gulbenkian, pegamos numa folha A4 e com uma esferográfica desenhamos um «A» muito tosco, que fotocopiámos e colamos nos sítios mais adequados para nos darmos a conhecer, designadamente junto das cantinas. Se bem recorro, foram cerca de 180 (isso mesmo, cento e oitenta e pouco mais) os votos!

A lista única e os 180 votos preocuparam-me ao ponto de, no discurso de tomada de posse, ter dito que o objetivo maior para o mandato era conseguir ter no final do mesmo muitas mais listas candidatas à Direção da AAUM. Mas feitas as eleições, era hora de meter mãos à obra! Olhar para a situação financeira da Associação, para o corpo de funcionários, para as obrigações, projetos e plano de atividades, para a relação com os órgãos de governação da Universidade, para a relação com fornecedores.

Receção ao Caloiro, Semana Cultural, Campeonatos Nacionais Universitários, Semana Académica, e muito mais depois, junho de 1988 chegou depressa. Demasiado depressa!

Lançamos um serviço de refeições na sede da Associação, mas tornou-se insustentável por motivos económicos. Noutro momento instalou-se na Universidade a preocupação com a precariedade em que se encontravam os colegas bolsheiros oriundos dos PALOP, que não tinham dinheiro para as necessidades mais básicas. Perante a situação, o Filipe (honra lhe seja feita!), abordou a Associação com a proposta de constituição de um fundo de apoio para ajuda de emergência. Entramos numa ronda de contactos, começando pela Reitoria e passando pelo Governo Civil, que resultou na coleta de 100 contos (hoje algo como 500 euros), que serviram o fim a que se destinavam. Por outro lado, os Serviços Sociais (bem-haja Armando Osório, figura incontornável da Academia naquele período como em todos, anteriores e posteriores ao meu), deram a oportunidade aos estudantes que o pretendessem de comer gratuitamente nas cantinas, mediante prestação de pequenos serviços, como a operação das caixas registadoras de pagamentos.

Pelo caminho muitos outros momentos marcantes e desafios inesperados, como a crise provocada pelas alterações pedagógicas que afetaram os cursos de ensino, que levou a uma Reunião Geral de Alunos (RGA) e à invasão do Governo Civil. Da reunião com o professor Machado dos Santos desloquei-me para o Governo Civil. A conversa com os colegas, o Governador Civil e o

comandante da PSP (a esquadra era mesmo ao lado...) resume-se em duas palavras: cordialidade e civismo. Assegurado que foi que a manifestação era e se manteria pacífica, e depois de ouvidas as reivindicações dos estudantes, as instalações foram abandonadas na certeza de que os objetivos tinham sido alcançados.

A meio do mandato concluímos que a Associação precisava de novos investimentos, nomeadamente no que ao parque de máquinas fotocopiadoras dizia respeito, e de novos projetos que pudessem alavancar fontes alternativas de financiamento. As atividades de referência estavam longe de alcançar os objetivos, nesse período acrescidas com a realização dos Campeonatos Nacionais Universitários, em Braga.

Com a intermediação e o apoio do professor Machado dos Santos, foi possível apresentar um plano de investimentos ao Ministério da Educação (era ministro o Eng.º Roberto Carneiro). No final da manhã da véspera da partida para Lisboa, o Fernando e o Norberto vão à sede para me falar da rádio da Associação e da sua vontade em avançar com um projeto tendente à sua reabilitação, tendo presentes os incentivos à criação de rádios regionais. Dei-lhes até ao final do dia, e cumpriram! No dia seguinte apresentei-me no Ministério da Educação, para apresentação e defesa do N/plano em torno do financiamento à AAUM para, entre outros, proceder à renovação do parque de máquinas fotocopiadoras e avançar com o projeto da rádio Universitária, projeto que via como potenciador do seu crescimento. Recordo a receção de propostas de adesão a outros projetos regionais, que declinamos, tendo mantido sempre a convicção de que o projeto tinha tudo para ser sustentável na esfera da Associação.

Deste dia fica ainda o episódio da perda do comboio de regresso a Braga, e um episódio que implica um jovem perdido em Lisboa, com um cheque chorudo no bolso, um guarda-noturno (ainda os havia), um quarto alugado num edifício que já não existe, a ter por jantar uma sandes de queijo.

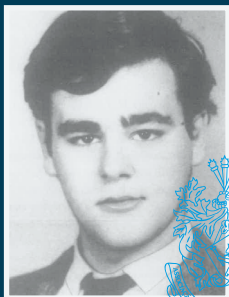
Estávamos assim a menos de um mês do final do mandato e das eleições quando a verba ficou disponível. Entendi que, estando de saída, deveria deixar à direção seguinte optar pela aquisição dos equipamentos que melhor servissem a estratégia e pelos investimentos mais adequados e conformes aos seus projetos. Não foi uma decisão fácil, mas foi aquela que na altura me pareceu a mais acertada, justa e transparente.

A seguir vieram as eleições e, tal como almejado na tomada de posse, houve mais de cinco listas (tenho a letra H em mente, o que apontaria para oito listas, mas não tenho a certeza), tendo ganho a lista do Luís Novais. Mas isto é a outra história que consumou a transição e que outros contarão melhor que eu.

Finalmente, o porquê do título do capítulo. Iria o mandato a meio quando, numa noite como tantas na sede da Associação (ainda na Afonso Henriques), discutíamos a situação política na Academia

e os sinais que se liam em tudo o que estava a acontecer. O Lúcio tem uma expressão que então me chocou, mas que se revelaria premonitória: «a tua direção é uma direção de transição!». E foi-o.

Gostava de recordar todos os nomes, mas é impossível. Perante a injustiça de faltarem muitos a quem tanto devo, ficam os (poucos) aqui mencionados. Sem desprimor para os demais, a todos e a todas dirijo as minhas cordiais saudações académicas.



PRÉSIDENTE

Luís Novais

MANDATO(S)

1988/1989 • 1989/1990

BIOGRAFIA

Luís Novais nasceu em Braga, licenciou-se na UMinho em História e Ciências Sociais, em 1992, e foi o primeiro presidente da Associação Académica da UMinho (AAUM) a cumprir três mandatos consecutivos, entre 1988 e 1991, numa época em que a associação e ele próprio protagonizaram um papel central no movimento estudantil nacional. Sob a sua liderança, a AAUM reinventou tradições académicas, desde o Enterro da Gata ao traje, procurando uma identidade própria para a UMinho. Pelo meio incrementaram-se grupos culturais, foi legalizada a Rádio Universitária do Minho (RUM) e criada a Fundação AAUM.

Profissionalmente, Luís Novais teve uma incursão de investigação na área da História, foi adjunto do ministro da Educação e ainda empresário na área das tecnologias da informação e comunicação. Foi correspondente do Expresso no Peru, escritor – além de produção poética, publicou vários romances em Portugal e no Brasil -, tem uma empresa de produção de meios de comunicação, presidiu à quinquagenária Asociación de Prensa Extranjera en el Perú (APEP) e mantém o blogue Ventos Dispersos.

MEMÓRIAS DE DONA GATA E SENHOR TRICÓRNIO

Tento reviver os sentimentos desse rapaz. Era uma noite de maio, havia tensão e estava calor, creio que para todos, já a tensão não, essa era só duns poucos, apenas para o pequeno grupo que tinha estado frontalmente contra a mudança, apenas para o pequeno grupo que tinha estado frontalmente a favor, ou seja, nestes últimos a própria direção da Associação Académica. A maioria dos estudantes, esses estavam ali, descontraídos, preparados para um primeiro dia de festa, ainda não contra, ainda não a favor, sem enquadrarem isso de Enterro da Gata em vez de Queima das Fitas, isso de tricórnio em vez de batina. Tricórnio-tricórnio, para a maioria até pela primeira vez visto e quem o vestia era esse rapaz que fumava num nervosismo controlado: eu!

Não tinha sido fácil chegar a esse momento e era nesse momento que tudo se jogava. Um grupo de colegas estava legitimamente contra, diziam que “isto é uma Universidade e não um liceu”, que “universitários festejam, mas é queima das fitas”. Pelo caminho decidiram combater a ideia, fizeram até uma caricatura que na impreparação da idade julguei ofensiva: “é a coisa mais natural do mundo, se queres estar nisto tens de aceitar estas coisas”. Clifes, o mais velho e experiente de nós, que transformando a idade em rotação se dizia com 35.000 quilómetros, eterno estudante de RI, era jornalista e esteve na organização do último Enterro da Gata do Sá de Miranda, em 1970, esse mesmo que também o Artur Moura, presidente da última organização antes desta nossa primeira: “Organizou-se para pagar as dívidas do ano anterior, porque de resto fechou em solidariedade com o luto académico decretado em Coimbra”. Esses tempos eram outros e a guerra colonial um fantasma pairando sobre todos os que então eram o que nós éramos agora. Outros tempos, outros anseios, outras vontades. “Para fazer este trabalho deves consultar o manuscrito das Memórias de Inácio José Peixoto”. Um ano antes, foi orientação do professor Viriato Capela e o trabalho académico era sobre “D. Frei Caetano Brandão e o problema eclesialístico”. Esse arcebispo muito cristão, frase em nada pleonástica, que em 1789 cruzava o arco da porta nova para assumir a prelatura bracarense, numa cidade barroca que nem o entendeu a ele nem ele a ela. A leitura do manuscrito e o trabalho em si foram de parceria com o Guilherme Rego da Silva, hoje professor na Universidade do Minho. Nem sei se me emocionei mais pela personalidade progressista do frei arcebispo franciscano, se pelo texto em tom de confiança de Peixoto, o José Inácio, este último com o picantezinho de transformar a má-língua de seu tempo em boa escrita ao nosso século arribada, num tom mais confidencial do que memorialista. Era toda uma Braga de outras eras desfilar em cada linha, heroísmos e baboseiras, cortesias e faltas de educação, ressuscitada em personagens que já nem ossos seriam, nas suas vivências, até as suas anedotas, num dia-a-dia

recuperado, numa história de verdadeira vida que normalmente se perde no estilo cartorial ou na dissimulação do que é escrito sem o refúgio da intimidade, palavras feitas não na veracidade de quem para si as guarda, mas na construção do que serve para que outros leiam, meras representações. O Inácio não era nada disso e as memórias chegavam quase até com maldição: "... para mim mesmo e para os meus filhos e para que não as mostrem a ninguém", cito de cabeça.

Agora era uns meses depois e o rapaz já era presidente da Associação Académica. Nunca se tinha sentido tanto e provavelmente nunca tanto voltou a sentir-se, e já passaram umas três décadas de vida muito imensamente vivida. Está ao telefone e do outro lado da linha é o Guilherme, o parceiro da leitura no ano anterior pelo professor Capela recomendada. "Olha lá, lembras-te do José Inácio ter escrito que Braga tinha uma Universidade e os seus estudantes um traje?" Lembrava-se bem e até que o descrevia. Ainda guardo essas páginas com a letra angulosa do Guilherme, passadas no papel dum bloco de notas alinhavado por um azul esbatido: "Braga era uma universidade e trazia mais de dois mil estudantes (...) quasi todos de baetas compridas, apenas se via um crepe, um estudante não trazia capote pardo se andava nas aulas; só nos dias feriados para ir a passeio (...); nunca entravam na sé e no paço de capote (...) os chapéus eram de copa baixa e aba grande e muito abicados."

Agora subo a escadaria do Largo do Paço. O Reitor Machado dos Santos nunca se negava a receber a Associação Académica. Creio ir mais com pensamento nesse traje descrito do que no assunto da reunião, que a esse não recordo, mas certamente estará na letra miudinha e orientada para a frente dos blocos A5 em que o Reitor apontava tudo que lhe dizíamos, tudo a que se comprometia, método para mim exemplar e ainda hoje seguido em muitas dezenas de diários que talvez um dia despertem como cábulas para futuras memórias. Subindo essa escadaria, vai comigo o João José, vai comigo o Raúl Pentieiros, por isso o tema deve ser social que esse era o pelouro do Raúl, ainda que pelo caminho tenha recebido uma canastra de outras funções, sempre bem aceites e sempre bem executadas.

Há momentos em que o pensamento se cruza com a vivência, em que o cérebro de dentro se funde com esse outro que será externo e a que Roger Bartra chama "exo". É talvez nesses momentos raros que acontecem as coisas mais surpreendentes e foi olhando para os painéis enquanto penso no texto de Inácio e pensando no texto de Inácio enquanto olho para os painéis, que senti ver o que pensava e pensar o que via. Foi um brusco estancar e creio que um brilho nos olhos: à minha frente, nesse azul setecentista, nesse mesmo tom do azul agora fundido com o das linhas em que o Guilherme tinha remanuscrito, eu vi, cri ou queria ver o mesmo traje. Se foi ver, crer ou querer, não sei, não interessa, se a matéria pode ser verdade positiva, aí estão os congruentes paradoxos de Pessoa: "O mito é um nada que é tudo".

Foi numa reunião da direção da Associação Académica, o local ainda na Rua D. Afonso Henriques numa sala dos fundos, entre o gabinete do tesoureiro e o do presidente, onde todos nos reuníamos quando o caso requeria a formalidade dum livro de atas. Estávamos na sede que herdamos e sem ainda ter mudado para a D. Pedro V, onde nos instalaríamos numa sala atrás do complexo pedagógico, lojas transformadas primeiro em salas de aulas, depois desmanteladas, que, por esse tempo, de Gualtar apenas projectos e mais andante era a Universidade do Minho do que o Quixote de Cervantes. Portanto a dita reunião teria de ser por setembro ou outubro, as eleições eram então em junho e lá para novembro já nos tínhamos mudado, com diretório e bar, este último para angústia dos vizinhos, sempre diligentes contra os ruídos dos estudantes, em incontinente chamada aos agentes da autoridade, chegados sem nunca cruzar a porta que lhes barrávamos: “Nem no antigo regime a polícia entrava numa Universidade sem autorização do reitor”, “Não me fale desse tempo que vocês ainda eram muito novos”, “Mas lemos muito!”, esta última foi brilhante tirada do Lúcio, frequentador assíduo do bar e também uma das cabeças mais pensantes de entre os opositores à nossa direção.

Mas voltemos à Rua Afonso Henriques, que o pormenor não é displicente: traje e gata foram refundações e foi em rua com nome de Fundador que se refundaram. Estava feita a proposta já antes e genericamente arranhada no nosso programa eleitoral: Queima por Enterro, tricórnio por batina. Uns torceram o nariz à primeira que não ao segundo, outros ao segundo que não à primeira, mas com debate e contraditório pusemo-nos de acordo que sim, que era por aí e por aí fomos.

“Esse referendo não tem sentido, tanta coisa importante e vamos referendar gatas e trajes?”, “Já estava no nosso programa eleitoral, não há que referendar”, “Terias de confirmar todas as assinaturas e algumas até estão repetidas”, “Nestas alturas há que avançar e liderar”. São excertos provavelmente fidedignos da conversa entre dois estudantes, um presidente da direção e empenhado em mudar, outro presidente da mesa da RGA, o Rui Maia, com a batata quente na mão: Um grupo opositor juntou assinaturas regulamentares e pedia-lhe marcar um referendo: Gata ou queima? Batina ou tricórnio? O lugar da conversa era o Club84, discoteca onde todos parávamos, sobretudo quando a noite vinha dum dia quarta-feira, atraídos pela cerveja barata que diligentemente nos vendia o senhor Alves, também pela música e, claro, pelos catrapiscas da praxe, consequentes, uns, inconsequentes, outros; saudosa Sodoma, saudosa Gomorra, uma boémia pegada!

Entretanto as coisas tinham avançado, mais a olhos pensados do que vistos: de planos e projetos, desenhos e debates, muitos, mas coisa que se visse realmente vista, dessa ainda nada. “Quem conhece uma estilista”, o João conhecia, chamava-se Antónia Paula e desfilava modelos seus nas passerelles do país. Foi logo imediatamente quem ali tivemos mais à mão para que, do traje manuscrito e azulejado, desenhasse e modelasse farpela pronta à confeção.

Se na dialética entre o que pensamos e fazemos, fazemos por vezes sem pensar, em inconsciente execução, se outras tantas pensamos sem fazer, em deleitosa preguiça, neste caso, e sem deleite, mais fácil foi pensá-lo do que fazê-lo. Os desenhos estavam feitos que Antónia não deixou créditos por mãos alheias: leu o texto de Inácio, levamo-la aos painéis no largo do paço, rapidamente estirou os desenhos de que precisávamos e estava tudo pronto a executar. Mas depois foi o alfaiate da Académica, habituado a vender coimbrãs batinas, entre capelos e togas, que a tudo nos dizia que sim-sim-sim, que já iria ter os trajes prontos, que faltava uma vez isto, outra aquilo e outra ainda aqueloutro, “está quase” e “agora é que sim”, mas nunca, caramba! “E se eu fizesse os cem tricórnios que me pedem, a Associação compra-mos ou é tudo por minha conta e risco?”, olhar matreiro e revelador da causa direta das indiretas coisas.

Era por sua conta, claro está! Nem para tal tínhamos cabedais. E foi assim que tudo ficou tão mais difícil, que traje só mesmo para quem o pagasse com antecipação e não fomos mais do que uma ou duas mãos de gentes, todos da Direção ou ligados à mudança. No ano seguinte vingamo-nos das indiligências e a Associação abriu a sua própria loja de tricórnios, produtivo entusiasmo do tesoureiro Zé Cândido, correndo vendas talvez ajudadas pela frase do Fernando Santos, essa de microfone aberto e proclamada num concerto dos GNR: “Porra que este traje é afrodisíaco!” ... e não é que era?

Quem serão agora esses dois estudantes saindo muito ladinos? Vai cada um com seu embrulho e dentro do embrulho de cada um o traje de cada qual, Norberto chama-se aquele, outro é chamado como este próprio que agora escreve. Levam um sorriso nervoso, dos nervos de quem sabe ter em mão a matéria dum sonho, formosos será exagero, mas não seguros certamente que sim. Eram os dois primeiros tricórnios de toda academia, acabados de fazer, prontinhos a vestir, e a casa onde vesti-los ficava bem mais longe, nas Enguardas, quase onde por esse tempo acabava a cidade de prédios e começava o campo de campos. Mas chegaram, e vestiram e saíram à rua, ansiosos por serem vistos e nervosos de que os vissem. Soube ser o primeiro e não me esqueci para memória futura, e talvez também os miúdos que jogavam futebol no largo em frente, que nos seguiram desde ali, Rua D. Pedro V adiante: “Olha um pirata!”, “Olha o Zorro”, e outro alguém que “O carnaval ainda não começou”, e a resposta “Então por que estás de palhaço?”

Todos os suores do mundo investidos na mudança, no tricórnio, na gata. “A gata deve ter mensagem, a gata fala as fitas não!” Tudo eram ideias e então a gata passou a ter mensagem, a desse ano ecológica, recusar-se-ia a enterro nas poluídas margens do rio Este, indo em cortejo fúnebre de comboio especial às límpidas do Lima, nas margens de Viana. Sabíamos que, se a festa fosse a maior de sempre, tudo estaria para o futuro, se não, mais não ficaria do que anedota dum fracasso, talvez rodapé duma história contada em rodadas, risada duma geração esquecida pelas seguintes: “Lembram-se quando aqueles patuscos da Associação Académica tentaram inventar um traje e uma gata?”

Era certo que tudo aquilo começava a despertar atenções noutras academias, tanto que andava eu de Universidade em Universidade, convidado para colóquios, assembleias e palestras, marcadas para debater se sim ou não cada academia deveria fazer o mesmo que os do Minho. Lembro-me de que em Aveiro surgiu um grupo desejoso a dotar de diploma doutoral o regional gabão, mas o tema era então polémico e estávamos longe de imaginar que tantos outros se seguiriam.

“Estamos a implementar o tricórnio porque houve um tempo em que a nossa Universidade era tão jovem que queria afirmar-se como uma, no contexto das que já o eram. Agora sentimos que não há dúvida do que somos e queremos ser da maneira como o somos, que é das identidades particulares que se fazem as gerais”. No anfiteatro da Universidade da ria foi com dialética tal, meia honesta, meia martelada, que justifiquei o porquê do nosso traje e de retomar tradição própria. Talvez racionalizando uma intuição porque, isso era certo, queríamos ser algo que fôssemos apenas nós, e pensando bem, julgo que o êxito esteve nisso mesmo.

E não era que tudo parecia com bons ventos? Não havia até então quem soubesse responder à pergunta original: “Quando começou esse tal de Enterro?” Diligente, Henrique Barreto Nunes, ele mesmo da geração da última gata do Sá de Miranda, dispôs-se a historiar o tema e tanto historiou que descobriu notícia de 1889, cujo título ainda tenho de memória: “Enterro chistoso”. E lá se contava que os estudantes do liceu tinham marchado rumo ao rio Este, com o caixão duma gata representando o “chumbo”, a enterrá-la para que não chumbassem eles mesmos. A conclusão não deixava margem para dúvida, talhado estava no papel não haver notícia de que tal coisa tivesse sido antes acontecida. Hossanas: era aquilo de 1889 e estávamos nós em 1989, um século, senhores! Um século, maravilha das maravilhas, sorte das sortes, mas que cagança!

A gata caiu-nos no regaço com um século de idade comemorado nesse mesmo ano; já não era apenas ressuscitar o enterro da finada, era festejar-lhe um cento de vidas. Fazer das fitas gata era agora mais do que das tripas coração e o ânimo redobrou em planeamentos duma festa como nunca antes tivesse sido vista, já com direito a um cartaz pelo centenário.

Era tudo? Não. Tínhamos mais.

“Não me venham com rádios que eu não sei nada, isso é com o governo lá de Lisboa e eu não mando para esses lados, esses que lá chegam põe fivelinha no sapato e não há nada para ninguém”. Em tom de desamparem-me a loja e desabrida frontalidade, assim nos falou o Governador quando lhe batemos à porta com a legalização da Rádio Universitária em mãos. Éramos eu e os dois grandes impulsionadores do projecto, o Norberto e o Fernando, mais conhecido como Fino e até Fininho. Saímos dali meios estupefactos e já sem dar muito crédito à anterior possibilidade de nos legalizarem a RUM. Não me lembro onde, mas certamente nalguma chafarrica, talvez no Mini-Sport, fomos dar banhos de caneca à desilusão. Não sei quantas foram para que batesse com a última na mesa. “Não caramba! Isto não fica assim, vamo-nos a Lisboa e não regressamos sem certe-

zas". E fomos, mas antes de contar a vez que foi esta, há história para contar da vez que foi outra, quando uns tempos antes também à capital para entregar a legalizadora candidatura, missão que sabíamos difícil porque em Braga eram seis as postulantes e de alvarás só a metade. O processo era complicado e pedia muito papel, muito cálculo, farta técnica e nós praticamente apenas com o Norberto a saber como fazer, ainda que sempre incentivado pelo Fino e apoio moral duns quantos. O prazo corria até às seis da tarde dessa madrugada e quando o deixei pelas três para rápida dormida e algum duche já tínhamos comboio marcado para manhã cedinho, dando-nos tempo de chegar à capital e entregar a candidatura antes de finado o tempo limite. Quando voltei eram mais as olheiras nos norbérticos olhos do que os muitos papéis espalhados na grande mesa da sala de reuniões onde passara toda a noite, e ele já quase passado e não dizendo bota que batesse com perdigota. "Ainda não está!". "Ainda não está? Não há problema que temos outro comboio num par de horas e ainda nos dá tempo de a tempo chegar". Mas esse par passou e lá estava o rosto dormilento e quase impassível: "Ainda não está". Aí sim estávamos perdidos, iria tudo por água abaixo, os nossos rivais não se esqueceriam de marcar cronómetro e pedir anulação da RUM por entrada depois do toque. Valeu-nos o Dr. Osório dos Serviços Sociais, bombeiro sempre disponível, que nos meteu no seu carro mais ao Norberto e aos papéis do Norberto, arrancando-nos em acelerado desespero e umas quantas travagens, rumo a Lisboa, com o nosso amigo ainda a encher papeis, a fazer contas de cabeça e calculadora, "ao palácio Foz que se faz tarde", onde a candidatura tinha de chegar sim ou sim antes das seis, e onde finalmente entramos antes de para as seis que eram horas faltarem três que eram minutos. "Ainda não está". "Mete essa merda nas caixas e entregamos assim mesmo!" E entregamos.

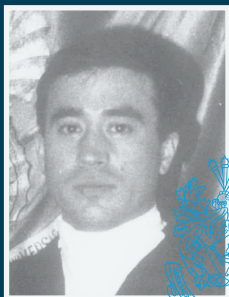
E agora ali estávamos de novo em plena capital, batendo pela legalização da porta de secretário-de-estado-amigo-da-universidade à porta de secretário-de-estado-amigo-da-universidade, de ministro-amigo em ministro-amigo, dando corpo ao manifesto pela nossa rádio "que é tão bonita e formosinha, quem quer casar com RUM?" De a tantas bater, até o ministro que era mais ministro nos recebeu, por intermédio do amigo Macedo, que lá nos foi avisando de que "você são chatos como a putaça" mas que quanto à rádio já a tínhamos no papo. Que festa, que alegria, ginjas no Rossio, piratas no Pirata, imperiais no Paco, os festejos duraram quase até à manhã da nossa entrevista e, entre duas fumadas e um ressacado ar solene, recebemos a confirmada confirmação: "Habetis RUM".

E o Enterro da Gata já na semana entrante à seguinte, e notícia mais boa não havia para guardar. E assim voltamos ao início desta história, ao rapaz-eu de tricórnio vestido, fumando num nervosismo controlado, sabendo nunca o que até esse momento tivesse dito teria sido tão marcantemente dito. Estavam prometidos protestos e os que eram contra apontavam dedo à contradição: "Que quereis, dizendo que temos uma tradição, se logo no início da festa é com coimbrã serenata que festejais?", e, "Razão temos nós que tradição-tradição é só uma e partilhada pelo universitário universo". O Rossio da Sé estava mais do que abarrotado quando avancei para o microfone, sentindo

as mãos molhadas e o estômago retorcia pagando a bom pagar o que rosto e gestos não podiam demonstrar. E comecei a falar, sabia ter de começar por algo que unisse, que fosse de aplauso comum e comecei pela notícia guardada: “Quero começar por dar uma grande novidade: Tivemos confirmação de que a Rádio Universitária do Minho será legalizada!”, o aplauso já abafava o que em seguida dizia “quer dizer que no próximo ano as festas do Enterro da Gata serão cobertas pela nossa Rádio”. Quis explicar porque tínhamos conseguido isso, “porque somos uma grande academia, com uma identidade própria, que já somos reconhecidos como tal e com dimensão para tal”. Depois entrava o Enterro da Gata e o traje: “é por isso que a Associação Académica decidiu que já era tempo de termos a nossa própria tradição e é por isso que no centenário do Enterro da Gata estamos novamente a festejá-lo”. Finalmente o porquê da serenata. “Quer isso dizer que nos isolamos? Que não queremos saber do que nos rodeia? Não, e esta serenata é a prova disso, nesta serenata a nossa academia assume-se, mas prestando homenagem a todas as outras, espelhando-as no fado que é tradição da mais antiga”.

Tudo correu bem, a semana correu melhor, o cortejo foi considerado o melhor e mais participado de todos, até pelo jornalismo local, normalmente muito crítico e maldizente, de faltas de originalidade e borracheiras medonhas. Depois foi Viana, o até aí nunca organizado dia de Viana, o comboio especial, o enterro nas margens do Lima, a garraiada, o fim de festa na Quinta do Santoínho e o regresso no mesmo comboio que nos levou. Nessa noite de fim de festa sabíamos que tudo mudara definitivamente. E foi assim que aqui estamos, agora, juntos, comemorando 30 anos de traje, 30 anos de Enterro da Gata... ou duzentos e tal dum e os 130 da bichana?

Antes de terminar queria avançar uns tempos, não me lembro quantos mas no mínimo uma década, quando um grupo de estudantes, entre eles os irmãos Corais, decidiu juntar ex-dirigentes académicos para falarem do seu tempo. Aí nos cruzamos todos, os que antes tivemos visões distintas, e abraçamo-nos e reconhecemos importâncias mútuas. Naquele tempo tudo tinha sido tão opostamente vivenciado, e agora ali estávamos, conversando serenamente, reconhecendo a importância do que fora antes para o que foi depois, do que foi depois para o que veio a seguir, cada tempo no seu tempo e a seu tempo. Percebia-se a dimensão humana e como a vida que passou pode aplacar a vida que se vivenciou. E afinal, por muita Antropologia, por muita Filosofia, até por muita dialética, trata-se apenas duma festa, apenas dum traje... ele há coisas tão mais importantes! A gata morreu, enterrem-na; vistam-se a rigor e viva a Gata, mas viva sobretudo muito mais do aquilo que trajam, muito mais do que uma ou esta gata!



PRÉSIDENTE

Carlos Silva

MANDATO(S)

1993/1994

BIOGRAFIA

Licenciado em Engenharia de Sistemas e Informática pela Universidade do Minho, com Pós-Graduação em Sistemas de Informação pela Universidade do Minho. Realizou ainda o Curso Avançado de Gestão Pública no Instituto Nacional de Administração. Desenvolveu a sua atividade profissional, na Universidade do Minho, como Administrador dos Serviços de Ação Social da Universidade do Minho, foi ainda Diretor do Gabinete de Sistemas de Informação da Universidade do Minho e Secretário da Escola de Engenharia da Universidade do Minho. Atualmente e desde outubro de 2017 é Administrador Executivo na InvestBraga E.M.

OS ANOS 93 E 94

Relembrar a história da Associação Académica da Universidade do Minho significa rever os programas eleitorais com os quais a lista A se apresentou à primeira volta das eleições para a Associação Académica em maio de 1993 (com duas voltas de eleições) e em maio de 1994, altura em que foi a única lista concorrente.

Numa análise aos últimos 50 anos, é possível defender que, a seguir ao conturbado mês de maio de 1968, os anos de 1993 e 1994 foram dos períodos mais complicados e interessantes para o movimento estudantil, tendo marcado, sem dúvida, o rumo do ensino superior em Portugal.

O grupo de alunos que se apresentou a eleições em 1993 era conhecido como, “D. Triconízio”. Ao nosso primeiro ato eleitoral apresentámo-nos com lema de “devolver a Associação Académica aos Estudantes”, que nasceu da integração de dois movimentos académicos: um em Braga e outro proveniente de Guimarães. Estes movimentos lutavam pela defesa intransigente dos direitos dos estudantes da Universidade do Minho, tendo o grupo de Guimarães, uma conotação mais à esquerda, liderado por Gualberto Freitas e o grupo de Braga, liderado por um conjunto de estudantes que viviam nas Enguardas, em Braga, onde se destacavam José Gonçalves, Carlos Silva, Pedro Nogueira, Jorge Dias, entre outros, conotado com a direita, e que durante muitos meses planearam a apresentação de uma lista para Direção da AAUM, tendo-se juntado mais tarde Nuno Correia e Adolfo Vidal. A preparação da lista candidata teve como particularidade o facto de o candidato a Presidente ter sido o último a ser decidido pelo grupo, uma decisão que me impuseram: todos quiseram que eu fosse candidato, apesar de enfrentar nessa altura um conjunto alargado de desafios como consequência do início do meu estágio.

A tomada de decisão não foi fácil e foi até de difícil compreensão para a minha família. Foi na minha vida uma das fases em que mais aprendi, com pessoas absolutamente fantásticas, que me deram a conhecer o mundo associativo e político, que para muitos era banal, porque tínhamos nesta equipa muitos dirigentes com atividade política, de todos os quadrantes políticos.

No ano de 1993, as associações tinham um forte apoio dos partidos políticos, a maior parte destas associações, nas Universidades, eram conotadas com a direita, que estava no poder. Aliás, alguns dos ex-presidentes da AAUM desempenhavam funções no Governo liderado por Cavaco Silva, recordo que Luís Novais estava no Ministério da Educação, como assessor do Ministro Couto dos Santos, e Álvaro Santos estava na Secretaria de Estado da Juventude. Recordo também que, em

julho de 1992, as associações de estudantes assinaram com o Governo o pacto social, que seria o aumento do valor das propinas (Lei n.º 20/92) em função de melhoramentos nas Universidades. No entanto, sem princípios nenhuns associados para a sua atualização, ou seja, numa altura em que o valor das propinas era praticamente nulo, as propinas atingiram valores de 57 contos (280 euros) e no ano seguinte 100 contos (500 euros), o aumento das propinas fez com que a nível nacional, em praticamente todas as universidades, nascessem movimentos que contestaram as suas associações de estudantes, conduzindo a um processo de mudança completa das próprias associações, em praticamente todas as instituições de ensino superior.

Também no Minho a Associação Académica mudou, num processo que não foi fácil, pois tínhamos adversários muito bons e com fortes apoios políticos. Lembro-me bem do Joaquim Gomes, lista B, e muitos outros, numa altura em que concorreram várias listas à Associação. A Lista A, como referi, tinha dirigentes de vários quadrantes políticos, mas graças às ligações do grupo de Guimarães, era conotada na imprensa com uma esquerda mais radical, embora fosse um grupo de estudantes que apenas estavam unidos em torno da defesa dos seus estudantes. Só conseguimos ganhar à segunda volta, com cerca de 50 votos de diferença para a lista B, num ato que contou com cerca de 4000 estudantes a votar, nestas duas listas de mudança, com grande participação estudantil.

A partir de junho de 1993, foi dado cumprimento a um programa de ação, muito discutido e muito participado por todas as pessoas da equipa desta associação, estruturada por verdadeiros departamentos com cerca de 140 pessoas, no seu total, incluindo a Mesa da Reunião Geral de Alunos (RGA) e Conselho Fiscal (CF).

A Direção anterior deixou um grande conjunto de dívidas, o que nos abrigou a renegociar as dívidas e a solicitar apoio à Universidade do Minho. Na altura, o Reitor era o Professor Sérgio Machado dos Santos, uma referência no Ensino Superior em Portugal, e que foi sempre mais que um parceiro, estando sempre disponível para nos ajudar a implementar projetos que tivessem impacto no dia-a-dia dos estudantes.

Em Braga, a sede da Associação Académica era ao lado do Museu Nogueira da Silva, na Av. Central, num espaço exíguo sem condições e muito longe dos estudantes. Em Guimarães, era uma sala no bloco B, da Escola de Engenharia. Queríamos criar condições para criar uma verdadeira sede para os Estudantes, para criar serviços de apoio e espaços de lazer para os estudantes.

Assim foi, em agosto de 1993, após negociações com o Reitor Sérgio Machado dos Santos, foi entregue o Edifício de D. Pedro V, para sede da AAUM, bem como o apoio em mobiliário fora de uso na Universidade do Minho, um dos legados mais emblemáticos até aos dias de hoje. Durante esse agosto, praticamente todas as equipas estiveram a trabalhar na mudança com o intuito de criar condições em Braga e em Guimarães. Na sede em D. Pedro V tínhamos o 1.º piso, onde

estavam instalados, em várias salas, os Departamentos da AAUM, os Vice-presidentes e a Presidência da AAUM.

O Departamento de informática da AAUM liderado pelo Hugo Pacheco, instalou uma das primeiras redes de informática em todo o edifício de D. Pedro V e que foi um dos elementos catalisadores para todos... nessa altura não tínhamos ainda o Windows –eram os grupos de Unix, BBS (bulletin board system), etc. Mais tarde, numa candidatura e com o apoio da Secretaria de Estado da Juventude, instalamos os primeiros equipamentos de informática em toda a sede, a mais avançada de Portugal.

No piso 0, criámos o Bar Académico, na sede da AAUM, outro dos legados extraordinários que se transformou durante várias décadas num espaço preferencial e de encontro para os estudantes. Além do Bar, criámos uma sala de jogos e num dos anfiteatros (sala de reuniões da AAUM para mais de 100 pessoas) criámos uma sala de projeção de cinema.

Em Guimarães, arranjam as chaves do Magistério Escolar e fomos «desbravar o mato» e limpar um espaço que estava ao abandono e estaria em processo de transferência para a Universidade do Minho. No final de agosto, levamos o Reitor Sérgio Machado dos Santos a visitar o espaço limpo e arrumado, conseguindo impressionar o Reitor, que nos transmitiu que iria criar condições para termos naquele espaço a futura Sede da AAUM em Guimarães. Sim, um Reitor que sempre cumpriu a sua palavra, trabalhamos com o Arquiteto António Coutinhas e com o Administrador dos Serviços de Ação Social, Armando Osório, na definição do projeto que foi chumbado na primeira versão pela equipa de Guimarães, mas que, no meu ponto de vista, era bem mais interessante, que a segunda que foi aprovada por todos e que deu origem a um concurso público de construção da Sede da AAUM em Guimarães, em 1994, e que foi inaugurado no ano seguinte, pelo Presidente Jorge Campos, que era, à data, o Presidente Adjunto de Guimarães.

Outro dos legados extraordinários e com o apoio da Mesa da RGA, liderada pelo Gualberto Freitas, promovemos a grande revisão dos estatutos da AAUM, que definiu a grande mudança nos ciclos eleitorais da AAUM (as eleições passariam a ser em Dezembro e não no período de festas académicas ou exames), o reconhecimento do Conselho de Delegados da UM que passava a reunir com o Reitor e Diretores de Curso várias vezes por ano e o mais importante o reconhecimento estatutário da Rádio Universitária do Minho (RUM) em sede de estatutos e de na sua transformação empresarial: a RUM passou a ter primeiro Conselho de Administração, que teve a honra de presidir e um estatuto de separação editorial que até à data não existia. Foram dados os primeiros passos na colaboração entre a RUM e o Instituto de Ciências Sociais na definição de políticas de difusão de notícias, da Universidade do Minho e da Cidade, que permitiram que a RUM pudesse ter uma verdadeira gestão empresarial, onde cada uma das partes envolvidas pudesse desenvolver os seus papéis de forma autónoma. Passámos a ter um Jornal Académico, com distribuição mensal, autónomo da AAUM, espaço de colaboração com os alunos do então Curso de Comunicação Social.

Na viagem pelas recordações, destaco o facto de ter encontrado duas pessoas que me marcaram durante este período: o Norberto, o colaborador que ajudou a criar a RUM, desde os seus primeiros dias e o António Durães, que foi mais que colaborador da RUM e da AAUM, foi um amigo, um mentor, um visionário, o responsável por muitas atividades que marcaram a história da AAUM, os 1.º de dezembro, com a récita, o Livro as “Presidências Reabertas”, que retratavam as histórias dos Presidentes da AAUM até 1993, bem como um dos responsáveis pelo processo do Hino da AAUM/UMinho, entre muitas outras.

Como consequência do trabalho realizado no âmbito desportivo, através da criação de novas atividades desportivas e da afirmação dos alunos atletas graças aos resultados desportivos, criámos com a Universidade do Minho (e após longas negociações com o Reitor), o primeiro estatuto do estudante atleta, reconhecido e aprovado pelos órgãos da Universidade do Minho, um marco histórico nas universidades portuguesas e no Ensino Superior.

Conseguimos, pela primeira vez, introduzir com o apoio dos SASUM, senhas de alimentação não datadas que permitissem aos estudantes comer nas Cantinas sem ter um senha pré-datada, bem como conseguimos a introdução de um prato alternativo na ementa das cantinas. Estes foram, sem dúvida, momentos marcantes no ano de 1993, com o apoio da Universidade do Minho e dos SASUM, fizemos a obra do Bar das Pirâmides em Gualtar, conseguimos pela primeira vez integrar as Festas Nicolinas de Guimarães, com a realização da Ceia Nicolina na Universidade do Minho, e outras atividades destas festas centenárias de Guimarães. Iniciámos, com o Cabidos dos Carduais, a reforma das Insígnias dos Cursos (bastão, entre outras), que deram bastante discussão, e foram aprovadas em finais de 1994 e que, penso que, foram implementados em 1995, com o Jorge Campos. Registo ainda a realização do Enterro da Gata, na Universidade do Minho, em Gualtar junto à Biblioteca, foi sem dúvida umas Festas Académicas sem reclamação de barulhos porque com os edifícios o som ficava no interior do Campus.

Implementámos políticas do uso do traje académico, registamos pela primeira vez o modelo industrial do traje que nos permitia ser a única entidade a vender o traje, baixando o seu custo, na loja da AAUM - Loja do tricórnio.

Não tenho dúvidas de que o trabalho que desenvolvemos em equipa durante os dois mandatos, marcou a história da Associação Académica e Universidade do Minho, na sua estratégia, e deixou um legado de grandes mudanças estruturais nas Sedes e nos Serviços prestados aos estudantes, mas também ao nível da gestão dos processos da AAUM nos anos seguintes.

Foram anos relevantes e que ficaram na história do Ensino Superior em Portugal, pois conseguimos numa célebre reunião com todos os líderes do movimento estudantil das Universidade Portuguesa e os Representantes dos Politécnicos, numa célebre reunião em Guimarães, que visou criar um estratégia que todos iríamos seguir e que daria início a uma verdadeira revolução

no Ensino Superior e que levou à queda de vários ministros, e a um movimento de contestação que está registado na história e onde participaram algum dos líderes (de câmaras municipais, Rui Santos e Fernando Medina e outras entidades) deste país, sendo que a famosa lei das propinas foi revogada, dando origem a uma lei de atualização do valor das propinas em função de índice de preços do consumidor, que ainda hoje se mantém. Também foi um período negro de perseguição dos líderes estudantis pelo SIS, de escutas telefónicas e muitas ações negras que conseguimos ultrapassar, em conjunto. A “revolução” na Universidade do Minho e em Portugal, passou por tempo agitados com fechos a cadeado das entradas na Universidade do Minho, com contestações nas ruas de Lisboa com milhares de estudantes da UM, mas mais do que isto foram tempo de negociação e de construção do Ensino Superior, onde o Reitor da Universidade do Minho teve um papel relevante, que gostaria de destacar onde os valores da lealdade, confiança e a sua capacidade de negociação mesmo nos tempos mais difíceis se destacavam. Sem dúvida que terei uma dívida eterna com ele.

Antes de finalizar gostaria de deixar uma palavra para registar os colaboradores extraordinários que tínhamos, os motoristas Sr. Adriano, Sr. Fernandes, o Bernardo, Cila do Bar Académico e o Antonio Durães entre outros. O meu agradecimento, sem exceção, a todas as equipas com quem trabalhei nos anos de 1993 e 1994. Estes foram os melhores anos da minha vida em todos os aspetos e marcaram o meu futuro, o meu grande Obrigado.



PRÉSIDENTE

Jerónimo Silva

MANDATO(S)

1996 • 1998

BIOGRAFIA

Tendo exercido funções no sector Associativo e Público ANAFRE DDB, CCG, Avedigital até ao ano de 2012, desde essa exerce atividade no setor privado nas áreas de desenvolvimento de produto, negócio e marketing, com funções de wGestor de negócios Internacional na área da tecnologia para educação para empresas portuguesas e internacionais, Fama-sete, BiBright e JP Sa Couto.

MUDANÇA E AFIRMAÇÃO

Creio que a melhor palavra para descrever a AAUM seja Desafio, pois é uma constante numa organização que teve, tem e terá sempre uma multitude de papéis para cumprir o seu fim último na defesa da Academia e mais diretamente dos Alunos da mesma.

Desafio liderar uma equipa voluntária cuja maior preocupação deveria ser servir os seus associados e Academia e representar os mesmos nos mais diversos momentos, e como tal não posso deixar de mencionar pelos menos três pessoas o Carlos Guimarães o Pedro Pinto e o Maurício Queiroz, pois o exercício do mandato não se reduz ao seu Presidente, mas sim a uma equipa trabalho, com esta menção creio que todos os envolvidos se sentem representados.

Desafio viver um mandato de exigência total, foram quase 18 meses de mandato num período atípico da AAUM, com momentos marcantes que tenho de contextualizar: na política nacional o 1.º Governo de António Guterres no seu início, a anunciada mudança do Magnífico Reitor com a saída estatutária do Prof. Doutor Sérgio Machado dos Santos, as inconsistências estatutárias internas e as suas implicações legais quando se teve de enquadrar a AAUM como Associação de Estudantes e Juvenil à luz da legislação nacional atualizada e a consequente reorganização orgânica e fiscal.

Desafio mudar a forma de operar de uma Associação com um peso profissional elevado nos serviços e completamente amador na gestão e afirmar a grandeza da Academia Minhoto no panorama nacional quando na mente de alguns apenas existiam 3 Academias Coimbra, Lisboa e Porto, como um elemento de valor acrescentado na escolha de soluções e a ter em conta no panorama da decisão da política Educativa

Relembro as lutas que tivemos de liderar acompanhar e apoiar, nomeadamente:

As propinas – estávamos reféns da decisão e proposta de propina única liderada pela AAUM e que foi seguida pelo Governo da altura liderado pelo Eng.º Guterres.

Lei de Bases do Sistema Educativo – Alterou por completo o nosso sistema educativo, sobretudo o conceito de Ensino Superior, e que poucos perceberam a profundidade e impacto das medidas implementadas. Por outro lado, colocava em causa o perfil, o currículo e a entrada dos alunos da via ensino na atividade profissional, o que gerou muita discussão e manifestações, lideradas estas alterações pelo Ministro Marçal Grilo.

Ação Social – vincar e fazer valer o estatuto do estudante e do estudante profissional.

Avaliação das Universidades – lutar por um sistema de qualidade e que terminasse com situações fantasma de pseudo universidades e pseudo-cursos.

Isto fez com que tivéssemos de nos envolver nas movimentações académicas nacionais e liderar as lutas, regionais e nacionais.

Anos estes em que tudo se fez para que a qualidade e equidade do sistema fossem realidade e assim o sistema educativo fosse uma verdade universal no acesso e qualidade no resultado.

Pontos de maior orgulho:

- O envolvimento da AAUM no Desporto como motor de uma academia integradora e de mentalidade vencedora e acessível a todos, em contraponto com desporto semiprofissional ou de elites, com os sucessos e reconhecimento que dispensam mais comentários ou palavras da minha parte, e nisto sabe bem ter estado em sintonia absoluta com o Dr. Armando Osório e do Fernando Parente, uma visão completamente acertada do que é o desporto e o seu impacto na comunidade.
- Os programas Erasmus que na altura eram uma “novidade” e que abraçamos de braços abertos e foram apoiadas as iniciativas integradoras que traduziram aquilo que somos bem conhecidos por saber acolher e acompanhar, sempre com uma mulher forte que nos desafiava quando ainda só acolhíamos uma dezena de colegas de Erasmus, e tenho de a mencionar Dra. Isabel Xavier.
- A introdução da semana do warm up na tradição recreativa da Academia
- Inauguração da Sede da AAUM em Guimarães, ponto de encontro da Academia em Guimarães e porto de abrigo à realidade cultural estudantil como as Tunas, as Secções, os grupos de teatro, etc.
- A reconfiguração do Enterro da Gata, de modelo de semana de concertos, para o envolvimento com os cursos no recinto Gatódromo, modelo esse que já existia noutras semanas académicas espalhadas pelo País, e pela primeira vez tivemos as barracas do enterro da Gata entregues aos cursos, claro com custos evidentes na realização baseados na falta de experiência, mas que vingou até aos dias de hoje, registo também o envolvimento oficial das Associação de Estudantes da FACFIL e do IPCA no Enterro da Gata e não apenas no cortejo, realço o papel e companheirismo do Filipe Silva que foi incansável.

Ao falar de Enterro da Gata, não posso deixar de relembrar o episódio mais caricato do mandato, creio eu, realizamos o Gatódromo nas instalações do 1º de Maio, e viramos o palco para a cidade, lembro que o palco e som eram os mesmos utilizados pelo Henrique Iglesias, ou seja, estavam

reunidas todas as condições para uma semana de episódios únicos para a nossa equipa, deixo aqui alguns que ainda recorro com uma grande gargalhada.

O som era tal que era escutado em Amares, ao ser confrontado com tal situação pelo Sr. Governador Civil da altura, apenas respondi que pelos vistos em Amares assistiam aos nossos concertos gratuitamente e que deveríamos cobrar uma taxa.

Aliás, foi uma semana em que os pequenos almoços foram todos no GCB (Governo Civil de Braga), sempre acompanhado pela PSP com discussões brutais sobre o barulho até de madrugada.

Num dos episódios mais quentes da “guerra” entre AAUM e GCB, relembro a minha resposta aos órgãos de comunicação social, quando confrontado uma vez mais que o Sr. Governador deu ordem de encerramento ao Gatódromo, e eu apenas referi, que se fosse um concerto dos Gipsy Kings não teríamos aquele problema todo com o GCB.

A piece de resistance foi o momento quando a direção da AAUM mais a direção da Associação da Facil estivemos horas a tentar chegar a um acordo com o Sr. Governador, via o seu Chefe de Gabinete, pois ele não queria sequer falar connosco, situação que obviamente não aceitei e com a qual não concordei, e que exigi a presença dele na Sala, ele apenas apareceria se eu assinasse o acordo, ao que anuí, para lhe poder dizer frontalmente que não assinaria e as festas iriam continuar.

Continuo com a minha ideia firme e consciência tranquila, a Academia dá tanto às cidades de Braga e Guimarães, que os seus festejos não podem ser um incómodo para as cidades, mas sim momentos de comunhão e orgulho para todas as partes envolvidas.

Não posso deixar de falar noutra dimensão da AAUM como uma das grandes empresas de serviços do Norte de Portugal na altura, com uma componente profissionalizada muito elevada, ligada aos Transportes, à Rádio Universitária, Bares e serviços de apoio como o desporto, tudo serviços que para existir e estar ao serviço da Academia tinham de ser assegurados pela AAUM sendo este creio eu o maior desafio da Direção relembro que na altura tínhamos dezenas de funcionários nas mais diversas áreas, entendo que o crescimento rápido da Universidade e Academia obrigaram a respostas urgentes, e a AAUM teve sempre um papel solidário e empenhado e de solução, mas foi um desgaste enorme resolver a situação de dezenas de pessoas, colaboradores da Academia com famílias que exigiam atenção e respeito.

Relembro aqui o episódio mais negativo que foi o de tomar posse e ter uma manifestação de um sindicato na porta da AAUM, por situações menos claras com trabalhadores.

No entanto, também tenho consciência, que tudo foi resolvido a bem destes profissionais e afirmo que graças a muitos destes profissionais se criou, perpetuou o que hoje é o nosso património mais valioso, a nossa Memória Coletiva a nossa Tradição, daí a minha homenagem a estes profissionais.

Termino com uma citação de Valéry, Paul:

“O passado, mais ou menos fantástico, ou mais ou menos organizado posteriormente, age sobre o futuro com um poder comparável ao do próprio presente”.

Viva a AAUM

Viva a Academia

Viva a Universidade do Minho



PRESIDENTE

Vasco Leão

MANDATO(S)

2001 — 2003

BIOGRAFIA

Nasceu e viveu no Porto até ao seu ingresso na Universidade do Minho, no ano letivo de 1996/97, tendo-se mudado, primeiro para Guimarães e, mais tarde, em 2001 para Braga, a meio do seu primeiro mandato enquanto Presidente da direção da AAUM, cidade onde ainda reside.

Licenciado em Geografia e Planeamento, frequentou a pós-graduação em Planeamento e Gestão do Território, no mesmo Departamento. Foi Presidente-adjunto da direção da AAUM em 1999, Presidente da direção em 2001, 2002 e 2003 e Presidente da Mesa da RGA em 2004. Durante esses anos, e por inerência, foi representante dos estudantes nos vários órgãos da Universidade do Minho, entre os quais de destacam o Senado Académico, Conselho Académico e Conselho de Ação Social e a Assembleia da Universidade, órgão colegial máximo da Academia à data. Em 2015 foi-lhe atribuído o título de Sócio Honorário da AAUM, pela RGA, sob proposta da direção presidida por Carlos Videira.

É, desde 2005, Administrador da RUM – Rádio Universitária do Minho.

AUTONOMIA E RESPONSABILIDADE PARA MELHOR SERVIR A MISSÃO DA AAUM

Um convite para escrever um testemunho deste tipo é um exercício de (boas) memórias. Desde logo porque nos faz recordar, à distância de 20 anos, o que mais marcou a nível pessoal, mas também o que perdura no tempo – se é que algo permanece – no contexto da instituição. Por outro lado, é também um convite para lembrar os momentos marcantes – os bons e os menos bons – os colegas, os amigos que se fizeram numa caminhada tão intensa e cheia de significado... E foram tantos aqueles que contribuíram que não poderei, aqui, nomear todos e cada um deles. Porque todos foram importantes para concretizar aquilo que nos propusemos, no começo de cada um dos mandatos à frente da AAUM.

Impõe-se, num exercício como este, contextualizar a realidade em que a AAUM vivia nesses tempos e as respostas que fomos dando, para a reestruturação que urgia fazer-se, dotando a AAUM da necessária recuperação financeira e organizacional, que lhe permitisse recuperar a sua imagem institucional, dentro e fora de portas, e, por conseguinte, a sua autonomia.

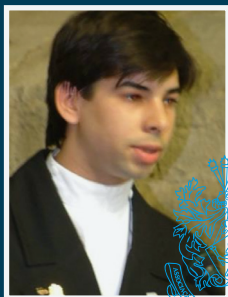
Em 2001, a situação global da AAUM era caótica. Sem recursos financeiros, desorganizada internamente, sem estratégia e, conseqüentemente, sem credibilidade. Foram três anos a construir equilíbrios das contas e a acrescentar património (instituiu-se o actual fundo financeiro para a construção da sede da AAUM em Braga), a enquadrar a profissionalização de áreas de gestão, sujeitando-a às orientações estratégicas dos estudantes eleitos, a impor critérios nas decisões, adoptando uma gestão por projectos. Foi também um período de afirmação interna e de intervenção no plano nacional. No plano interno, iniciou-se um processo de cooperação institucional estimulante e único com a UM, concretizando projectos comuns em benefício dos estudantes, num ambiente e no respeito da autonomia das instituições, deixando para trás a subsidiodependência crónica que existia até então.

Já com a autarquia da cidade de Braga – o oposto verificou-se com o município de Guimarães – surgiram grandes dificuldades e divergências, tendo ficado retido na minha memória a indiferença com que as realizações dos estudantes eram vistas pela Câmara Municipal, que, no caso do Enterro da Gata de 2003 foi mesmo levada ao extremo... Ainda assim, mesmo com a oposição pública do Presidente da Câmara da altura, a festa fez-se!

No plano externo viveram-se períodos conturbados, muitas vezes marcados por ações de contestação nas ruas – chegou a pedir-se a demissão do então Ministro da Ciência e Ensino Superior,

que mais tarde acabou substituído - e pela realização, em 2003, da maior manifestação de sempre dos estudantes da UM, contra as políticas para o ensino superior, nomeadamente contra a Lei do Financiamento do Ensino Superior, a qual foi vendida às instituições como um instrumento para o acréscimo de financiamento direto do Estado por via da 'qualidade'. Os estudantes cedo perceberam o que isso significaria: o financiamento das instituições iria 'crescer' na exacta medida em que as propinas aumentassem e, a breve prazo, esta receita iria substituir as dotações do Orçamento do Estado para as instituições de Ensino Superior. Os anos seguintes vieram a provar isso mesmo e o sistema de ação social escolar nunca acompanhou, na medida correta, o esforço financeiro que foi transferido para os estudantes.

Dentro de portas, na Universidade do Minho, a AAUM afirmava-se a cada passo, e fruto do trabalho de coordenação com os representantes dos estudantes eleitos para os órgãos de governo da Universidade, da assembleia de delegados de curso, núcleos de cursos, plenário dos grupos culturais e outros grupos informais de estudantes, como as comissões de praxe e o Cabido de Cardeais, foram inúmeras as ações desenvolvidas pelos estudantes para defender os seus legítimos interesses e implementar eventos e realizações para os seus pares e que em muito elevaram, e continuam a elevar, o nome da Academia.



PRESIDENTE

Jorge Cristino

MANDATO(S)

2004

BIOGRAFIA

Engenheiro Têxtil, Mestre em Relações Internacionais e especializado em Estudos Europeus, pela Universidade do Minho. Atualmente exerce funções como gestor público no setor empresarial do estado, na área de ambiente, tendo sido anteriormente Chefe do Gabinete do Secretário de Estado do Ambiente, no XXI Governo Constitucional. Exerceu ainda funções ao nível autárquico, como adjunto da vereação, ao longo de uma década, com os pelouros Ambiente, Serviços Urbanos, Mobilidade, Proteção Civil Municipal, Urbanismo e Relações Internacionais. Foi Presidente fundador do centro de investigação e educação ambiental Laboratório da Paisagem, em Guimarães e vogal do Conselho de Administração do CVR – Centro de Valorização de Resíduos e da empresa Vitrus Ambiente EM, SA. Foi ainda Presidente da Associação Cultural Círculo de Arte e Recreio, em Guimarães e fundador de várias associações cívicas na Figueira da Foz, de onde é natural. É também autor do livro “A Missão das Cidades no combate às alterações climáticas” e de vários artigos científicos e de opinião.

UMA INTENSA VIAGEM

Neste convite feito pela AAUM para transcrever as memórias do mandato de 2004, por ocasião do 44º Aniversário, saltou de imediato a ideia do principal feito neste e em todos os anos: o da transformação pessoal de cada um dos elementos que participaram na vida associativa. Não há melhor feito do que aquele causado pela entrega e abnegação diária aos outros, onde através da nossa ação somos capazes de crescer coletivamente como organização e como sociedade. Por isso, o primeiro e mais importante marco foi, sem margem para dúvidas, o crescimento individual e coletivo para hoje sermos melhores homens e mulheres, melhores profissionais e sobretudo melhores cidadãos, mais ativos, atentos, inconformados e participativos.

A participação na vida associativa há 18 anos era diferente do que é hoje. A começar pelo facto da nossa estada na Universidade ter sido mais longa (pré-Bolonha) e, por isso, permitiu ver objetivos e projetos num prazo mais exequível. Assim, dar continuidade a alguns projetos que vinham de trás era importante e permitiu criar solidez à AAUM, do ponto de vista organizativo. Aliás, em 2004, com a preocupação de dar continuidade a uma organização interna sólida e robusta, e depois de uma alteração estatutária exigente e difícil realizada no ano anterior, criou-se um regulamento de funcionamento interno e um organograma que se manteve durante anos. Ao mesmo tempo criou-se aquilo que viria a ser o gabinete interno de contabilidade, assessorado por uma auditoria externa permanente, dando credibilidade e transparência às contas da AAUM, que já na altura tinham um volume financeiro considerável. A par disto, deu-se continuidade a uma reforma estrutural para a autonomização dos serviços prestados pela AAUM, através de concessões e contratos de arrendamento públicos, dando maiores vantagens para os estudantes, como por exemplo, nas reprografias, nos bares, nos transportes, entre outros. Aliás, a criação do regime de concessão dos transportes entre os dois campi, deram início neste mandato, tendo tido continuidade até aos dias de hoje.

Estas decisões tinham por base o princípio de que um dirigente associativo e uma direção de uma associação académica eram eleitos para defender os interesses dos estudantes e não para gerir serviços como uma empresa. Daí ser fundamental, organizar a casa e libertar os dirigentes associativos para a verdadeira ação estudantil. É importante referir que estes foram anos bem conturbados, em que o movimento estudantil vivia tempos tumultuosos e de grande contestação, a nível nacional, contra o aumento das propinas e o fraco apoio social a estudantes desfavorecidos. Em 2004, foram organizadas centenas de ações de contestação, desde greves, vigílias, manifestações, cortejos, fechos de edifícios, colocação de faixas, cartazes, manifestos, entre outras ações

simbólicas, bem como muitas viagens e reuniões em Lisboa com decisores políticos. Na altura, desenvolvemos um forte departamento de política educativa, em colaboração com as listas que tinham sido nossas opositoras, a fim de juntarmos esforços e sermos das academias mais representativas a nível nacional, a par da FAP, da AAC e da AAL.

2004 era um ano que parecia não terminar, tendo em conta que grande parte da equipa vinha já dos anteriores três mandatos. Nesse mesmo ano, fizemos ainda a reestruturação necessária da RUM, deixando garantido um envelope financeiro e dando um grande impulso à rádio que estava a definir aceleradamente.

Ao nível de Desporto Universitário, não podemos esquecer que continuamos a dar cartas e a garantir o palco de grandes competições internacionais, como foi o Campeonato Europeu Universitário de Voleibol (2004).

Ao nível social e saídas profissionais, tivemos um dos anos mais intensos, tendo sido concretizado um conjunto de projetos como Feiras de Emprego, Gabinete de Apoio ao Empreendedor e de Formação, que viriam a ser o embrião dos projetos LIFTOFF, hoje a START POINT, bem como outras Ações de Apoio Social que garantiram uma ligação entre a academia e o exterior, desde empresas a instituições de solidariedade social. Isto sem nunca esquecer aquela magnífica criação do University Fashion, que veio para ficar.

Se repararmos, pouco ou nada falámos de festas académicas, pois, à época, o estigma de que a AAUM servia apenas para organizar festas era ainda pesado e os anos de prejuízo herdados do fim dos anos 90 eram, felizmente, um problema resolvido. No entanto, organizámos grandes atividades lúdicas, recreativas e desportivas, como a Gata na Neve, a Gata na Praia, o Enterro da Gata, de cartaz nacional, o último na memorável Quinta dos Peões.

A ligação às instituições nacionais, regionais e locais, eram uma prioridade e felizmente muito se fez para manter a credibilidade e boa imagem em todas as áreas e setores, de forma a garantir que a AAUM era uma organização respeitada e considerada nos principais projetos estratégicos para a região, para as suas cidades, bem como para a Reitoria e outras instituições, desde logo a Igreja.

Isto tudo sem nunca esquecer os nossos funcionários, com quem cumprimos escrupulosamente as obrigações sociais e garantimos os seus direitos, ao mesmo tempo que organizamos a casa internamente, mantendo a defesa dos interesses dos estudantes, quer ao nível dos órgãos de gestão da universidade, quer ao nível da política educativa no âmbito nacional.

Não passo ao lado de um dos episódios mais caricatos da história da academia. O da demissão coletiva da direção de um órgão de comunicação interno, o Jornal Académico, que ainda hoje daria um só capítulo nesta história, por ser lembrado com saudade.

Por fim, graças à ideia de continuidade do projeto de construção da nova sede, esta direção apresentou um saldo positivo que canalizou parte para a RUM, já dito anteriormente, parte para aquisição de novo autocarro e por fim para o projeto de construção da nova sede da AAUM.

Termino, como comecei. No ano em que foi lançado o slogan que veio para ficar, “Bem-vindos à melhor Academia do País”, resta a memória destes anos que são viagem, em que o melhor que levamos é o nosso enriquecimento e crescimento individual, para um dia, onde quer que estejamos, consigamos contribuir para uma melhor sociedade para todos.

PARABÉNS ACADEMIA!!!



PRÉSIDENTE

Roque Teixeira

MANDATO(S)

2005 — 2006

BIOGRAFIA

2017-2022 – Chefe de Gabinete e Adjunto do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; 2014-2016 - Responsável de Marketing, Imagem e Media da Federação Internacional de Pentatlo Moderno; 2013-2014 e 2011-2012 - Gestor de Eventos e Projetos Internacionais dos Serviços de Ação Social da Universidade do Minho; 2012-2013 - Administrador dos Serviços de Ação Social da Universidade da Beira Interior; 2009-2011 - Assessor do Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; 2008-2009 – Responsável Administrativo e Financeiro da Pastelaria e Pão Quente Nobreza, Braga.

POR UM CAMINHO DE FUTURO

Diz-se que a melhor fase da vida de qualquer pessoa é a vida Universitária. Eu afirmo, sublinho e ponho a bold essa afirmação. Também por isso, embora já tenha tido a oportunidade de abraçar projetos fantásticos, sem dúvida, que um dos mais importantes foi ter o privilégio de ser Presidente da AAUM.

A Universidade do Minho, que hoje ainda é uma “Universidade Jovem”, tinha e tem na sua Associação Académica um interlocutor ativo na procura do bem-estar dos seus estudantes.

Recordando esses anos de 2005 e 2006, a AAUM vinha construindo um percurso de consolidação financeira, de implementação nacional, de voz ativa e de parceria institucional clara com a Reitoria e com os Serviços de Ação Social da Universidade, procurando aproximar-se cada vez mais dos seus associados.

As duas direções que tive o privilégio de presidir tentaram manter e fomentar esses valores, respeitando o equilíbrio de poderes institucionais, mas nunca deixando de realçar as necessidades dos estudantes e a melhoria das suas condições de vida académica.

Do pedagógico e social à integração dos novos estudantes, do desporto às atividades recreativas, passando por ações para o apoio aos estudantes que terminavam os seus cursos, estes dois anos foram marcados por muitas horas de discussões, atividades e posições que tentaram valorizar a AAUM, a UMinho e os seus estudantes.

No entanto, e sendo este um texto de memórias, não posso deixar de recordar algumas das etapas mais marcantes desses anos. E aqui realço quatro momentos.

O primeiro, e talvez a atividade que mais se consolidou ao longo destes anos, a receção aos novos estudantes com metodologias de ensino não formal.

É com um sorriso no rosto que recordo a primeira conversa sobre uma atividade de integração diferente para os novos alunos que o então Vice-Presidente Pedro Soares (Presidente que me sucedeu) apresentou. Uma ideia louca, não orçamentada que requeria um trabalho hercúleo de angariação de fundos e de implementação. E com a irreverência que os estudantes nunca devem deixar de ter, em boa hora decidimos avançar. Apresentamos então uma ideia que ninguém conhecia envolvendo todas as forças da academia Desde a reitoria e AAUM, aos SASUM e desporto, pas-

sando por todos os grupos culturais e locais emblemáticos da cidade, todos contribuíram para a criação de um único espaço por onde todos os novos alunos iriam passar no dia da sua matrícula na UMinho, acompanhadas de atividades lúdicas de ensino não formal, para que, desta forma então inovadora, pudessem entrar nesta nova fase das suas vidas de forma diferente. E assim nasceu aquela que é ainda hoje uma das melhores formas de integração a novos alunos de todo o país.

Realço também as atividades pedagógicas e a relação com os delegados e núcleos de curso, o reforço da então UNIVA (Unidade de Inserção na Vida Ativa) no apoio e encaminhamento dos estudantes que procuravam emprego e no lançamento de diversas ações de formação com custos reduzidos, disponibilizados a todos os estudantes.

Como não podia deixar de ser, as atividades lúdicas mais marcantes: As Gatas na Praia e na Neve e os Enterros da Gata. Eventos que consolidaram a relação com os estudantes, o espírito único desta academia e que tantas horas de sono nos tiraram. Em especial os Enterros da Gata que, em termos financeiros com a orçamentação da despesa inflacionada e da receita reduzida, foram desenvolvidos de uma forma que permitia que as conhecidas intempéries minhotas (que tivemos a sorte de não ter como aconteceu em anos anteriores) não colocassem em questão as restantes atividades da AAUM.

Ainda neste tema, o ano de 2006 foi muito peculiar com a pressão para que o Enterro da Gata deixasse de ser organizado nos terrenos em frente à UMinho, tendo-nos sido proposto o parque de estacionamento do Estádio Municipal de Braga. Por sorte, conseguimos que esta solução que, na verdade, ninguém queria não fosse para a frente. Num famoso dia (para os elementos dessa direção) 2 membros da AAUM vieram propositadamente da Gata na Praia para reunir com o Presidente da Câmara de Braga durante 5 minutos. E nesse mesmo dia, voltaram para o Algarve felizes e contentes por mais uma conquista.

Por último, aquele que ainda é o desígnio das direções da AAUM, o esforço financeiro para tentar construir uma nova sede da Associação Académica que nos nossos dois mandatos se aproximou dos 100 mil euros. Mais uma migalha no esforço de tantas direções para cumprir um desígnio que todos sabemos que os estudantes da UMinho merecem e que elevará ainda mais o estatuto da instituição.

Por tudo o descrito, e olhando a esta distância, posso afirmar que o dia do discurso de despedida foi um dos mais marcantes da minha vida... pelo fim de um ciclo, pela emoção, pelo sentido de dever cumprido, por todos os que me acompanharam naquele percurso, pelo grupo fantástico de pessoas que fez parte das minhas direções e acima de tudo pelos estudantes que tive a honra de representar.

Para finalizar, termino tal como terminei esse discurso a 12 de janeiro de 2007, “Tudo isto foi Por UM caminho de futuro”. Esta é e, para mim, sempre será “A MELHOR ACADEMIA DO PAÍS!”



PRESIDENTE

Pedro Soares

MANDATO(S)

2007 — 2009

BIOGRAFIA

Licenciado em Biologia Aplicada e Pós-Graduado em Estudos de Gestão, foi Presidente da Direção da Associação Académica da Universidade do Minho (U.M.), representante eleito dos estudantes na Escola de Ciências, no Conselho Académico, no Senado Universitário e no 1º Conselho Geral da U.M.. Representante Nacional dos Estudantes do Ensino Superior Universitário na Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, representante dos estudantes na Assembleia Estatutária U.M., Presidente da Assembleia Geral da Federação Académica de Desporto Universitário e fundador do Núcleo de Estudantes de Biologia Aplicada da U.M. – NEBAUM. Foi ainda membro externo do Conselho Geral do Instituto Politécnico de Lisboa.

A nível profissional foi Assessor de Direção/Secretário Geral do Conselho Nacional de Juventude, Assessor Parlamentar no Parlamento Europeu e Diretor da Agência Nacional Erasmus+ Juventude em Ação. Atualmente é Diretor do Centro de Juventude de Braga.

TRÊS MANDATOS DE MAIOR PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL

Vivia-se, por estes anos, a implementação do Processo de Bolonha com a conseqüente reestruturação de todos os cursos da Universidade e as implicações transformadoras que todas estas alterações trouxeram, como, por exemplo, as feitas ao Regulamento Interno de Avaliação e Passagem de Ano. Neste contexto foi aprovado um novo Regime Jurídico para as Instituições do Ensino Superior e por conseqüência dessa aprovação houve necessidade de se rever profundamente os estatutos da Universidade do Minho. Por outro lado, a AAUM enfrentava, em 2007, uma débil situação financeira por via da diminuição de receitas fixas dada a diminuição do número de estudantes e conseqüente redução no valor das suas quotas, bem como uma diminuição no financiamento do Estado através do IPJ.

Esta situação trazia consigo uma responsabilidade acrescida e uma maior motivação para a resolução destes problemas e para a tomada de decisões partilhadas tão importantes para toda a academia.

O trabalho participado e em rede com todos os envolvidos permitiu que, no término do último mandato, a sensação fosse a comum: a de que se parte com o sentimento do dever cumprido e consciente da obra feita.

Pensa-se naquilo que conseguimos construir e que, inevitavelmente ficará associado a pessoas e a Instituições. E, olhando para trás, fica a memória que foram três mandatos intensos, estrategicamente complementares e desenvolvidos em redor de declarações de missão simples, mas motivadoras.

Aprendemos todos, vivendo, experimentando, repetindo, alcançando.

Globalmente os três mandatos que me foram concedidos incrementaram de um modo substancial a participação dos estudantes nas atividades da AAUM. E a realidade demonstrou que aumentou em 20% o número de estudantes envolvidos nas realizações dos diferentes departamentos da AAUM.

Adicionalmente, passou-se de um orçamento em 2006 de cerca de 2 milhões de € para mais de 3 milhões em 2009. A contribuição para a construção da nova sede totalizou, nesses três anos, cerca de 350 mil euros, dos quais 130 mil constituíram o valor alocado só no último mandato, entre parceiros e recursos próprios da AAUM.

Mais especificamente, diria que o primeiro mandato em 2007 foi essencialmente um mandato de aprendizagem para uma equipa muito jovem em termos de vivência associativa. O slogan escolhido da altura de “CONNOSCO (H)Á (de lista A) SEMPRE MAIS” entusiasmou a Direção de então, para níveis de concretização elevados das ações e eventos realizados.

Foi assim nas sessões de acompanhamento e integração dos novos alunos em que se utilizaram métodos pioneiros e inovadores, que posteriormente vieram a ser reproduzidos por outras academias do país e recentemente pela própria Universidade do Minho.

Foi assim na representação dos estudantes nos órgãos de decisão de assuntos pedagógicos, ora propondo e defendendo normas e regulamentos, ora fazendo aprovar melhores condições de acesso a infraestruturas de apoio pedagógico de que a abertura das bibliotecas em horário noturno foi um exemplo.

Foi assim ao acompanhar de perto as oportunidades do processo de Bolonha desenvolvendo ações complementares e reconhecidas com ECTS e que proporcionaram aos estudantes capacidades complementares para uma melhor inserção no mundo de trabalho.

Foi assim no apoio a núcleos e na formação dos delegados de turma e de curso, aproximando-os da AAUM, proporcionando-lhes mais competências para as suas funções.

Foi assim em todas as atividades culturais e recreativas que a AAUM, através dos seus Departamentos, organiza anualmente. Ter-se-ão conseguido participações que excederam realizações anteriores nos casos que envolveram os grupos culturais da AAUM, na celebração do 1º de Dezembro, na “Gata na Praia” e nas comemorações do “Enterro da Gata”.

Foi assim na organização e gestão interna de uma Instituição, que através de uma política orçamental rigorosa permitiu realizar mais iniciativas com menos gastos assim como acrescentar recursos próprios ao projeto de criação da nova sede da AAUM.

Foi assim com a organização dos Campeonatos Nacionais Universitário 2007, que após cinco anos regressaram ao Minho.

Foi assim que firmamos parcerias com os mais importantes clubes da região, que reconheceram as nossas valências atribuindo-nos a gestão de modalidades de alta competição. Foi exemplo disso o protocolo assinado com o SC Braga, em 2007, que resultou na fusão da equipa de Futsal do SC Braga com a equipa da AAUM tendo ficado a AAUM responsável por dirigir o projeto.

O interesse dos nossos estudantes praticantes constituiu sempre a nossa motivação principal.

Finalmente foi assim que a AAUM acolheu o “Encontro Nacional de Direções Associativas 2007” onde se debateu o ensino superior, a Ação Social e o então novo RJIES.

Nas eleições de 2008, a lista que encabecei – lista A – apresentou-se aos estudantes sob o lema “POR TODAS AS RAZÕES E MAIS UM(A).

Os desafios que se colocavam aos estudantes no ano deste mandato eram, no mínimo, intimidatórios.

Um financiamento público exíguo e mal distribuído, a autonomia das Instituições do Ensino Superior subjugada e um novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior.

Os estudantes da Universidade do Minho reconheceram, nesse ano, que havia todas as razões e mais uma para confiarem numa equipa experiente, capaz de agarrar todas as oportunidades e sobretudo credível para, em seu nome, potenciar os seus interesses.

Foi assim que contribuímos para o processo de construção do novo edifício de governação da Universidade, num contexto de contestação aberta ao poder político, mas também de grande solidariedade Institucional. Foi, por isso, particularmente exigente a participação dos estudantes na Assembleia Estatutária da Universidade do Minho com um ritmo de trabalho elevado e reuniões semanais e todas elas importantes e determinantes. Pela primeira vez na história da Universidade do Minho, os estatutos passaram a dedicar um artigo onde a Universidade reconhece a AAUM como a legítima representante dos estudantes.

Este mandato – para além da organização e gestão profissional de todas as atividades culturais e recreativas agendadas anualmente – ficou marcado pela implementação do denominado projeto Comunicar que incluiu o desenvolvimento da plataforma AAUM digital.

Baseado nas inúmeras e distintas valências associadas ao universo dos estudantes universitários, este projeto conseguiu atrair recursos financeiros muito significativos.

2008 foi também o ano de mudança do local da realização das grandiosas festas académicas do “Enterro da Gata”.

O novo gatódromo – na Alameda do Estádio Municipal de Braga – constituiu uma decisão arriscada, mas controlada. A edição 2008 teve uma qualidade organizativa e recreativa por todos reconhecida e contou com a presença de bandas como James ou Guano Apes, para além dos melhores artistas nacionais.

Gostaria, finalmente, de recordar que este foi o ano em que a AAUM reconheceu formalmente a importância dos estudantes do 3º ciclo, atribuindo a um seu representante um lugar na sua Direção.

Portanto, depois de um primeiro mandato de aprendizagem e consolidação do “saber fazer”, seguiu-se um segundo de grande atividade em termos de afirmação interna: de representatividade ao nível Institucional, organizativa e de recursos ao nível da AAUM.

O ano de 2009 encerra o ciclo de complementaridade de que falei no início deste capítulo.

Sob o lema UM por todos e todos por UM, 2009 foi um ano em que se encerrou um capítulo e se iniciou um novo na governação da Universidade.

Os estudantes tiveram oportunidade de reafirmar os seus princípios e os seus valores e neste contexto, vincularam-se com o futuro desta casa.

Adicionalmente, 2009 foi um ano de grande projeção nacional para a AAUM.

Estivemos na rua, “Juntos Pelo Ensino Superior” a contestar políticas para o ensino superior de que as recentes medidas anunciadas só vieram confirmar a justiça desse descontentamento.

2009 ficou indubitavelmente marcado pelo reconhecimento público do mérito, da competência, da ousadia, dos projetos desenvolvidos no seio da AAUM.

A visita do Presidente da República à Universidade do Minho para exclusiva e unicamente homenagear a AAUM por sete meses de atividades dinamizadoras e fomentadoras da interação da juventude com a Democracia, a Cidadania e a Integração Europeia, constituiu um dos pontos mais altos de sempre na história de realizações da AAUM.

Neste particular, a Rádio Universitária do Minho desempenhou um importante papel de entidade executiva deste programa.

Por ocasião da visita do Presidente da República, realizou-se a gala PINTAR UM MUNDO MELHOR. Um evento cheio de simbolismo e que marcou de uma forma única o cariz de intervenção social da Associação Académica.

No mandato de 2009, há ainda a realçar dois êxitos organizativos, nomeadamente o ENDA que já tínhamos recebido igualmente em 2007 e o 1º Campeonato Europeu de Taekwondo.

Tomando em consideração os três anos de mandato, não posso esquecer os feitos desportivos alcançados pelos nossos estudantes em competições nacionais e internacionais.

Por fim, fica a gratidão a todos os que contribuíram para estes mandatos, em particular para os que integraram as direções a que presidi, com esforço e dedicação ao serviço da Academia.

Tenho comigo o mais importante, a amizade, companheirismo e cumplicidade em tudo, e ainda o que em conjunto construímos para os estudantes.

Encerro este capítulo fazendo referência ao ato solene de encerramento do meu último mandato com uma das mais nobres funções desempenhadas por um Presidente da AAUM: a atribuição,

em nome da Reunião Geral Alunos, do título de membro honorário da Associação Académica ao então Reitor da Universidade do Minho, o Professor Doutor António Guimarães Rodrigues.

Braga, 15 de dezembro de 2021

Pedro Couto Soares



PRESIDENTE

Luís Rodrigues

MANDATO(S)

2010 — 2011

BIOGRAFIA

Licenciado e Pós-Graduado em Ciências da Comunicação, foi Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, representante dos estudantes no Senado e Conselho Geral da UMinho, e representante dos estudantes do ensino superior universitário na Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES).

A nível profissional, foi jornalista do programa Sociedade Civil da RTP2, Coordenador do Gabinete de Desenvolvimento, dos Serviços de Apoio ao Reitor da UMinho, Diretor de Comunicação e Relações Institucionais da Casa de Investimentos - Gestão de Patrimónios, S.A., e Gestor de Programas da Startup Braga. Atualmente, é Diretor da Startup Braga, hub de inovação da InvestBraga, dedicado ao apoio a empreendedores e à aceleração e incubação de ideias de negócios inovadoras e de base tecnológica, e Membro do Conselho Estratégico da Startup Portugal.

AS MINHAS MEMÓRIAS DE UMA CASA

As pessoas que gostam de escrever sobre experiências de vida marcantes fazem-no porque, invariavelmente, isso representa uma oportunidade de partilhar testemunhos e interpretações de situações que, em breve, passarão a ser já longínquas, distantes.

Simultaneamente, a perspetiva de poder contribuir para a preservação da memória coletiva da Associação Académica da Universidade do Minho é um pensamento tão arrojado quanto gratificante.

Aceitei, por isso, com particular entusiasmo, o desafio de contribuir com uma reflexão sobre os principais marcos e acontecimentos de 2010 e 2011, e do contexto em que tive oportunidade de liderar a AAUM.

A primeira passagem deste texto não poderia, pois, esquecer o contexto da primeira eleição e o mérito de todos os dirigentes associativos que antecederam esta época. Tive o privilégio de suceder a três anos de presidências verdadeiramente extraordinárias em termos de realizações e de grande afirmação da Associação Académica. Num contexto de profunda reestruturação do Ensino Superior – a implementação do Processo de Bolonha e conseqüente reorganização dos graus e diplomas, e o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior são disso exemplo –, o Pedro Soares soube liderar os estudantes de forma ímpar, pugnando nos diferentes órgãos de governo da Universidade pela sua – tão ameaçada – representatividade e, em paralelo, conceptualizando e prosseguindo ideias, organizando e captando recursos, mobilizando e motivando pessoas à volta de projetos de grande dimensão.

Foram anos de crescimento exponencial para a Associação Académica. Em recursos, na cultura, no desporto, nos serviços, na intervenção política.

Em rigor, devemos recuar mais alguns anos para encontrar o prólogo deste círculo virtuoso que terá sido protagonizado pelas direções do Vasco Leão (e continuado pelas equipas do Jorge Cristiano e Roque Teixeira).

Quando, praticamente uma década depois, assumi a presidência da AAUM, há muito que tinha aprendido que a inspiração se ganhava trabalhando nos legados dos antecessores. Legados infraestruturais, mas principalmente de ideias e valores, de conceções, de realizações, de causas, de intervenções.

Neste contexto, não foi difícil partilhar ambições e projetar novos desafios, capazes de acrescentar valor ao existente e expandir o seu universo.

Perante uma conjuntura de profunda crise económica e social, a primeira direção apresentou-se com doze grandes desígnios: Ação Social, Política Educativa, Proximidade, Formação, Avaliação, Qualidade, Desporto, Cultura, Integração, Saídas Profissionais, Empreendedorismo e Inovação.

O crónico subfinanciamento do Ensino Superior – e, particularmente, da Universidade do Minho –, os consecutivos aumentos no valor das propinas, um quadro de ação social injusto e redutor – quer ao nível quantitativo quer dos seus critérios –, as crescentes taxas de desemprego entre os jovens eram, então, preocupações maiores dos estudantes.

No domínio das saídas profissionais e empregabilidade, a posição do Conselho de Reitores refletia a preocupação generalizada com o tema: “a noção tradicional de que a responsabilidade das universidades em relação aos seus estudantes terminava com a graduação não é aceitável dados os problemas de empregabilidade e rápida evolução do mercado de emprego”.

Importava, por isso, encontrar novos caminhos. Entendeu-se, então, promover um estudo sobre o “Empreendedorismo na comunidade académica da Universidade do Minho”, que se propôs a descrever o perfil e aferir o potencial empreendedor dos alunos e Alumni da Universidade do Minho, a analisar o papel da UMinho na promoção do empreendedorismo, a avaliar a perceção da comunidade académica relativamente à capacidade da região para potenciar o empreendedorismo, e a conhecer as características do empreendedorismo qualificado da UMinho (potencial/existente) e o seu cariz internacional.

Se, por um lado, as respostas revelavam um vincado perfil empreendedor entre a comunidade, por outro, denotavam uma falta de conhecimento ou proximidade relativamente às estruturas e instrumentos de apoio.

Pela conjugação destes fatores, a Direção da AAUM empenhou-se na criação de um Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo na Universidade do Minho, capaz de potenciar a eficiência de um sistema que se pretendia mobilizador do conhecimento, da inovação e do espírito empreendedor. A Universidade e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior reconheceram o mérito da iniciativa, e o LIFTOFF viria a ser inaugurado, a 9 de novembro de 2010, pelo Reitor, António Cunha, e pelo Secretário de Estado, Manuel Heitor.

Procurando contagiar positivamente as demais Academias, a AAUM apresentou uma moção, em sede de Encontro Nacional das Direções Associativas, para criação de um Concurso Nacional de Empreendedorismo. O concurso, que na sua primeira edição atribuiu o 1º lugar à SilicoLife – projeto que conhecia, então, os primeiros passos na Universidade do Minho –, foi amplamente

apoiado e difundido pelas várias universidades e politécnicos, sendo merecedor do Alto Patrocínio do Presidente da República.

No plano desportivo, viveram-se tempos igualmente marcantes. A AAUM alcançou o 2º lugar no Ranking da EUSA (Associação Europeia de Desporto Universitário), pelas suas conquistas nos Campeonatos Europeus Universitários, sendo igualmente a segunda associação mais medalhada em campeonatos nacionais, com 62 lugares de pódio.

A um rendimento desportivo de excelência, juntava-se ainda a capacidade organizativa. Além da realização do Campeonato Europeu Universitário de Taekwondo, em 2011, a AAUM e UMinho elaboraram nesse mesmo ano as candidaturas à organização do Campeonato Mundial Universitário de Xadrez 2012 (Guimarães), do Campeonato Mundial Universitário de Futsal 2012 (Braga) e do Campeonato Mundial Universitário de Andebol 2014 (Guimarães), que viriam a ser atribuídas.

Na base deste sucesso desportivo, residiam importantes protocolos de cooperação com os clubes da região em diferentes modalidades. Exemplo paradigmático disso mesmo foi o protocolo celebrado com o SC Braga na modalidade de futsal, cuja equipa – partilhada por ambas as instituições – alcançou a subida à 1ª divisão na época de 2010/11, acompanhada pelo sucesso da equipa universitária que se sagrou campeã nacional.

Na dimensão cultural, apoiamos ativamente o Plenário de Grupos Culturais da UMinho (PGCUM), promovendo a auscultação e debate, reforçando a dotação orçamental do PGCUM e aumentando o financiamento direto às atividades dos Grupos Culturais. Fomos parte ativa na organização do Festival de Outono, criado pela Universidade, no início do ano letivo de 2010/11, com o objetivo de conciliar o património cultural e artístico da UMinho com a criação contemporânea no âmbito da música, do teatro, da literatura, da poesia ou da fotografia, promovendo, simultaneamente iniciativas favoráveis à integração dos novos alunos.

Na mesma dimensão, promovemos conjuntamente com a Associação Cultural Francisco Sá de Miranda a publicação de uma edição celebrativa de compilações originais de Testamentos da Gata, desde 1922. Por um lado, por serem parte integrante de uma tradição que a AAUM abraçou como sua desde 1989, e por outro, pelo contributo de tal obra para a preservação de importantes memórias culturais, documentando a disponibilidade dos estudantes para assumir causas, utilizando a sátira para provocar mudanças, denunciando e obrigando à reflexão.

A intervenção estudantil foi, também, de particular importância no período de 2010-2011, resultado, fundamentalmente, da publicação do DL 70/2010, e consequente Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo, que viria a excluir milhares de estudantes carenciados do sistema de ação social. A posição da AAUM foi, desde o primeiro momento, muito clara, protestando ativamente contra as Normas Técnicas Nacionais que regiam a atribuição de Bolsas de Estudo e denunciando

as inúmeras situações dramáticas que as mesmas criaram junto dos estudantes da Universidade do Minho, fruto de diversas incongruências e inconstitucionalidades do documento. O tempo e o Provedor de Justiça viriam a atribuir razão às denúncias da AAUM e às ações de protesto que voltaram a mobilizar milhares de estudantes das diversas Universidades e Politécnicos até à Assembleia da República.

No plano interno, a comunidade da UMinho debatia uma eventual mudança para o Regime Fundacional, opção que, apesar dos alegados ganhos de eficiência e agilidade na gestão ou na captação de recursos, gerava inúmeras desconfianças entre os diferentes corpos. Desde cedo, a AAUM empenhou-se em fomentar o debate e auscultar os seus pares: nas RGAs, nas Assembleias de Núcleos e de Delegados ou ainda em sessões criadas para o efeito. Nos diferentes momentos, reiteramos sempre que a opção Fundação requeria vigilância acrescida. Para que as mesmas regras das demais universidades públicas, nomeadamente no que respeitava ao financiamento por parte do Estado, fossem sempre observadas e aplicadas.

Nas diferentes dimensões, atrevo-me a dizer que os dirigentes associativos de então souberam honrar e valorizar o caminho de sucesso que desde 1977 se vinha traçando: empenhando-se na defesa dos interesses específicos dos diferentes cursos, disponibilizando recursos a delegados, núcleos, grupos culturais e estudantes-atletas, e proporcionando o desenvolvimento de competências extra nas áreas da cultura, da arte, do desporto, do empreendedorismo ou da cidadania.

Encerro este texto com uma certeza e uma sincera gratidão.

Estou certo de que a história destes 44 anos seria muito menos entusiasmante e diversa sem o empenho que os diferentes Reitores da Universidade do Minho emprestaram à sua Associação Académica. Enquanto representante dos estudantes nos diferentes órgãos, e mais tarde Presidente da AAUM, tive o privilégio de conhecer dois e de dar continuidade a uma relação única que há muito existia entre Associação Académica e Reitoria da Universidade. Uma relação que se baseou sempre em princípios de solidariedade, independência e lealdade. Que se fortaleceu perante dificuldades e obstáculos exógenos. Que cresceu baseada em projetos contratualizados através de permutas de valências próprias de ambas as Instituições. Uma relação da qual Universidade e estudantes foram sempre beneficiários.

Aos Reitores, Professor António Guimarães Rodrigues e Professor António Cunha, o meu sincero reconhecimento.

Ao Provedor do Estudante, Professor António Paisana, um renovado obrigado pela partilha de causas e inestimável acompanhamento.

Aos dirigentes associativos que me acompanharam, pelo companheirismo, empenho e generosidade com que elevaram a Associação Académica, o meu eterno agradecimento.



PRÉSIDENTE

Hélder Castro

MANDATO(S)

2012

BIOGRAFIA

Hélder Castro nasceu em Guimarães e é formado em Arquitetura na Universidade do Minho. Foi presidente da Associação Académica da UMinho (AAUM) em 2012, tendo também desempenhado várias funções de representação estudantil nos órgãos da Universidade.

Profissionalmente foi Perito Avaliador na Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, Diretor Comercial da JOM, CEO do MinhoON, Founder Partner da Onfleck e atualmente desempenha funções de CEO na Lifter Healthcare Consulting.

AFIRMAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO MINHO

O ano de 2012 foi um ano de afirmação da importância dos Estudantes da Universidade do Minho e consequentemente da Associação Académica da Universidade do Minho no contexto local.

Com as cidades de Braga e Guimarães a serem palco das Capitais Europeias da Juventude e Cultura, respectivamente, era inevitável um envolvimento profundo dos Estudantes nestes dois eventos por consequência do seu histórico e responsável serviço a estas cidades nestas duas áreas.

Este cenário único, permitiu que os Estudantes cimentassem a sua relevância na organização de grandes eventos, como foi o caso da organização do Campeonato Mundial Universitários de Futsal e Xadrez, bem como enquadrassem alguns dos seus principais eventos Culturais e Recreativos numa óptica internacional, como foi o caso da Récita do 1º de Dezembro ou as conhecidas festividades do Enterro da Gata.

As circunstâncias criaram uma merecida montra para os Estudantes da Academia Minhota, que a aproveitaram, por via da Associação Académica da Universidade do Minho, para defender os seus interesses, reclamar melhores condições sociais e aumentar consequentemente os seus índices de sucesso.

O plano de ação de 2012, apesar de preenchido ao nível da representação regional e internacional, permitiu ainda a elevação do Liftoff enquanto um elemento determinante na criação de uma mentalidade empreendedora na Universidade do Minho, o desdobramento na defesa de causas sociais, o acompanhamento e apoio aos grupos Culturais da Universidade do Minho salientando ainda os resultados desportivos das nossas equipas nas competições nacionais e internacionais.

No plano interno da Universidade, e dando continuidade a uma proximidade grande entre as diferentes estruturas, não é possível deixar de denotar a comunicação directa que se reforçou entre Reitoria e Serviços de Acção Social que em conjunto com a Associação Académica da Universidade do Minho deram uma resposta às necessidades imediatas dos Estudantes.



PRESIDENTE

Carlos Videira

MANDATO(S)

2013 — 2015

BIOGRAFIA

Carlos Videira é licenciado em Relações Internacionais e mestre em Direitos Humanos. Foi Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Federação Académica do Desporto Universitário, membro do Conselho Municipal de Educação de Braga e do Conselho Nacional de Educação. Desempenhou as funções de coordenador do Pólo Zero, no Porto, de colaborador dos Serviços de Apoio ao Reitor e de Assessor do Administrador dos Serviços de Acção Social da UMinho. É Diretor do Departamento de Desporto e Cultura dos Serviços de Acção Social da UMinho e Vogal do Conselho de Administração da Fundação Bracara Augusta.

ESTES ANOS SÃO PASSAGEM...

Durante três anos tive a honra e o privilégio de liderar a direção da Associação Académica da Universidade do Minho. Foram anos intensos, carregados de desafios exigentes, orientados em nome de causas e de princípios, concretizados em projetos de valor, com propósitos claros e bem definidos – a defesa dos legítimos direitos dos estudantes, a resposta aos seus desafios e necessidades, a afirmação do seu papel numa universidade e numa sociedade mais democrática e desenvolvida.

Seria ingénuo ou presunçoso se afirmasse que o rumo traçado ao longo daqueles três anos foi de crescimento ininterrupto ou de realizações plenas. Estou certo que houve oportunidades desperdiçadas e problemas que não tiveram a melhor resposta. Afinal, como disse tantas vezes, uma associação académica é sempre um projeto inacabado, em construção permanente e contínua adaptação aos anseios da comunidade que representa.

No entanto, a Associação Académica da Universidade do Minho foi também, durante aqueles mandatos, tal como nos outros anos, as causas e os projetos que abraçou, as lutas e as conquistas pelas quais se bateu. Neste particular gostaria de destacar:

- O congelamento inédito do valor da propina de todos os ciclos de estudo da Universidade do Minho a partir do ano de 2013;
- As alterações ao Regulamento de Atribuição de Bolsas de Estudo a Estudantes do Ensino Superior, que permitiram incluir no sistema de ação social mais de 1 000 estudantes da Universidade do Minho e mais de 10 000 estudantes a nível nacional;
- A criação do Fundo Social de Emergência da Universidade do Minho, em fevereiro de 2013, e que, durante aqueles três anos, apoiou cerca de 300 estudantes carenciados;
- O reforço do sistema de packs de senhas de cantina e a criação do sistema de packs de senhas de transporte a preço mais reduzido em fevereiro de 2013;
- A abertura de seis salas de estudo abertas 24 horas por dia, a partir de abril de 2013, nos campi de Gualtar e Azurém;
- A publicação e acompanhamento da aplicação do Regulamento Académico da Universidade do Minho, que incorporou uma série de melhorias sob proposta da direção da Associação Académica, em articulação com a Assembleia de Núcleos e a Assembleia de Delegados;
- A assinatura de um protocolo com o Comando Distrital de Braga da Polícia de Segurança Pública, identificando como setores de intervenção prioritária a zona envolvente ao campus de Gualtar, em Braga, e ao campus de Azurém, em Guimarães;

- O desenvolvimento do processo de requalificação da entrada nascente do Campus de Azurém, junto às residências universitárias;
- O alargamento da oferta de transportes públicos em Braga, nomeadamente entre o campus de Gualtar e a Estação da CP e entre o campus de Gualtar e as residências universitárias em período noturno;
- A decisão do Supremo Tribunal de Justiça que deu razão à Rádio Universitária do Minho, no processo que interpôs contra a Antena Minho, com o propósito de anular o registo de propriedade exclusiva dos terrenos onde estão instalados os emissores das duas estações e que havia sido objeto de registo unilateral em 2008, sem conhecimento e consentimento da RUM;
- A criação de um estúdio da Rádio Universitária do Minho em Guimarães, no Instituto de Design, e o início do processo de mudança de instalações para o GNRation, em Braga;
- A abertura da Reprografia da Escola de Arquitetura, em novembro de 2015;
- A atribuição do “Best University Award” da European University Sports Association em 2013 e a classificação no 2.º lugar do mesmo ranking em 2015;
- A conquista do 2.º lugar da fase regular do Campeonato Nacional da 1ª Divisão da equipa de futsal federado SC Braga/AAUM em 2014/2015 e a presença na final da Taça de Portugal e da Supertaça em 2013;
- A afirmação da realização da Receção ao Caloiro com quatro noites de concertos no Pavilhão Multiusos de Guimarães;
- O reforço da identidade cultural da Universidade do Minho, através da promoção dos grupos culturais e da realização de atividades em parceria com o Conselho Cultural da Universidade do Minho, e a proximidade alcançada com os núcleos de curso da Universidade do Minho, com a realização de várias reuniões setoriais e informais, bem como o “FórUM de Núcleos”;
- A continuação do trabalho desenvolvido pelo LIFTOFF – Gabinete do Empreendedor da AAUM, com especial destaque para a organização de duas edições da Start Point e do Liffoff Working Ideas, em Braga e Guimarães;
- A criação da iniciativa “GIP no Campus” que aproximou o Gabinete de Inserção Profissional dos estudantes com a realização de atendimentos individuais e sessões de informação sobre os programas de apoio ao emprego;
- O início do processo de criação do “Espaço AAUM” no Campus de Gualtar, cujas obras arrancaram nos últimos dias do mês de dezembro do ano de 2015.

Na relação com a comunidade local, o reconhecimento da AAUMinho foi materializado na participação no Conselho Municipal da Juventude de Braga, a cuja Comissão Permanente presidiu, e de Guimarães, que integrou a seu pedido como membro observador a partir de novembro de 2014. Saliente-se ainda a atribuição da Medalha de Mérito – Grau Prata da Câmara Municipal de Braga, a 5 de dezembro de 2014.

No movimento associativo, a Associação Académica da Universidade do Minho assumiu um papel de liderança na reivindicação estudantil, marcando presença ativa em todos os Encontros Nacionais de Direções Associativas. Foi num desses Encontros, em junho de 2013, que o Presidente da AAUMinho foi eleito representante dos estudantes do Ensino Superior Universitário no Conselho Nacional de Educação para um mandato de quatro anos.

Em 2015, a AAUMinho coordenou a Comissão das Comemorações do 53.º Dia Nacional do Estudante, que incluiu 13 federações e associações académicas e de estudantes de todo o país, e que teve como ponto alto o encontro com o Primeiro Ministro de Portugal, Pedro Passos Coelho, no dia 24 de março, em Braga, no Edifício GNRation.

Após a aprovação do caderno reivindicativo do movimento associativo estudantil, a AAUMinho organizou a apresentação pública deste documento, que decorreu no dia 30 de junho de 2015, no Palácio de Belém, em audiência com o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva.

A nível financeiro, entre 2013 e 2015, a Associação Académica da Universidade do Minho manteve a estabilidade financeira que a caracterizou ao longo dos últimos anos.

Não foi, contudo, tarefa fácil. O período em causa ficou marcado pela aplicação do memorando de assistência financeira a Portugal, tendo como consequência a imposição de fortes medidas de austeridade, o empobrecimento do país e a recessão económica.

A AAUMinho desenvolveu então a sua ação num quadro de grandes restrições económicas e financeiras, caracterizado por uma diminuição do volume de investimento das empresas, consubstanciado em perda de receitas em patrocínios, e por uma diminuição do poder de compra dos estudantes e respetivas famílias, consubstanciado pelo menor volume de receitas alcançado em atividades e serviços com custo associado.

No entanto, a AAUMinho soube adaptar-se a esse quadro restritivo, reduzindo despesas, renegociando contratos com empresas e fornecedores, registando ganhos de eficiência na sua estrutura e procurando fontes alternativas de financiamento.

Por fim, não posso deixar de referir o momento mais marcante daqueles três anos. A tragédia de 23 de abril de 2014, que vitimou mortalmente três estudantes da Universidade do Minho, foi seguramente um momento que ficará para sempre marcado na memória coletiva desta academia. Pela brutalidade e injustiça do acidente. Pela união e solidariedade demonstrada por toda a academia.

A 25 de abril de 2014, a direção da Associação Académica decidiu comunicar o cancelamento das Monumentais Festas do Enterro da Gata, em sinal de respeito e luto pelo sucedido. Foi uma decisão controversa que suscitou diferentes reações. Ressalvando o respeito devido por todas as opiniões, este foi um momento em que a AAUMinho decidiu colocar no patamar mais alto um conjunto de

valores impessoais em nome de um coletivo, dando primazia aos valores humanistas e aos princípios de representatividade democrática expressos nos seus Estatutos.

Como tive a oportunidade de afirmar num dos seus aniversários, a Associação Académica tem tido o privilégio de contar com pessoas que a moldaram com a sua entrega, que a agradeceram com a sua generosidade e que deixaram como legado imaterial o seu exemplo que, todos os dias, serve de inspiração aqueles que se propõem a continuar a este projeto.

São os dirigentes, colaboradores e funcionários que todos os dias constroem a Associação Académica. Como disse um dia um ex-presidente desta casa, “a história de sucesso da AAUMinho será sempre o espelho da vontade e do talento dos seus colaboradores”.

Esta passagem deu-me a oportunidade de privar com dezenas de pessoas que fizeram desta instituição a sua causa, pessoas com quem muito aprendi e a quem muito devo.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Luís Rodrigues o convite que me endereçou em novembro de 2010 para integrar a sua direção, bem como o seu exemplo de liderança e de assertividade na defesa dos direitos de todos os estudantes.

Não posso deixar de referir o contributo do Vasco Leão, do Prof. António Paisana e do Reitor António M. Cunha pela amizade, disponibilidade e proximidade que sempre tiveram para com a Associação Académica e para com os seus dirigentes.

Agradeço a todos os dirigentes, funcionários e colaboradores que me acompanharam, sobretudo nos mandatos como presidente da direção, destacando o André Pereira, o Bruno Alcaide, o João Macedo e o Pedro Alves, os únicos resistentes que cumpriram a totalidade dos três mandatos que liderei.

A história da Associação Académica da Universidade do Minho é, e deve ser, bem maior do que qualquer um de nós. Não tenho, nem nunca tive, a pretensão de aqui fazer história. E se por aqui continuar a ser recordado, sê-lo-ei apenas e pelo tempo que por aqui continuarem algumas das pessoas que carinhosamente me foram suportando ao longo destes anos. Quando fazemos parte de uma instituição tão grande e tão prestigiada como esta tem que estar sempre presente a nossa insignificância.

O que importa não são os protagonistas. O que importa é o desígnio de uma instituição que existe por um serviço público. E enquanto fizer sentido, enquanto se justificar, e de certeza que não faltarão as causas, os protagonistas vão continuar a aparecer. A história vai seguindo e alguém se encarregará de a fazer acontecer. Como afirma o hino da Universidade do Minho, “estes anos são passagem”. E o que importa é a missão, sempre a missão.



PRESIDENTE

Bruno Alcaide

MANDATO(S)

2016 — 2017

BIOGRAFIA

Cursou Direito. Iniciou a sua participação associativa na Associação de Estudantes de Direito da Universidade do Minho, da qual foi Presidente. Integrou o Conselho Municipal da Juventude e o Conselho Municipal de Educação, da cidade de Braga. Representou os estudantes no Conselho Geral da Universidade do Minho e os estudantes do ensino superior universitário no Conselho Consultivo da A3ES. Exerce funções como administrador de empresas.

DESASSOSSEGO ACADÉMICO

Recordo, com enorme felicidade, os anos enquanto membro da Associação Académica da Universidade do Minho. Essa participação marcou de forma indelével todo o meu percurso académico.

O primeiro mandato iniciou-se num período de estabilidade institucional da Associação Académica, numa eleição que contou apenas com uma lista candidata. À data, era Magnífico Reitor da Universidade do Minho o Professor António Cunha, que se encontrava no exercício do seu segundo e último mandato. Com a sua visão de universidade, e atenção para as causas e a participação estudantil, aprendi inúmeros ensinamentos, e, por isso, conservo elevada estima. No panorama nacional, com eleições legislativas realizadas proximamente, tomara posse novo governo que retomou a existência de um ministério próprio para o ensino superior. Este contexto, interno e externo, proporcionou a concretização de objetivos importantes e influenciou as causas defendidas pela associação.

Nesse ano, o debate ficou marcado pelas temáticas do acesso e frequência no ensino superior, sobretudo quanto ao abandono escolar, realidade que se conjugava intimamente com os fenómenos da desigualdade e dificuldade socioeconómica e do insucesso escolar, pugnando-se pelo seu estudo e acompanhamento, pela elaboração e execução de um plano de ação, que levou o movimento associativo nacional a elaborar e publicar, por ocasião do dia nacional do estudante, o livro “Combate Ao Abandono Escolar - O Guia De Boas Práticas No Ensino Superior”. Ainda no âmbito da frequência do ensino superior, defendendo a redução do valor da propina, dos seus limites mínimos e máximos, logrou-se, nesse mesmo ano, a manutenção do valor da propina na Universidade do Minho. A ação social esteve sempre na ordem do dia. Neste campo, adquiriu especial preocupação o aumento de preço de alguns dos serviços de ação social, nomeadamente das refeições nas cantinas. Este aumento ganhou especial relevância numa fase final do mandato e durante o processo eleitoral para o mandato de 2017.

O ano foi marcado por vários objetivos cumpridos, pela aproximação dos serviços da associação com a reorganização do trabalho desenvolvido pelo Gabinete de Inserção Profissional e do LIFTOFF, a inauguração do Espaço AAUM, espaço de maior interação com os estudantes onde passaram a decorrer reuniões, formações e as mais diversas iniciativas. No plano desportivo, obtivemos um dos melhores resultados quanto a títulos coletivos, fruto do profundo mérito dos estudantes atletas da universidade, e organizamos o Campeonato Mundial Universitário de Karaté. Estes eventos desportivos proporcionaram sempre excelentes momentos de partilha e de convívio entre os

elementos da associação, com as equipas de voluntários, com todos os participantes, e com os colaboradores do departamento de desporto e cultura, estes últimos que desempenharam sempre um papel fundamental no sucesso do projeto desportivo da associação e da universidade. Acompanhamos e promovemos a participação dos estudantes nos mais diversificados fóruns, enquanto representantes de estudantes, delegados, núcleos/secções e grupos culturais. A concretização da nova sede da associação académica, um objetivo há muito pretendido, tinha como solução de compromisso com o município vir a integrar o edifício da Fábrica Confiança. A mudança das instalações da Rádio Universitária do Minho para o Edifício do GNRation, também esta uma solução de compromisso com o município, conheceu avanços com o início, durante esse primeiro mandato, das obras para a sua concretização.

A transição para o segundo mandato, foi a fase mais desafiante e a que, por razões de excecional solidariedade e de grande agitação da comunidade académica, me deixou, e acredito que a todos os intervenientes, memórias muitíssimo vincadas.

Na fase final do mandato surgiu contestação à associação, e, muito em concreto, à forma como eu próprio apresentei o tema à academia, aquando do aumento do preço das senhas de refeições. Surgiram movimentos de vários grupos de estudantes reivindicando mais ação por parte da associação, foram organizadas reuniões informais apelando à participação massiva de todos. Com este repto, promovemos reuniões com a reitoria da Universidade do Minho e os Serviços de Ação Social, estivemos presentes nas reuniões informais realizadas e a associação conseguiu rever em baixa o preço das senhas de refeição.

A contestação existiu, também, internamente, que motivou um conjunto significativo de elementos da equipa a apresentarem lista alternativa às eleições. Os bastidores dessa eleição são inesquecíveis. São, ainda hoje, lembrados muitas vezes quando nos reunimos. Da construção da equipa, nesse ano formada principalmente por novas caras, ao planeamento de cada ação realizada, o que menos se esquece foi a pressão com que vivemos todos os dias, sentindo que trabalhávamos em terreno que não nos era favorável. Confirmou-se a dureza e complexidade do processo aquando da Reunião Geral de Alunos para eleição da comissão eleitoral, para a qual existiam duas listas candidatas, e a marcação do calendário das eleições. Participaram nessa RGA, em Guimarães, aproximadamente 800 estudantes, uma das maiores reuniões de que existia registo, reunião que se estendeu durante nove horas, pela noite dentro. Não existia nenhum auditório com capacidade para acolher todos os participantes. Não existia espaço vazio nas escadas, nem em qualquer outro espaço do auditório, de alguns estudantes só eram percecionados vultos. A votação tornara-se tão complicada que a presidente da mesa recorreu à votação por aclamação em um dos pontos da ordem de trabalhos e a eleição da comissão estendeu-se por um período de cinco horas. Após a reunião, a agitação alastrou-se para os debates, para todas as ações de campanha. Todos os momentos vividos intensamente. Disputando três listas esta eleição, revalidamos o mandato com

uma votação histórica, tendo-se verificado a maior afluência às urnas de sempre. Números que apenas se podem justificar pela forma como as listas candidatas promoveram, sensibilizaram e envolveram a comunidade académica para a importância do processo eleitoral. O resultado positivo da eleição foi mérito do empenho e das qualidades dos elementos de toda a equipa.

O início do segundo mandato começou, por isso, com particular atenção a problemas específicos da comunidade académica, já identificados, e que, em resultado do elevado envolvimento nas eleições, motivaram um conjunto de esforços para a sua resolução. Questões que foram favorecidas pelo contexto do processo de eleição para novo reitor da Universidade do Minho, nomeadamente, a melhoria das condições das instalações da atividade letiva dos estudantes de Geografia que decorria, à data, em contentores e através das quais foram obtidas algumas mudanças e soluções de compromisso.

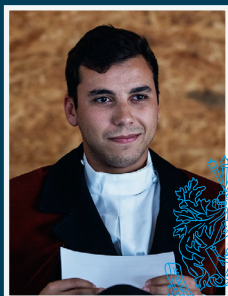
Este mandato foi amplamente marcado pelo início de um debate concreto, que marcou e tem marcado os anos subsequentes, com o Ministério do Ensino Superior, da Secretaria de Estado e das Instituições de Ensino Superior, relativo à possibilidade da redução do valor da propina. Nesse ano o valor de propina na Universidade do Minho manteve-se inalterado, mas os receios de possíveis aumentos de propina não se afiguravam como uma realidade que viesse a acontecer, pelo contrário, o discurso centrou-se na forma de colmatação do menor financiamento em caso de redução do valor de propina. Junto da tutela, o movimento associativo conseguiu garantir o congelamento dos valores dos serviços de ação social, nomeadamente os de refeições de cantina.

Foi um ano marcado pela celebração dos 40 anos da Associação Académica da Universidade do Minho, assinalada por um conjunto de iniciativas pedagógicas, outras promovidas pela associação em coordenação com a Universidade do Minho, pela realização do Encontro Nacional de Direções Associativas, enaltecendo o papel reivindicativo que a Associação Académica assumiu durante toda a sua história, e que deu o mote à celebração das Monumentais Festas do Enterro da Gata - “A Gata está de Quarentena”, enquadrando o contexto crónico de subfinanciamento do ensino superior. Pretendeu-se, também, nesse ano, dar nova expressão à atividade dos grupos culturais, destinando um dos dias das festividades da Receção ao Caloiro às suas apresentações, e à atividade da Récita do 1.º de Dezembro e no desporto, para além do contínuo sucesso dos estudantes atletas da universidade, esteve em destaque a equipa de futsal SCBraga/AAUM, com o seu desempenho no campeonato nacional e com o seu apuramento para a Ronda de Elite da UEFA Futsal Cup. Homenageamos pessoas de reconhecido mérito, por terem contribuído de forma excecional para o desenvolvimento da academia, com a atribuição do título de sócio honorário ao Prof. António Cunha, ao Doutor Álvaro Laborinho Lúcio e à inestimável Margarita Oliveira.

Também o projeto da nova sede da Associação Académica voltou a estar em foco: por alteração do compromisso do município quanto à solução prevista para a Fábrica Confiança, junto da reitoria encontramos o acolhimento para enquadrar o projeto da nova sede no campus de Gualtar.

Foram mandatos exigentes, como são, efetivamente, todos os mandatos da Associação Académica, pela sua natureza robusta, com variadas áreas de atuação, e que contaram, em ambos os mandatos, com equipas de dirigentes que colocaram os seus melhores esforços ao serviço da comunidade académica, com a preciosa ajuda de um corpo de colaboradores que nos incutia diariamente o sentido de organização e de seriedade. Exigente, também, de uma perspetiva mais pessoal. É que qualquer função associativa começa interiormente na procura das nossas convicções, no desenvolvimento das nossas capacidades de estar ao serviço dos outros e a aprender todos os dias coisas novas. É a partir daí que derivam todos os projetos, todos os programas e orçamentos, todos os discursos, todas as decisões. É aí que decidimos aquilo em que acreditamos e por que nos propomos lutar; é aí que decidimos onde queremos chegar, para podermos escolher que caminho seguir.

Recordo com felicidade esses momentos. Cada uma das atividades. Das reuniões. Dos aspetos menos bem-sucedidos e dos momentos em que nos fizeram sentir que, de facto, estávamos a cumprir a missão da associação. Recordo cada uma das pessoas, com quem tive a oportunidade de percorrer esse caminho, com enorme admiração. E, sobretudo, saudade!



PRESIDENTE

Nuno Reis

MANDATO(S)

2018 — 2019

BIOGRAFIA

Nuno Reis nasceu na Póvoa do Varzim e frequenta o Mestrado Integrado em Engenharia e Gestão Industrial da Universidade do Minho. Foi presidente da Associação Académica da UMinho em 2018 e 2019, tendo também desempenhado várias funções de representação estudantil nos órgãos da Universidade entre os quais o Conselho Geral, o Senado Académico e Conselho de Ação Social. Paralelamente exerceu funções como Presidente do Conselho Fiscal da Federação Académica de Desporto Universitário e como Presidente do Federação Académica para a Informação e Representação Externa.

A nível profissional foi Founder e CEO da Hapibees, Business Development, Marketing & Community na Subvisual sendo atualmente Head of Business Development.

UM BEIJINHO COM BIGODE... PARA A MELHOR ACADEMIA DO PAÍS!

Recordo hoje, com ternura, as palavras do Professor Álvaro Laborinho Lúcio, numa das suas intervenções públicas na Universidade do Minho: “a Associação Académica tem que ser como um beijinho com bigode... tem de fazer cócegas”. E (shh.. cá para nós que ninguém vai ler), gosto de acreditar que tivemos dois mandatos em que fizemos muito mais que cócegas, que o digam os que tiveram a chatice ou o prazer de nos “aturar”.

Em 2018 e 2019, o tema “propinas”, como sempre, estava na ordem do dia. Recordo com carinho as muitas viagens que fazíamos a Lisboa para propor a redução progressiva do valor das propinas. Haviam duas respostas sempre garantidas: fosse em sede da DGES, na Assembleia da República ou no Palácio das Laranjeiras - tínhamos de “falar com o sr. Ministro” ou “não é uma prioridade neste momento”. Aliás, foram muitas as participações públicas do Professor Doutor Manuel Heitor ao longo desse período assumindo que a prioridade estava na Ação Social escolar e não na redução do valor das propinas.

Creio que se tratava de um sábado ou de um domingo de manhã em que, para espanto de todo o movimento associativo estudantil, os jornais e noticiários exibiam que o Governo tinha proposto a primeira redução considerável no valor das propinas em 15 anos. Entre quem concorda e quem discorda, como deve ser numa democracia, à direção da AAUMinho, bem como os nossos pares a nível nacional, cabia o espanto - misturado com a felicidade agridoce de quem há décadas solicitava esta medida. Para a história, pelo menos para mim e para os que me acompanhavam, tenho a certeza que ficará o golpe de mestria política que, de um dia para o outro, transformou a descida do valor das propinas num gesto inevitável para a equidade no ensino superior. Não sei exatamente se por estas palavras, mas ainda hoje guardo a edição do jornal onde o Sr. Ministro se congratula pela redução do valor das propinas. Talvez seja uma boa ilustração da relação das associações estudantis com o Governo, naquele tempo.

Entre geringonças, propinas, residências e o aumento de vagas de acesso ao Ensino Superior, muitos eram os zigue-zagues na política do Ensino Superior, mas havia assuntos, alguns mais internos, que pouco ou nada tinham mudado. A AAUMinho continuava sem uma nova sede, continuava a chover na Nave do Campus de Azurém e o Governo continuava a cativar orçamentos. A culpa não morria solteira, vivia solteira. Mas não podia ser assim!

Houve um desígnio que nunca abandonamos. Na agenda das reuniões regulares com o Magnífico Reitor estava sempre o ponto da Nova Sede. Lembro-me que era o único que não estava preparado porque a lição estava mais do que estudada e repetida à exaustão. Mas há um dia em que tudo muda: já perto do final de 2019, em fim de mandato, vem o compromisso da Reitoria - temos um terreno no Campus de Gualtar disponível. Tirando todos os anos, meses e dias anteriores em que a notícia podia ter chegado, não podia ter vindo em melhor altura. A AAUMinho ia celebrar em breve o seu aniversário, e a festa já estava em preparação. Tínhamos muito a celebrar: os 30 anos da Rádio Universitária, os novos estúdios da RUM no gnration, a redução das propinas, a Melhor Universidade da Europa no Desporto Universitário, e.. agora... o início do projeto para a Nova Sede da AAUMinho!

Há quem diga que a festa foi de arromba! Cerimónia, concerto, jantar, festa, e até uma reedição da Revista AAUM (por favor, não confundir com o "livrinho", isso são outros quinhentos!). Se há algo que me recorde desse período, e que tive oportunidade de partilhar com todos os que me acompanharam mais tarde, é: um grupo de miúdos, com média de idades nos vinte e poucos, foi capaz de gerir, com sucesso, um orçamento de milhões, centenas de atividades e representar uma comunidade de vinte mil estudantes universitários. Com um nível de excelência que, até hoje, me continua a surpreender. Tínhamos mais do que razões para festejar, abraçar, comer, beber, chorar e, acima de tudo, fechar um capítulo com grande felicidade.



PRESIDENTE

Rui Oliveira

MANDATO(S)

2019 — 2021

BIOGRAFIA

Rui Oliveira nasceu em Guimarães e é atualmente estudante do Mestrado Integrado em Engenharia Mecânica na UMinho. Foi presidente da Associação Académica da UMinho (AAUM) durante dois mandatos consecutivos, em 2020 e 2021, tendo também desempenhado várias funções de representação estudantil nos órgãos da Universidade entre os quais Membro do Conselho Geral, Membro do Conselho de Ação Social, Membro da Comissão de Acompanhamento do Sistema Interno de Garantia da Qualidade da UMinho.

Paralelamente é escuteiro desde dos 6 anos no agrupamento 455 - Vermil tendo o escutismo marcado grande parte da sua formação pessoal com diversas atividades nacionais e internacionais entre as quais se destacam a coordenação do Fórum escutista (Cenáculo) em Guimarães e a sua representação a nível nacional, as funções de membro consultivo jovem no ACANAC e ainda a representação portuguesa no Fórum de Jovens e na conferência escutista mundial no Azerbaijão.

Atualmente preside o Conselho Nacional da Juventude no biénio 2021-2023.

O PLANO B DA PANDEMIA

Escrevo este texto na certeza que os dois mandatos que liderei serão especialmente marcantes na história da Associação Académica, pois uma pandemia global veio garantir que se trataram de dois mandatos únicos, indelevelmente marcados pelo contexto vivido.

Não querendo, de forma alguma, focar esta partilha de experiências numa pandemia que, em dezembro de 2021, é já um tema gasto e chato, vou antes começar por mostrar como esse contexto veio mudar a Associação Académica e potenciou outras vertentes, tendo sido parcialmente responsável por profundas alterações no movimento associativo nacional.

É precisamente por aí que começo. No dia 7 de março de 2020, no jantar de aniversário da Federação Académica do Desporto Universitário, na Universidade de Aveiro, recebi uma chamada que parecia diretamente saída de um filme, onde fui informado que havia sido detetado um caso de Covid-19, rapidamente me meti no carro e fui a Guimarães. Estava a decorrer o Festival Cidade Berço e era onde estavam, também, a Reitoria, a Administração da Universidade do Minho e os Serviços de Ação Social. Foi aqui que marcamos a reunião, para o dia seguinte às 9h, onde decidimos o encerramento da Universidade durante 14 dias. Incrédulo, sem conseguir vislumbrar bem como poderia a universidade fechar a meio do ano letivo, durante duas semanas, certo que é que não voltou a abrir durante esse ano letivo.

A pandemia obrigou a muita mudança e a Associação não foi insensível a ela, começando pela larga maioria da sua atividade que foi, de forma abrupta, posta de lado e adiada para data incerta. Nessa mudança, houve um necessário realinhar de prioridades e com a vertente da atividade altamente limitada, a reivindicação política, extremamente necessária dado o elevado grau de instabilidade vivida, intensificou-se e permitiu que estas estruturas dirigissem os seus esforços essencialmente para este aspecto.

A tomada de decisão no sentido de reivindicar por aquilo que os estudantes necessitavam era extremamente complexa. A grande volatilidade vivida tornava inútil e superficial aquilo que dois dias antes era precisamente o que seria necessário. A par disto, a falta de histórico, nunca se tendo vivido um período desta natureza, significou que estávamos a atravessar um caminho nunca antes caminhado e que o norte teríamos de ser nós a encontrá-lo.

Os anos de 2020 e 2021 foram ainda o palco de grandes mudanças no equilíbrio político entre as várias Associações e Federações Académicas, tendo sido aqui iniciado um novo capítulo do movi-

mento associativo com a criação do movimento “Académicas.” procurando dar um maior destaque ao ensino superior descentralizado e unindo pela primeira vez todas as Associações Académicas, de norte a sul num movimento de base informal. E, apesar de novo, apesar ser ainda um embrião, a criação deste movimento foi muito bem recebida pela comunidade em geral, exceptuando as Federações, que acharam menos piada... Contudo, rapidamente fomos recebidos por todos os grupos parlamentares, Reitores de todas as Universidades representadas neste movimento e, ainda, pelo Presidente da República à data, o professor Marcelo Rebelo de Sousa que aplaudiu a nossa iniciativa.

Este movimento tenta hoje materializar-se numa entidade própria chamada “Conselho de Associações Académicas Portuguesas”, um marco que se pretende que venha a ser incontornável na história do movimento associativo e que mudaria de forma permanente a reivindicação política e articulação entre os vários players do mundo associativo estudantil. Para já o futuro guarda para si o que poderão vir ser os feitos e real impacto de algo desta natureza. Eu deposito toda a minha esperança em que esta nova articulação venha a ser a solução para os desafios da duplicidade matricial de qualquer associação académica e que, finalmente, olhemos o país como ele é, de norte a sul, do litoral ao interior.

Das várias reivindicações e guerras políticas travadas com a tutela, entidades reguladoras e institucionais, aproveite para relembrar uma em particular relativa ao financiamento do IPDJ e foi das primeiras que este movimento abraçou. As associações estudantis têm, por lei, o direito a receber financiamento via IPDJ com base numa fórmula matemática baseada no número de estudantes da academia em causa. Acontece que, numa tarde de um dia em que decidimos rever a candidatura que fazíamos a este financiamento, numa tentativa de perceber onde poderíamos melhorar para que o mesmo aumentasse, nos apercebemos que durante anos, estávamos a ser prejudicados com a atribuição de um apoio que ficava muito aquém daquele que, à partida, teríamos direito através da aplicação da norma. Esta situação foi, para nós, chocante e mais o foi quando partilhámos com as restantes a associações e nos apercebemos que o mesmo acontecia nas suas academias. Como será fácil de perceber, não foi difícil reunir o apoio das várias estruturas e, numa frente unida, assumimos esta causa emitindo tomadas de posição, levando o tema à tutela, até ter tido a oportunidade de discursar, no caso, no aniversário da AAUMinho em 2020, com o director regional do IPDJ sentado na fila da frente, sobre como o Estado Português trilhava um caminho de asfixia às estruturas estudantis. O apoio dado, no ano seguinte, subiu de forma saudável, para todas as Associações Académicas envolvidas.

Como não podia deixar de ser, e como já referi, também a atividade foi impactada. No entanto, e por mais instabilidade que tenhamos vivido foi ainda assim possível alcançar vários objetivos e passo a referir alguns de seguida.

O contexto pandémico obrigou-nos a assumir um elevado grau de responsabilidade, não só por nos forçar a tomar decisões muito pouco populares, contudo necessárias, mas também por ter despertado em nós um sentido de missão em que tínhamos de ir além de reivindicar e exigir, mas antes fazer parte da solução. Foi nesta senda que criamos iniciativas como a “Minho Covid-19” uma plataforma em que fomos intermediários entre pessoas e empresas que queriam ajudar, fosse através de donativos financeiros fosse com materiais e entidades que precisam de ajuda, desde hospitais, a lares, escolas e mesmo pequenas empresas, fazendo nós a distribuição e montagem de equipamentos de proteção individual. Orgulho-me em dizer que fomos capazes de montar esta operação em apenas dias, tendo distribuído mais de 10.000 viseiras e outros tantos milhares de máscaras, luvas e outros equipamentos.

Simultaneamente com esta iniciativa criamos ainda um sistema de apoio a estudantes em isolamento chamada “CoronaBuddies” em que a ideia passaria por ajudar os estudantes isolados atribuindo-lhes um buddie que pudesse ajudar nas suas tarefas de dia a dia, desde compras de mercearia a, quando possível fazer a ligação com estudantes do seu curso, apontamentos das aulas.

Ainda no contexto de apoio e ajuda nestes tempos, lançamos a iniciativa “UMSumário” que, essencialmente, consiste em explicações totalmente gratuitas dadas por estudantes universitários a alunos dos 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico. A ideia surgiu da necessidade que se sentia de reforçar o apoio ao estudo a estes alunos que tinham, agora, aulas em registo online e fazê-lo de forma gratuita, sendo claro que se começavam a sentir as dificuldades financeiras inevitáveis num encerramento completo da economia. Desta iniciativa em particular tenho a satisfação de dizer que resultou num lançar de uma nova marca de apoios sociais à comunidade da região chamada “UMporTodxs” com uma vertente de apoio ao estudo, voluntariado e apoio social.

Por fim, e ainda inserida numa lógica de apoio aos estudantes e à comunidade neste período conturbado, lançamos, em conjunto com a Universidade, o Programa de Apoio Informático, de forma a garantir que nenhum estudante ficaria privado de acompanhar as aulas à distância. Aqui atribuímos computadores, routers de internet, câmaras e micros. Acredito que este será um dos mais relevantes legados pois, apesar de o ensino remoto ter terminado, o programa de apoio permaneceu, sendo agora mais um mecanismo de ação social na academia minhota.

Fora do contexto pandémico foram também dados importantes passos pela estrutura destacando aqui o lançamento da marca “Recurso” através de uma APP e dois espaços, um no Campus de Gualtar e outro no Campus de Azurém, substituindo os antigos Gabinetes de Apoio ao Aluno. Este passo importante permitiu reinventar a ligação com os associados da AAUMinho, oferecendo um vasto leque de ofertas e vantagens e dando, ainda, um grande passo num já antigo objetivo, a completa digitalização do serviço de transportes, abandonando os bilhetes físicos.

Foi, também no decorrer destes dois anos, que reformulamos e lançamos a marca START POINT com base em três pilares, a formação, o empreendedorismo e o emprego. Mais uma vez, assumimos que a AAUMinho deve ser sempre parte da solução e reconhecendo a emancipação jovem, intrinsecamente ligada à empregabilidade, como um dos maiores desafios da atualidade. Lançamos esta marca, agora repensada, para potenciar a formação dos nossos estudantes e disponibilizar saídas profissionais.

No ano de 2021, atingimos um marco histórico no desporto universitário, tendo conquistado pela primeira vez o Troféu Universitário de Clubes. Acreditamos ser um culminar de anos de esforço e de construção de um caminho sustentado, com base numa real aposta no desporto universitário, na colaboração entre a AAUMinho, os Serviços de Ação Social e a Universidade e, evidentemente, através do enorme trabalho de centenas de atletas.

Ainda na frente desportiva, foram nestes anos que demos os primeiros passos nos E-Sports, algo que tenho a certeza que crescerá de forma exponencial nos próximos anos.

Por fim, não posso deixar de mencionar dois momentos específicos, duas atividades incontornáveis na vida da AAUMinho e no percurso de qualquer estudante, a Imposição de Insígnias de 2020 e 2021 e a Cerimónia de Boas Vindas de 2020 e 2021

Começando com a realização da Cerimónia de Imposição de Insígnias, começo pelo percurso feito para a (não) realização dela em 2020. Neste ano procuramos desdobrar-nos em soluções, opções e eventuais planos para garantir a sua realização, pensamos num sem fim de planos, por um desespero, para conseguir proporcionar aos estudantes finalistas uma despedida digna. Infelizmente, por mais que tenha sido o esforço, o contexto que atravessávamos não nos permitiu a sua realização. Foram cancelamentos atrás de cancelamos e uma instabilidade tal que impossibilitou a realização deste momento.

Posto isto e chegado a 2021, confiantes que seria agora uma certeza a realização deste momento, rapidamente nos esbarramos com um confinamento no primeiro trimestre do ano que veio, de forma inesperada, colocar em espera estes momentos, novamente.

As vacinas já estavam a ser dadas aos profissionais de saúde e àqueles institucionalizados, mas estávamos no pior e maior pico da pandemia, pelo que a realização das Monumentais Festas do Enterro da Gata e da Cerimónia de Imposição de Insígnias presencial estava fora de questão. Era frequente recebermos e-mails e mensagens de estudantes e familiares a questionar se esta última ia acontecer e, partilhando o quão importante este marco era, a pedir para que fizéssemos todos os possíveis para que a realizássemos. A nossa vontade de a organizar aumentava e a tristeza da possibilidade de não ser possível, também. Adiamos para junho, na esperança que os meses de isolamento prévios e o bom tempo nos dessem as condições para a fazermos. E assim foi,

depois dos planos e dos respetivos subplanos: A, ser no Estádio Axa; B, ser no Parque da Ponte; C, no Altice Forum Braga; e D, ser no Estádio 1.º de Maio; foi 2 dias antes do evento que tivemos de optar pelo plano E.

Um plano logisticamente muito difícil, mas que acabou por ser não só a alegria de milhares de estudantes e familiares, mas também a alegria de toda a minha direção, que depois de 1 ano, para alguns 2 anos, tiveram a oportunidade de organizar uma grande atividade e, ainda, de forma presencial. Ao todo realizamos 9 cerimónias, divididas por 3 locais diferentes, em 2 cidades diferentes, Braga e Guimarães, ao mesmo tempo que ocorriam 3 Missas de Finalistas no Sameiro, em Braga. Foi um dia desafiante, pela enorme logística, pela importância de timings e da organização dos recursos humanos e, por termos de repetir isto tudo 9 vezes.

Relativamente às Comemorações do Enterro da Gata, conseguimos realizar um espetáculo com a orquestra da Universidade do Minho, celebrando a memória histórica destas festividades.

Também na Cerimónia de Boas Vindas, tivemos em 2020 a que acredito ter sido a mais triste alguma vez realizada. Na impossibilidade de receber os 3000 estudantes, no seu conjunto, como é tradicional, fizemos apenas uma pequena cerimónia com apenas 1 representante por turma e transmissão digital. Não, não era o que queríamos mas infelizmente foi o que conseguimos e pudemos realizar. Em 2021, felizmente, conseguimos chegar a um meio termo, com a organização de uma cerimónia de boas vindas, mais alargada, mas ainda adaptada. Realizamos 3 cerimónias seguidas, repartindo os estudantes por elas e aproximando-nos da realidade que conhecíamos com um momento musical, intervenções e com a capacidade de todos os estudantes passarem por esta cerimónia, marcando, assim, o início do seu percurso académico. Ainda na fase de integração, finalmente conseguimos regressar com a realização das serenatas Velhas, da Latada e da Receção ao Caloiro.

Foram dois mandatos repletos de incerteza, marcados pelo seu contexto e indiscutivelmente diferentes de todos aqueles que vieram antes deles. Confesso que não foram o que esperava, com algumas desilusões e expectativas feridas, mas sinto-me confortável em concluir que foram dois anos com muitos sucessos, terminando com uma estrutura mais sólida e resiliente, após o atravessar de uma crise extremamente difícil.



PRESIDENTE

Duarte Lopes

MANDATO(S)

2022

BIOGRAFIA

Duarte Lopes nasceu em Braga e é atualmente estudante do Mestrado de Direito dos Contratos e da Empresa na UMinho. Foi presidente da Associação Académica da UMinho (AAUM) durante o mandato de 2022, tendo também desempenhado várias funções de representação estudantil nos órgãos da Universidade entre os quais Membro do Conselho Geral, Membro do Conselho de Ação Social, Membro da Comissão de Acompanhamento do Sistema Interno de Garantia da Qualidade da UMinho, Membro do Senado Académico e Representante estudantil na ArQus Alliance.

Envolveu-se no Associativismo no Ensino Secundário, tendo presidido da Associação de estudantes da sua Escola Secundária, e, assim que ingressou na Academia Minhota, rapidamente seguiu pelo mesmo caminho, tendo integrado, ainda no 1º ano, a AEDUM e a ADAUM. No 2º ano de licenciatura integra a Direção da AAUMinho, espaço que ocupou durante quatro anos.

A RETOMA PLENA - CAOS CONTROLADO, UM ANO DE ACADÉMICA

Na ocasião em que escrevo este texto, estou na posição única, por isso necessariamente diferente, de o fazer enquanto ainda exerço as minhas funções de dirigente da Associação Académica, papel que desempenhei (e desempenho) orgulhosamente durante quatro anos. Talvez, por isso, as minhas palavras não venham a ser pautadas pela mesma nostalgia e inevitável romantização que teriam daqui a 20, 30 ou 45 anos, porém e apesar de ainda habitar a Dom Pedro V, encontrando-me a três curtas semanas de cessar funções, já se tornou bem claro que as saudades se instalarão em breve, relativas a um tempo que apenas posso apelidar de especial.

Feito este pequeno intróito, vou procurar centrar este relato no ano de 2022, ano em que presidi esta instituição e sobre o qual detenho uma visão mais ampla desta estrutura e do desenrolar do mesmo.

Foi a 22 janeiro de 2022, data mais tardia do que a usual, que tomamos posse para este mandato. Lembro-me dos desafios com os quais rapidamente nos deparamos: a retoma plena da atividade da Associação após dois anos a meio gás; o projeto da sede de Braga encontrava-se em crise, por força de um comunicado por parte dos Grupos Culturais que colocava o mesmo em causa e o declarava inadequado à realidade dos mesmos, numa cisão inédita entre os mesmos e a AAU-Minho; liderávamos uma Comissão, eleita em ENDA, para a revisão do regimento do mesmo, cujo o desfecho elaborarei mais à frente; as serenatas que inauguram as Monumentais Festas do Enterro da G(R)ata não tinham um Grupo para atuar, fruto do corte de relações que se deu em 2019 com Grupo que anteriormente as preconizava e, por fim, um Mundial Universitário de Futsal, que após o cancelamento do mesmo pela China, nos foi atribuído a menos de 6 meses do começo do mesmo. Foi esta lista de desafios que a equipa empossada a 22 de janeiro sabia que tinha de enfrentar e dar resposta, a par, naturalmente, de todos os outros encargos e responsabilidades que a Associação Académica assume e, em particular em alguns casos, que esta Direção assumia como objetivos.

O mandato inicia, então, com o que pareceu ser uma verdadeira maratona de reuniões, certamente mais de 25, com todos os interessados na sede que se projetava para Gualtar, primeiro e de forma individual com todos os Grupos Culturais, com a equipa de arquitetura, com a equipa reitoral e ainda a Administração da Universidade, tendo havido ainda lugar a algumas reuniões conjuntas. Foram várias semanas de negociação, de avanços e recuos, apertados, por um lado pelas necessidades dos grupos, por outro pelas limitações orçamentais do projeto e ainda pela necessidade de dar saltos e avanços reais e palpáveis no mesmo. Penso que podemos dizer que, dentro do diálogo

que se desenrolou e discussões que nem sempre foram as mais agradáveis, foi possível chegar a um caderno de necessidades e linhas vermelhas que tinham de ser asseguradas. Percebeu-se que, como é frequente, o problema de base estava na comunicação e na dificuldade de todas as partes se ouvirem mutuamente. No fim de contas, as alterações feitas em relação ao que já se discutia no ano anterior foram mínimas e ainda assim foi possível chegar a um entendimento.

Sobre a Sede a erguer em Gualtar, naturalmente e como muitos presidentes que me precederam, gostava de poder dizer que ficou feita e inaugurada. Infelizmente não é o caso, ainda assim e após um ano, posso dizer duas coisas: o projeto da mesma fica concluído, abrindo agora as portas para que a próxima Direção possa procurar, de forma mais séria, um eventual construtor; e as normativas de incêndio aplicáveis a novos edifício, em particular bares, são um enigma digno da maior das reflexões e fonte de dores de cabeça inúmeras.

Naturalmente brincava, mas é um facto que a dimensão deste projeto ultrapassou o que eu próprio estimava, levantando variadíssimos desafios de natureza técnica, humana e financeira, contudo estou convicto de que a sua concretização está para breve e que a Associação Académica, os estudantes que representa e todas as estruturas que ocuparão os seus espaços sairão beneficiados com a presença da sua associação de estudantes no centro do campus de Gualtar e do seu dia a dia, aproximando-a da comunidade e dando-lhe uma nova e reforçada força.

E aproveitando o tema, faço referência à Sede de Guimarães, um projeto que apesar de não tão antigo, terá pelo menos a idade que eu próprio tenho enquanto dirigente. Tenho bem presente a memória do Nuno Reis, o meu primeiro presidente, a apresentar o mesmo com bastante entusiasmo em RGA. Por motivos vários e que o próprio saberá melhor explicar, o mesmo não encontrou concretização à data, nem dos dois mandatos que o sucederam e do quais também fiz parte.

Este projeto foi, porém, uma bandeira desta Direção. Não me fazia sentido que investíssemos tanto esforço para garantir a Sede de Gualtar e que o mesmo não acontecesse em Guimarães, num campus em crescimento e que, em bom rigor, já tinha uma Sede da Associação, apenas caída em desuso e envelhecida por força do tempo e, por isso, essencialmente inutilizada em grande parte, sendo apenas usada uma pequena porção pelos Grupos Culturais e o piso térreo pelo Bar Académico.

O *timing* era o acertado: a Associação reunia agora a estabilidade financeira que não reunia há três anos atrás e que impossibilitaria um projeto desta natureza. A concessão do bar tinha sido mudada, com condição que os mesmo passariam a abrir durante o dia também e servir refeições, trazendo nova vida ao espaço, e o primeiro piso, afeto aos Grupos Culturais, tinha visto uma reorganização e expansão a seu favor em 2021 (e 2022). Quanto ao segundo e último piso, o piso da Direção, onde foram feitas a grande maioria das intervenções, o mesmo deixou de o ser, passando agora a albergar espaços de estudo e *coworking* para mais de 100 estudantes.

O objetivo era simples: proporcionar um espaço de encontro digno para a nossa Associação e os seus estudantes.

E por fim, desta forma encerrando os temas ligados a obras e construção civil - uma realidade que não antecipava que viesse a marcar este ano com tanta veemência -, inauguramos, no Bairro das Enguardas, em conjunto com a Câmara Municipal de Braga e o Sporting Clube das Enguardas, um novo espaço para albergar iniciativas conjuntas, destacando-se o projeto da Associação, o UMFuturo. Também aqui um culminar de esforços de vários anos, tendo sido o projeto criado em 2017, foi em 2022 que demos mais um passo, conferindo-lhe maior solidez e também traduzindo-se num reconhecimento do mesmo por parte das instituições que se juntaram a ele para tornar este momento possível.

Abandonando projetos e engenharias de vez, o mandato foi também marcado, como referi, pelo Mundial Universitário de Futsal. A Associação Académica, a Universidade e os seus Serviços de Ação Social estão já bem treinados em receber estes eventos, o que poderia tornar este marco menos assinalável. Contudo, este ano trouxe consigo um aspeto em particular: a atribuição do mesmo a menos de 6 meses da sua realização, ao invés de dois anos.

Os obstáculos e desafios foram vários, desde logo assegurar instalações desportivas, transportes, alimentação, voluntários, entre outras coisas, ao mesmo tempo que a comunicação de que o mesmo seria cá e as inscrições das equipas participantes decorriam no pressuposto de que tudo estava pronto para os receber, ainda que não fosse esse o caso ainda, mas lá acabou por ser. A semana de competição revelou-se extremamente desafiante, em particular no seu início, com vários problemas e dificuldades a surgirem, típicas de um evento de grande escala que teve de ser preparado em demasiado pouco tempo.

Ainda assim, o mesmo decorreu e, entre os desafios, noites sem sono e cansaço intenso, fico feliz por poder dizer: conseguimos e não só conseguimos, como vimos o nosso futsal feminino a sagrar-se campeão mundial e o masculino a garantir uma medalha de bronze - uma conclusão feliz de uma semana difícil.

Este ano trouxe com ele, também, algumas inovações no âmbito cultural e recreativo. Foi o ano que, por impulso da Associação Académica, fundamos o Grupo de Fados da Associação Académica da Universidade do Minho, o primeiro Grupo Cultural diretamente ligado à estrutura da Associação, constituído por membros dos diferentes Grupos já existentes Este, que é talvez o primeiro Grupo de Fados misto, veio garantir o futuro das serenatas, deixando ainda o espaço para que este grupo criasse mais e fizesse mais, desta vez com um cunho próprio da nossa Associação.

Foi também neste ano, na medida em que voltávamos agora na totalidade aos eventos recreativos que, como penso que sempre acontece nas preparações destes eventos, vivemos algumas

peripécias, uma em particular que me pôs a pensar se deveria começar a redigir a minha carta de demissão, no contexto das Monumentais Festas do Enterro da Gata. E, portanto, passou-se o seguinte: faltariam, penso eu, cerca de quatro ou cinco dias para dar início às festividades até que sou informado: “Duarte, não temos transportes para o Enterro”. A minha reação instantânea foi de total descrença. Certamente não seria possível que algo desta natureza tivesse acontecido. Mas fui contextualizado e, quanto mais compreendi o que se havia passado, percebi que era factual e que soluções não se avistavam. Terão sido, provavelmente, os dias de maior tensão deste mandato e penso que qualquer presidente, apesar de serem “apenas” autocarros, tem plena consciência de como uma notícia desta natureza seria recebida pela Academia. O caos instala-se, numa semana por si só já exigente, nas vésperas de inaugurar as festas, após dois anos de pausa. Tínhamos de procurar soluções. Foi nesta busca desesperada que também conheci personagens absolutamente caricatas, passando por empresas profissionais a proprietários de barracões com três ou quatro autocarros. Não interessava de onde vinham, apenas interessava que viessem. E por fim, lá vieram. No dia anterior a começarmos, tínhamos tecido ao longo da semana uma estranha rede de autocarros de várias partes, mas que, por mais incrível que possa parecer, resultou e, aliás, terão sido dos transportes mais tranquilos e sem sobressaltos que tenho memória, no decorrer de todas as monumentais.

Sobre eventos recreativos, deixo ainda mais uma curta história, agora sobre a Recepção ao Caloiro. Após a Recepção do ano passado, com duas noites esgotadas e com sinais claros de que as infraestruturas do recinto chegavam já aos seus limites para albergar este evento, tínhamos como prioritário reformular alguns aspetos do recinto, desta forma aumentando a sua lotação e dotando-o de mais condições que permitissem o maior conforto dos participantes e, claro, a participação de mais pessoas. E assim foi. Projetamos uma zona exterior, pela primeira vez, com praça de alimentação, ajustamos o posicionamento de determinadas estruturas e duplicamos o número de casas de banho disponíveis, um dos pontos de maior stress logístico no ano anterior. Tudo estava alinhado, a reação da comunidade estudantil ao cartaz tinha sido bastante positiva e às melhorias que já tínhamos anunciado também, e até sabíamos que podíamos contar com bom tempo, algo que ajuda sempre. Até que, chega o dia, e nessa manhã recebemos uma desautorização para utilizar o espaço exterior. Note-se que, nesta fase, o exterior já estava essencialmente montado, contratos com concessões alimentares assinados e mais do que isso, já tínhamos ultrapassado largamente o limite de lotação do ano anterior, na venda de bilhetes, dado que contávamos com um recinto de maior dimensão. Novamente, o pânico instalava-se, faltavam horas para abrir o recinto, eu estava preso na Latada, mas tinha de encontrar uma solução. Um correrio de chamadas começa, primeiro, para a vereação da Câmara Municipal com quem tínhamos interagido sobre esta matéria e para os serviços da mesma, mas as horas iam passando e solução não se avistava. Por fim, tive de pedir apoio à Reitoria da Universidade nesta matéria e, conversando diretamente com o Presidente da Câmara Municipal, foi possível chegar a um entendimento, com a condição

de que, se por algum motivo corresse mal, no dia seguinte desmontaríamos o exterior voltando ao modelo antigo. Fechamos os olhos, cruzamos os dedos e seguimos, na esperança de que tudo correria bem, dado que, caso isso não acontecesse, no dia de sexta-feira, dia esse já esgotado, enfrentaríamos um mar de gente, sem espaço para o receber. Estava convencido de que, ao contrário das preocupações que eram levantadas, isto não seria uma problema, fosse por ingenuidade fosse porque, naquele momento, precisava de acreditar nisso. Independentemente disso, o que é certo é que o que tínhamos projetados concretizou-se e ficou lá montado toda a semana, abrindo, espero eu, portas para que o que fizemos estes ano se transforme na nova normalidade da Recepção ao Caloiro, tornado-o um evento mais robusto, com maior participação e qualidade.

A Viagem de uma Vida Académica é uma compilação das viagens dos 30 Presidentes da Associação Académica da Universidade do Minho, até à data do seu 45.º Aniversário. Na primeira pessoa e num registo informal, os antigos Presidentes partilham as histórias e memórias dos seus anos à frente desta grande estrutura estudantil. Convidamos toda a comunidade a folhear esta obra e a viajar pela história académica e da academia, contada pelos estudantes.



UMinho Editora



Universidade do Minho

ISBN 978-989-9074-54-5



9 789899 074545 >